

OS FURA-OLHOS (novelas)

OS FURA-OLHOS

Em um estranho mundo, fatos muitíssimo bizarros ocorrem cotidianamente incorporando-se de maneira natural a uma normalidade doentia: são as lembranças da vida, brutalmente expostas em seus momentos de agonia e aflição. Mas ainda resta um observador atento, deve haver uma esperança.

PESADELO NO BLOCO KAFKA

Um homem se vê cercado por estranhos personagens, parece não haver mais saída.

&

DEPOIS DA DESOLAÇÃO

Em meio à completa devastação, um sobrevivente solitário insiste em continuar sua luta contra a solidão e o tédio mais profundos; e talvez sua batalha tenha que ser travada consigo mesmo até que o auto-conhecimento o liberte da completa imobilidade, carregando-o para muito além da desolação.

Três mundos enigmáticos, três metáforas revelando o absurdo nosso de cada dia.

Gustavo S. Gollo

Capa: Aline Fávaro

Os fura-olhos

Capítulo I

Difícil rememorar todas aquelas reminiscências tão antigas, apenas ecos de um passado remoto. Tenho lembranças ruins e tantas vezes repassadas na mente, agora já quase reconstruções dos fatos macabros. Sei que poucos se recordam e isso me surpreende muitíssimo, embora seja tudo tão normal. Às vezes parece que nenhuma lembrança ficou para eles, nenhuma; mas outras vezes... não sei, penso seguidamente sobre isso, mas continuo sempre confuso. Por vezes, a sensação de que todos sabem de tudo e até mais do que eu sei, é muito forte, embora isso seja impossível. Não seria possível que soubessem de todas essas coisas e mesmo assim permitissem continuar a ocorrer. Além disso, sempre que comentei a esse respeito... já desisti de fazer isso. A expressão avassaladora de tristeza e espanto em todos os rostos, o choque que demonstram, a negação sistemática de tudo, a negação tão veemente. Não é possível que alguém possa saber sobre isso, mas, no entanto, é tudo tão claro, tão tremendamente explícito, evidente. E só posso perceber o mundo ser do modo como sempre o percebi, desde a infância mais remota da qual ainda tenho alguma lembrança.

Ah, a infância! Que período maravilhoso de ingenuidade e pureza. Adoro as crianças e me vejo, eu mesmo, no passado longínquo, uma criança entre as outras, correndo e brincando. Mas quando penso nisso emergem sempre as mesmas recordações, lembranças ruins tantas vezes repassadas na mente. Talvez por isso não mais me agrade ficar a observar crianças e me divertir perto delas, surge sempre a mesma premonição muito forte, os pesadelos horrendos, a sensação de que o inevitável vai ocorrer novamente.

Improvável determinar com certeza qual das recordações seja de fato a minha primeira lembrança. Elegi uma dessas reminiscências, talvez não seja realmente a primeira, mas certamente está entre elas; também não sei ao certo o quanto desse fato

é lembrança, nem o quanto é minha própria invenção inconsciente, pois já repassei a mesma recordação tantas vezes que não distingo os fatos do que acabei reconstruindo mentalmente em decorrência dos seguidos repasses, o que me faz duvidar de alguns detalhes de tudo isso, mas com certeza os fatos se desenrolaram da maneira que me lembro, ainda que com eventuais imprecisões aqui e ali, que sempre se imiscuem nas recordações muito antigas.

O pesadelo começou em um dos primeiros dias de aula, talvez na primeira semana. Eu tinha entrado recentemente na escola, mas na idade em que estávamos, dois ou três dias eram mais que o suficiente para as relações de amizade estabelecidas já parecerem duradouras. Havia conhecido poucas crianças até então, todas na vizinhança de onde morávamos, creio, embora não lembre ao certo; de qualquer forma, a escola era um mundo exuberante e tão repleto de crianças que era quase inacreditável, parecia um sonho. Lembro que algumas delas permaneciam sempre muito quietas movendo-se pouco e lentamente. Mas havia o nosso grupo, queríamos sempre correr e pular. Movimento. Acho que era a coisa mais importante para nós: movimento. Lembro da alegria que sentia ao correr, da vontade de não parar nunca, de correr, correr.

Era proibido correr.

Não podíamos correr.

Éramos obrigados a andar lentamente e queríamos obedecer, mas nós éramos rápidos.

Não havia muitos rápidos, já éramos minoria desde o início das aulas, creio que fôssemos apenas uns sete entre quinze, embora possa estar enganado, mas nós brincávamos muito e até quase corríamos, os pés cuidadosos para evitar qualquer barulho: descobrimos que a corrida silenciosa era possível.

Também lembro que os lentos tentavam nos atrapalhar e quando sentiam que nossos movimentos eram rápidos nos bloqueavam o caminho ou avisavam os professores. Mas nós éramos rápidos e eles muito lentos para nos conter. Nós brincávamos pouco com os lentos, talvez os evitássemos, mas acho que nos identificávamos muito uns com os outros para termos tempo para os lentos. Também acredito que fazíamos muito barulho, é provável que fosse assim, e talvez déssemos muito trabalho para os professores, todos eles lentos; acho que era assim. Foi então que aconteceu o pesadelo.

Sempre como no pesadelo.

O mesmo pesadelo continuamente repetido.

Lembro que eu estava eufórico com a brincadeira, todos os outros deveriam estar do mesmo modo. Acho que foi a primeira vez que brinquei de pique-pegas e achei maravilhoso; a sensação alegre da corrida, o vento sobre o corpo e a felicidade de estar correndo com outras crianças; com a euforia, talvez tenhamos nos despreocupado com a vigilância e deixado que todos percebessem nossa felicidade e correria, e então aconteceu.

Eu estava concentrado na brincadeira, acho que todos estávamos. Vi quando o menino que naquele momento perseguia os outros tropeçou em algo que talvez tenha sido o pé de um professor, não sei, mas sei que ele caiu exatamente entre dois deles, chocando-se com ambos. A agilidade que demonstraram naquele instante foi

surpreendente. Não, devo me corrigir, sem dúvida foi muito mais que isso: a agilidade dos professores no momento em que o menino tropeçou entre eles foi estarrecedora! Eles sempre se moviam muito lentamente, com passos pesados, arrastados, sem nenhuma suavidade, sem leveza, como se um cansaço enorme os houvesse abatido. No entanto, com uma agilidade inaudita, no exato instante em que o menino caiu, os professores se debruçaram, mergulharam sobre ele, seguraram-no e o comprimiram sobre os próprios corpos. O menino gritou, mas seu grito de agonia foi abafado pelos corpos. Outra criança gritou e o sangue brotou no rosto daquela que se agitava entre os professores. Talvez o grito da segunda criança os tenha levado a soltar a outra e se recompor. Continuavam agitados, mas não exibiam a raiva de antes; naquele instante ostentavam uma expressão de triunfo no rosto, uma aparência de júbilo. O menino chorava muito quando o rosto de um dos professores se fechou novamente, foi a primeira vez que ouvi aquela palavra; em um tom solene e grave exclamou: bruxaria! e imediatamente os outros assumiram a mesma postura severa, a mesma expressão de suma gravidade.

O menino ferido e ensanguentado continuava chorando muito; levava a mão ao rosto e entre soluços gritava: “meu olho, meu olho”. Uma agonia extrema embebia todos nós.

O ar de satisfação pareceu ter voltado ao semblante dos professores quando um deles sugeriu levarem a criança para a desinfecção dos olhos; naquele instante havia mesmo uma expressão de alegria em seus rostos contrastando com a feição abatida que costumavam ostentar permanentemente, uma expressão pesada, sem vida. Talvez a demonstração de contentamento tenha servido para atenuar ligeiramente a sensação de agonia e espanto que nos invadira junto com os gritos.

Dois professores levaram o menino para o interior do prédio enquanto um terceiro iniciou uma preleção para as crianças. Atraídos pela gritaria intensa, vários outros acorreram ao local apressando o passo, que mesmo assim não conseguia deixar de ser arrastado e se reuniram ao que falava:

–Bruxaria! Isso parecia bruxaria! Vocês pareciam correr como bruxos, nunca mais!, nunca mais façam isso! Não toleraremos bruxaria aqui!

A preleção prosseguiu por certo tempo e me pareceu infundável. Nenhum de nós ousava abrir a boca. Eu estava estupefato e confuso, e não entendia o que havia ocorrido, sentia uma confusão enorme. Também não entendia o que o professor queria dizer naquele tom solene e sóbrio. Não lembro dos fatos ocorridos em seguida, sei que estava demasiado confuso e em vão tentava entender tudo aquilo. Deduzi que estávamos fazendo a coisa muito errada e proibida chamada “bruxaria”, mas não conseguia entender o que fosse e nem como tínhamos feito aquilo e tudo o que eu sentia era muita confusão e culpa.

Lembranças muito antigas são também muito imperfeitas. Tudo aquilo me impressionou tremendamente, razão pela qual aquelas recordações ainda me voltam com frequência, mas só rememoro esses fatos assim em mosaico; é provável que tenha conversado com várias pessoas sobre aqueles acontecimentos tão marcantes, mas disso não me lembro. Mas lembro, ainda que de maneira imperfeita, do que ocorreu no dia seguinte.

Não recordo o nome do menino acidentado na véspera, mas quando ele chegou na escola, todos nós, os rápidos, fomos até ele; adorávamos brincar uns com os outros e quando isso acontecia os momentos eram mágicos. Mas o menino caminhava vagarosamente, arrastando os pés pelo chão, parecia ainda mais lento que os outros; era muito evidente que algo estava errado. Sobre ambos os seus olhos havia uma mancha bem escura parecendo uma máscara, mas isso não era o que mais chamava a atenção: o menino caminhava muito lentamente, com os braços estendidos à frente. Lembro quando o chamamos para brincar, acho que ele tentou correr conosco; sei que caiu e teve dificuldade para se levantar e o fez lentamente. Ficamos todos à sua volta sem compreender o que ocorria, ao menos comigo foi assim, não entendia o que se passava. Insistimos para que ele brincasse conosco, mas ele não quis, em seguida ficou muito zangado e gritou enfurecido. Nunca mais esse menino brincou conosco e se eu soube o seu nome um dia, creio que nunca mais vou lembrar. Foram dias confusos aqueles.

Acredito que todas as coisas, mesmo as mais estranhas, possam ser normais para uma criança, embora tudo seja também extraordinário para elas. Os dias seguintes pareceram amadurecer uma nova normalidade; tínhamos aprendido bastante nos dias anteriores, apesar da confusão mental que imperava, a desordem que só se desvaneceu com o tempo; demorou para tudo aquilo parecer normal.

Nosso grupo, o dos rápidos, continuava unido; permanecíamos juntos quase todo o tempo e raramente brincávamos com os lentos, que nunca conseguiam nos acompanhar. Mas depois daquele dia ficamos mais cautelosos. Evitávamos correr e quando o fazíamos não era propriamente aquele correr livre e solto, era mais um caminhar muito rápido, silencioso e preocupado. Acho que não ousávamos tocar naquela palavra, “bruxaria”, penso que ela causava em todos nós um forte sentimento de culpa, e ainda que não conseguíssemos entender o significado do termo, sabíamos ter relação com correr, razão pela qual nossa cautela se tornou extrema.

Mas os dias foram se passando e como éramos crianças a normalidade voltou.

Era um tempo de aprendizado, aprendíamos as primeiras letras e também a contar, mas durante a maior parte do tempo brincávamos. Não lembro o nome de todos os meus colegas, posteriormente acabei perdendo o contato com todos eles, mas lembro muito de Antônio, com quem brincava quase todo o tempo e de Benito, sempre conosco também. E ainda Carla, Diana. Ah, estou lembrando de muitos de nós.

Quando havia uma divisão em times, Antônio e eu tentávamos ficar no mesmo grupo, quase sempre era assim. Aprendíamos muitas brincadeiras e jogos, e inventávamos outros tantos.

Não sei quanto tempo durou nossa normalidade, mas ocorreu outro acidente muito semelhante ao primeiro. Não lembro de que brincávamos, mas eu estava um pouco distante do grupo no momento do acidente e na verdade não vi a cena. Mas em seguida quase tudo se repetiu: os gritos agudos, o choro, os professores segurando o menino. Lembro o nome dele, chamava-se Pedro. Estava de costas quando ouvi o grito e ao me voltar, Pedro estava sendo como que esmagado pelos professores. Em seguida os gritos ficaram abafados como os do outro menino. Seguiu-se o choro forte e contínuo e o mesmo grito: meu olho, meu olho.

No primeiro acidente tudo era estarrecedor, mas a nossa perplexidade era tanta que nos impedia compreender os acontecimentos. É difícil dizer que não estivéssemos perplexos no segundo acidente, mas a repetição quase exata de todo o incidente nos permitiu perceber melhor tudo o que se passava. Acho que minha sensação nesse dia foi ainda pior que durante o acidente anterior, uma agonia muito intensa. No caso precedente tudo tinha sido surpresa; dessa vez eu não podia prever um desfecho que não fosse horrendo.

Os professores Marco e Augusto levaram Pedro para a desinfecção dos olhos, enquanto o professor Porto nos repetia a preleção sobre bruxaria ouvida após o incidente anterior. Lembro de ter estado tremendamente curioso sobre o que chamavam “bruxaria”, mas não ousei fazer nenhuma pergunta, nem ao menos ousei levantar a cabeça. A preleção me trouxe de volta um enorme sentimento de culpa, acreditei estar fazendo um mal enorme com minha bruxaria e de ser, de algum modo, o causador de toda aquela agonia. Acho que todos nós, os rápidos, sentíamos o mesmo. Lembro de termos ficado calados por todo o resto do dia. Ficamos todos muito quietos e pensativos, muito apreensivos. Naquele dia não vimos Pedro novamente. Também lembro que no dia seguinte ele não foi à aula, mantendo-nos ansiosos por mais um dia, esperando o desenrolar dos fatos.

No segundo dia após o caso, Pedro voltou à escola. Demorei a reconhecê-lo quando ele apareceu. A pele em torno de ambos os olhos assemelhava-se a uma máscara escura, mas não era isso que realmente o tornava diferente. Caminhava com aquele andar muito lento que já conhecíamos, os braços estendidos à frente, os pés inseguros se arrastando pelo chão. Aquele não era o andar de Pedro, mas era como ele estava andando. Quando o reconheci me aproximei dele, outros fizeram o mesmo. Notei que um de seus olhos estava realmente ferido, ele o mantinha fechado quase todo o tempo. O outro olho tinha adquirido uma cor opaca e não mais nos seguia. Ele notou que estávamos próximos e começou a chorar. Não sabíamos o que fazer enquanto ele chorava e gritava. Foi levado para fora da sala de aula e só voltou à escola uns dias depois. Lembro que nunca mais quis brincar conosco e que se tornou agressivo. Acho que a presença de todos os rápidos o irritava muito e ele se afastou completamente de nós.

Não lembro como foram os dias posteriores a este incidente, talvez tenham sido normais, deve ter sido assim. Por outro lado é possível que eu, e todos os outros tenhamos passado por uma apreensão sem precedentes para nós. Se foi assim, a sensação de normalidade que sinto hoje impede que eu relembre esses tempos como uma época estranha. Às vezes esse episódio me parece assustador, outras vezes parece ser a pura normalidade. Lembro que, exceto para os rápidos, nada disso parecia ter a menor importância. Tenho mesmo a sensação de que os dias dos acidentes costumavam ser especialmente alegres para todos os outros. A expressão incomum dos professores após cada acontecimento desse tipo era muito clara: todos se mostravam confiantes nesses dias, pareciam transbordar uma espécie de conforto, de saciedade.

Outro incidente merece ser mencionado; ocorreu logo em seguida ao anterior, mas dessa vez as coisas foram muito diferentes. Eu não estava presente quando ocorreu, nenhum dos rápidos estava por perto. Todos sabiam que não era permitido

pular a cerca, mas sabe-se lá como, isso aconteceu. Um dos meninos lentos, não lembro seu nome, conseguiu escalar a cerca e pulou para fora da escola, mas escolheu um péssimo lugar, caiu sobre uma forte irregularidade do terreno e quebrou a perna. Todos ouvimos a gritaria e nos dirigimos para o local. Como o menino se encontrava fora da escola, demorou a ser atendido, então chegamos a tempo de perceber como o professor Marco o acolhia. Eu esperava uma daquelas preleções veementes condenando a ação do menino que pulara a cerca, mas nenhuma palavra de zanga foi pronunciada. Este incidente causou uma consternação enorme em toda a escola. De acordo com os professores aquele menino era ótimo, e merecia todo o nosso cuidado e apoio. Lembro que fiquei surpreso ao ouvir os elogios dirigidos ao colega, que eu sabia ser antipaticíssimo e irascível. Tínhamos muito pouco contato com os lentos, mas esse, em especial, sempre tentava se interpor em nosso caminho de modo inamistoso quando passávamos por ele. A consternação geral pelo ferimento na perna do menino durou uns dois dias, e foi isso que rompeu o clima quase festivo em que a escola se encontrava.

* * *

Usávamos uniformes comuns, short e camiseta, enquanto os professores vestiam as pesadíssimas roupas tradicionais, cravejadas de cones protuberantes que se distribuía por toda a extensão das longas túnicas, exceto nas costas, concentrando-se especialmente nas regiões do joelho, cintura e peito. Os cravos pontiagudos e ásperos forjados em estranho e indecifrável material que adornavam as vestes habituais dos professores variavam em comprimento desde um, até uns quatro ou cinco centímetros.

Talvez tenha sido o clima de consternação causado pelo acidente na cerca, talvez não tenha havido razão nenhuma, mas um novo acidente ocorreu logo em seguida. Creio que esses três incidentes aconteceram na mesma semana, não sei ao certo, mas sem dúvida ocorreram em um período muito breve, acho que desta vez tive sorte. Estávamos brincando de pique e não percebemos a aproximação dos professores; sempre evitávamos brincar perto deles. Eu tentava pegar um dos colegas, João, e já estava muito perto dele; mais uns poucos centímetros e meus dedos o tocariam. Acho que ele ousou correr na direção dos professores para escapar de mim, mas quando passava bem perto deles, de algum modo tropeçou e foi imediatamente agarrado pelo professor Augusto. Eu vinha correndo logo atrás e tropecei nos pés de alguém, mas por uma sorte extraordinária rolei longamente pelo chão, enquanto os braços dos professores vasculhavam com avidez o espaço sobre mim. Naquele momento tive a estranha sensação de estar sendo caçado, mas me afastei agachado e em completo silêncio, e enquanto os braços se agitavam em minha direção eu me afastava para outra até que eles desistiram. Mas eu estava perto o suficiente para perceber em detalhes a cena de horror se desenrolando à minha frente: o professor Augusto segurava João pelo braço com firmeza, perto do ombro, enquanto, com a outra mão, comprimia e esfregava o rosto do menino contra seu corpo, na altura da cintura onde se concentravam os cravos da túnica.

Não sei quanto tempo durou tudo aquilo, e nem sei como é que o tempo passa nesses momentos, mas os braços me perseguiram e eu me esquivei, e a expressão do professor era de prazer e ódio enquanto ele esmagava João, e suas mãos eram tesas, e os espinhos das túnicas arranhavam o rosto do menino, e eu ouvi o grito de agonia que continuou ecoando em minha cabeça através dos anos apesar de ter sido fortemente abafado pelo corpo enorme que comprimia, esmagava e dilacerava o pequeno rosto.

E havia sangue no rosto de João.

A respiração do professor era muito forte fazendo todo o seu corpo ondular, até que o professor parou de comprimir a criança sobre seu corpo, restando apenas o choro forte. E João cobria um dos olhos que se encontrava ferido e já nitidamente inchado, mas seu outro olho não estava opaco em meio ao rosto ensangüentado, e vasculhava ao redor.

Mas João foi levado para a desinfecção dos olhos.

No dia seguinte o menino adentrou lentamente a escola com a máscara escura de tinta em torno dos dois olhos opacos. E João foi mais um dos que nunca mais brincou conosco.

Os dias que se seguiram foram de absoluta normalidade. Acho que nós, os rápidos, nos uníamos mais após cada um daqueles incidentes, mas para todos os outros, aqueles estranhos episódios pareciam nem ser notados e tudo lhes era normal. Pensando bem, de algum modo isso não era exatamente assim. Não sei como essas coisas se passavam, mas, ao que parece, esses acidentes marcavam fortemente a vida dos que os sofriam. Eu notava a mudança no comportamento deles, tornavam-se lentos e passavam imediatamente a evitar o contato com os rápidos, mas, provavelmente, isso não era tudo o que ocorria. Acredito que eles mergulhavam em um estado de depressão ou algo similar, e embora não saiba ao certo o que lhes acontecia; seus pais sempre notavam a mudança, razão pela qual houve queixas contra a escola. A ocorrência de tantos acidentes em um período tão curto evidenciava a existência de falhas graves. Os professores insistiram em que era normal alguns alunos passarem por uma fase de aversão à escola e logo se readaptariam, mas os pais estavam insatisfeitos, consideravam admissível a ocorrência de acidentes eventuais, mas sua repetição sucessiva não podia ser tolerada. Os professores alegaram que o único acidente de proporções relevantes tinha ocorrido com o menino na cerca, e que os outros supostos incidentes não passaram de arranhões ligeiros e prontamente sanados com a desinfecção dos olhos, mas os pais dos meninos acidentados alegaram sentir fortes mudanças em seus comportamentos e que os tais acidentes, por alguma razão, tinham sido muito traumáticos para seus filhos, de maneira que não poderiam continuar a ocorrer. Muitos pais foram solidários com a argumentação e creio que isso fez com que os professores tomassem precauções para evitar a ocorrência de novos acidentes. Em consequência das reclamações dos pais foi feita uma reforma na cerca, e outras providências foram tomadas para evitar quedas e possíveis causas de acidentes e, de fato, algo realmente mudou, já que após a sucessão de acidentes houve um longo período em que nenhuma tragédia digna de nota sucedeu na escola.

Foram dias maravilhosos que duraram um tempo imenso. Todos aqueles eventos estranhos ficaram no passado, podíamos brincar com uma quase naturalidade deliciosa. Ainda era proibido correr, mas nós o fazíamos com uma certa frequência, quando estávamos longe dos professores. Sabíamos que eventualmente alguns dos colegas lentos delatavam nossas corridas, mas aquilo acabou sendo uma transgressão menor e tolerada, desde que feita longe dos professores.

Foi um período magnífico, embora minhas lembranças da época sejam muito vagas, apenas umas sensações esparsas que retornam, uns recortes de cenas eventuais e muito rápidas. Não tenho longas recordações desses tempos, mas inúmeros lampejos que me causam uma sensação agradabilíssima. Estou notando, nesse instante em que escrevo, que um sorriso me vem aos lábios ao pensar nessa época. Aqueles foram mesmo dias muito felizes; como era bom poder brincar com tantas crianças. O espaço do pátio me parecia enorme e repleto de inúmeros esconderijos e locais para correr e pular. Lembro que o tempo passava vagarosamente, e que um ano era quase eterno.

Durante essa curta eternidade que durou até ao final do ano escolar vivemos uma felicidade ao mesmo tempo plácida e exuberante. Os medos e inseguranças foram deixados para trás, pareciam coisas distantes, quase irreais. Acho que era assim para todos nós, uma confiança crescente, a sensação de que tudo aquilo duraria para sempre.

Uma de minhas lembranças mais nítidas foram os preparativos para a festa de encerramento do ano letivo. Nós ajudávamos a preparar a festa. Não sei se a palavra “ajudar” descreve o que acontecia, de qualquer forma participávamos dos preparativos com prazer. Lembro que nos explicaram que o ano escolar estava acabando e entraríamos em férias. Não sabíamos o significado disso, mas nos explicaram que, por um certo período, a escola ficaria fechada, e nós não voltaríamos a ela até o reinício, no ano seguinte; acho que todos nós ficamos chateados com esse fato. Eu raramente encontrava crianças em outros lugares, o que tornava a estada em casa muito monótona e desprovida de brincadeiras, enquanto a escola era aquele verdadeiro paraíso para os folguedos em grupo, e além de tudo havia os rápidos! Nós adorávamos nos encontrar e isso significava estar na escola.

A festa!

Haveria música!

E músicos!

Estaríamos tristes pela iminência do encerramento do período escolar, mas em poucos dias ainda haveria a festa que sabíamos, seria maravilhosa. Todos adorávamos música. Não lembro de ter presenciado a execução de música ao vivo até então; tinham-nos dito que os músicos trariam seus instrumentos e tocariam para nós. Tentamos adivinhar a forma dos objetos cujos belos sons conhecíamos, e que pareciam mágicos e benévolos. Perceber a música sendo criada à nossa frente pareceria um sonho, e os professores descreveram isso de uma forma poética que nos fazia esperar uma maravilha nova e encantadora. A expectativa era enorme.

E também iríamos dançar!

Nunca me entusiasmei com a dança, coisa que alguns adoram. Mas os professores nos falaram sobre a dança, narraram as sensações maravilhosas que

sentiríamos enquanto dançássemos, como estar voando, ou algo assim, e todos nos entusiasmamos. As meninas ficaram especialmente entusiasmadas, algumas já sabiam dançar e adoravam, e nos disseram que era realmente magnífico, “a melhor coisa da vida” (é surpreendente que eu ainda hoje lembre com clareza que Carla usou exatamente essas palavras).

E então fomos aprender a dançar.

Era divertidíssimo, uma verdadeira bagunça, e podíamos nos movimentar livremente. A alegria geral era contagiante. Carla rodopiava pelo salão, os meninos se sacudiam e se agitavam tentando fazer o mesmo, e todos ríamos muito. Estávamos todos juntos, o que raramente acontecia. Os lentos sempre haviam nos excluído de suas brincadeiras, e depois de um tempo acabamos agindo de forma recíproca, de modo que não era comum participarmos de qualquer atividade como se fôssemos um único grupo, mas era o que estava acontecendo naquele momento raro. Os lentos se sacudiam do modo contido que já conhecíamos, mas os rápidos estávamos muito engraçados.

Eu queria dançar com Carla, quero dizer, queria ficar me movimentando e me sacudindo em frente a ela enquanto ela se movia graciosamente; acho que todos queriam o mesmo que eu, ela era o centro das atenções, estava uma verdadeira princesa.

Creio que houve uma queixa de indisciplina, estávamos muito excitados, numa agitação enorme. Então houve uma ordem para que nos aquietássemos para a designação dos pares, e assim o fizemos. Muitos pares se formaram naturalmente quando um menino e uma menina se aproximaram um do outro e disseram: eu danço com você. No entanto, vários meninos queriam dançar com Carla. Não sei se alguma outra menina chegou a ser disputada, e também não sei se algum menino o foi, mas vários queriam dançar com Carla. Eu também queria dançar com ela, Carla estava maravilhosa fazendo aqueles movimentos tão leves harmoniosos. Então um dos professores resolveu a disputa. Colocou os pares já formados de um lado, enquanto emparelhava os demais.

Lembro que Carla queria dançar com um dos meninos, não lembro qual. Sei que não era comigo que ela queria dançar, mas com algum dos rápidos, é claro. Mas os pares foram formados pelo professor, e a ela coube um dos meninos lentos.

Então fomos fazendo o que o professor nos ensinava: segurando a cintura das meninas, nos movíamos para um lado e para o outro. Eu dançava com uma menina lenta, e lembro que achei agradável estar segurando a cintura dela, mas era impossível deixar de prestar atenção em Carla. No princípio ela seguiu as instruções do professor, mas logo reiniciou os movimentos que executara antes. Seus braços, pernas, seu corpo, tudo era lindo naquelas ondulações suaves que ela executava continuamente. Acho que eu continuei a me mover mecanicamente seguindo as instruções, mas minha atenção estava toda voltada para Carla.

Não lembro que ela fosse especialmente atraente, penso que não era, mas quando começava a dançar ela me hipnotizava. Eu devo ter ficado em transe por algum tempo; como Carla era admirável dançando! E dançava magnificamente sem permitir que seu par enlaçasse sua cintura; uma de suas mãos se mantinha atada à do menino lento, mas seu corpo ondulava livremente. Havia um menino rápido, não

consigo lembrar qual, que dançava com uma das meninas lentas, mas se mantinha em frente a Carla. Até me pareceu que um dançava com o outro, embora cada um dos dois tivesse seu próprio par.

Não sei bem o que aconteceu, mas as meninas começaram a reclamar que Carla esbarrava nelas, e seu par reclamou que ela estava fugindo dele e não seguia as instruções. Então começaram uns empurrões, e em instantes todos se empurravam e o que era dança virou balbúrdia, e a felicidade tornou-se raiva, e a confusão descambou para a gritaria e agressões generalizadas.

Os professores intervieram com energia, deram muitos gritos, não foi fácil voltar à ordem. Mas os ânimos se acalmaram e quisemos recomeçar a dança. Foi necessário que insistíssemos muito para a dança recomeçar, e os professores aquiesceram, mas o professor Marco insistiu que Carla, a causadora da confusão, teria que ficar de fora da dança. As outras meninas concordaram com isso, e apoiaram veementemente a decisão, mas alguns meninos se rebelaram. Não queríamos dançar sem Carla. O professor Marco ponderou que como tínhamos que aprender a dançar para estarmos preparados para a festa de encerramento do ano, voltaríamos a dançar. Mas Carla dançaria com ele. Concordamos felizes, apesar de uns poucos protestos de meninas que queriam que Carla fosse excluída da atividade.

A dança recomeçou e, como mágica, a imensa felicidade voltou. Eu segurava a menina lenta pela cintura, nossos corpos ficaram bem próximos um do outro. Lembro do rosto dela, concentrada em se mover corretamente. Também lembro de sentir que até aquele momento ela era estranha para mim, como se não a conhecesse, mas no momento em que começamos a dançar senti uma estranha proximidade com ela, na verdade lembro de ter sentido uma forte sensação de intimidade muitíssimo agradável.

Em seguida reparei que Carla dançava. Tinha percebido no início da dança que Carla estava segura pelo professor, que parecia um gigante à sua frente. Mas ela deve ter se libertado enquanto ele passava as instruções para todos nós. E novamente me senti hipnotizado pela graciosidade de seus movimentos, mas novamente começaram os gritos e empurrões, e o professor Marco, muito exaltado, puxou Carla de encontro a seu corpo. Os empurrões pararam com os gritos do professor, ao mesmo tempo em que ele comprimia o rosto da menina sobre seu corpo com raiva, e gritava que ela tinha que ficar quieta e parar com aquilo, e que ela era culpada por toda aquela confusão... e ele gritou muito, eu sentia uma espécie de agonia, não sei descrever.

Agonia. Acho que era agonia.

Eu dei uns passos para trás, me afastei, acho que os outros rápidos fizeram o mesmo. Houve um grito de um aluno, outro também gritou. Acho que vários de nós gritaram. Houve muitos gritos que não eram de Carla, mas ela gritou mais que todos. Em seguida ouvimos seu choro, muito forte. Carla não costumava chorar à toa. Não me lembro de ter ouvido Carla chorar em nenhuma outra ocasião. Mas naquele momento ela chorou muito, tanto que os professores ficaram preocupados a ponto de a levarem para a desinfecção dos olhos.

No dia seguinte houve a festa de encerramento do ano escolar.

Capítulo II

Não havia muitas crianças na vizinhança e eu poucas vezes saía de casa, razão pela qual as férias foram longas e tediosas. Foi assim por muito tempo, até que eu tivesse idade para me locomover sozinho pelas redondezas; se há algo de que me recorde dessa época é da monotonia, embora isso não seja propriamente uma lembrança, trata-se mais de uma espécie de sensação quase ininterrupta. Mas o tempo acabou passando, as aulas recomeçaram e então houve o reencontro no primeiro dia, quando quase todos estavam mudados, parecendo maiores e mais desenvolvidos. Foi maravilhoso rever Antônio, Benito e Diana.

Agora tínhamos professoras, os antigos professores continuariam a cuidar dos mais novos. Já não éramos os menores da escola, acho que exultávamos com isso.

As professoras andavam lentamente, mas tinham uma expressão bondosa na face e vozes doces, e eu me afeiçoei a elas assim que as vi. Neste ano, todos teríamos que aprender a ler. Iríamos aprender muitas outras coisas, mas aprender a ler era o mais importante. Eu já conhecia bem as letras, e as perfurava no papel de maneira bastante hábil para a minha idade. Aprendemos a perfurar as letras de modo legível, reconhecíveis ao primeiro toque, era importante que fosse assim.

Passávamos mais tempo em sala de aula do que o fizéramos no ano anterior, embora gostássemos mais quando podíamos correr ao ar livre, mas ainda brincávamos bastante fora do prédio. As brincadeiras no pátio eram, sem qualquer sombra de dúvida, o melhor momento da escola; durante aqueles instantes sentíamos intensamente que nós, os rápidos, estávamos de volta!

Nossa situação havia mudado um pouco, não continuamos exatamente no mesmo local que no ano anterior, destinado exclusivamente aos menores, que agora já não éramos nós; passamos a ter muito mais espaço para brincar, mas o dividíamos com os meninos das outras turmas, todos eles maiores que nós, alguns ameaçadores.

Logo no primeiro dia, enquanto brincávamos ao ar livre e um pouco afastados do prédio, ouvimos um chamado:

– Ei!

– Ei, vocês.

Nós ouvíamos aquela voz vinda das árvores logo à nossa frente, mas ninguém estava por lá.

– Ei. iú ru ru.

O estranho som vindo do nada foi seguido por uma risada. Aquilo parecia algum fenômeno fantasmagórico e nos deixou temerosos; talvez fosse bruxaria, ou coisa de outro mundo; como não havia ninguém por lá, deveria ser algo sobrenatural e invisível como uma alma; o medo que se abateu sobre nós era avassalador, beirava o pânico.

– Vocês mesmos seus bobalhões!

E ninguém por ali. Passamos a nos mover lentamente, conversando uns com os outros em voz bem baixa, mas continuamente para evitar o silêncio amedrontador.

– O que será?

– Estou com medo.

– Será bruxaria?

– Acho que é alma.

Algo estranho e assustador estava realmente ocorrendo, havíamos rodeado todas as árvores e não havia ninguém escondido atrás delas; foi quando ouvimos um barulho ainda mais atemorizante, um uivo longo e sinuoso:

– Uuuuuuu uuuuuu

– Isso está muito esquisito, melhor entrarmos no prédio.

Sobreveio uma estrondosa gargalhada, e alguém teve a estranha idéia de erguer a cabeça. Para enorme surpresa de todos, havia um menino no alto da árvore! Talvez tenhamos ficado ainda mais assustados com essa extraordinária constatação e recuamos uns passos ao constatar a presença inesperada. Mas precisamos de apenas uns poucos instantes para perceber que o ser sobre a árvore não passava de um menino, o que não deixava de ser absolutamente surpreendente: como ele teria voado até lá?

Nunca tínhamos visto pessoas sobre uma árvore, e nunca tínhamos nem ao menos imaginado a possibilidade de subir em uma delas, então, a presença daquele menino ali no alto era quase incrível. Além disso, ele se agigantava lá em cima, parecia ter a altura enorme em que sua cabeça se encontrava. O menino gigante disse lá do alto:

– Quem quer subir aqui?

Ficamos confusos com a proposta, como seria possível subir até lá? Alguém perguntou:

– Você sabe voar?

Para nós a pergunta fazia sentido, aquilo parecia mágica e qualquer que fosse o artifício que ele tivesse usado para alcançar aquela altura seria plausível. Teria sido inacreditável se qualquer pessoa tivesse nos dito que poderia chegar lá.

Logo viríamos saber que o menino se chamava Carlos, ele deu nova gargalhada e disse:

– Qualquer um consegue chegar aqui, basta subir!

Aquilo, definitivamente, só podia ser mentira. Aguardamos calados enquanto Carlos iniciava a descida da árvore. Ficamos estupefatos com seus movimentos, como se agarrava à árvore e se locomovia, ora por trás, ora pela frente dos galhos.

Desde o primeiro momento percebemos que aquele menino era rápido, esta sensação era inequívoca, provavelmente pelo modo como ele movia a face em direção a nós enquanto falava. Mas, aquela descida da árvore tinha sido absolutamente magnífica, coisa de magia. Imaginei que aquele menino seria muito mais rápido que todos nós, e com muitos outros poderes. Perguntei:

– Você sabe fazer outras mágicas?

– Isso não é mágica, qualquer um pode fazer, tenta que você consegue.

Não acreditei muito naquilo, mas me dirigi ao tronco da árvore e a abracei, com braços e pernas.

– Não é assim, você tem que subir.

Soltei-me da árvore e permaneci em frente a ela sem saber o que fazer.

– Deixa eu mostrar.

Aquilo deu um certo trabalho, mas ele nos ensinou a subir em uma árvore, e nos sentimos mágicos. Aquela árvore passou a ser o nosso local predileto, e foi assim por muito tempo, ali tínhamos uma sensação de segurança total, como se ficassemos inatingíveis, acima do mundo. Até hoje eu tenho um sentimento agradável quando lembro daquela árvore, além disso, gosto das árvores em geral, que, desde essa época, sempre evocam uma sensação de segurança muito forte quando estou perto delas, além disso, constituem esconderijos extraordinários, frequentemente salvadores.

Carlos foi aceito imediatamente por nosso grupo. No dia seguinte incorporamos mais três outros membros: Fred, o amigo inseparável de Carlos, e ainda Marcelo e Suzana. Fred era um pouco menor que Carlos, mas também sabia fazer inúmeras coisas extraordinárias, assim como Suzana. Marcelo era menor que ambos, e também fazia muitas das coisas impressionantes que os outros faziam. Com o tempo percebemos que Fred não conseguia fazer todas aquelas coisas espantosas e que ele costumava mover a cabeça de uma forma diferente sempre que mostrávamos algo para os outros, mas acabava percebendo a que nos referíamos, o que nunca acontecia com os lentos. De qualquer forma, muitas vezes ele parecia se mover à maneira dos lentos.

Foi com todas essas pessoas impressionantes, além dos antigos Antônio, Benito e Diana, que compusemos o nosso novo grupo. Quantas descobertas nos primeiros dias. Quantos esconderijos novos, e quantas novas “magias” aprendidas com os meninos mais velhos. Tudo aquilo era mesmo magia, e teria sido impensável que aprendêssemos tanto sem eles.

Durante as aulas, nossos novos companheiros, é claro, se separavam de nós. Nossa professora, tia Luzia, tinha a voz mais doce que já ouvi. Era bom estar perto dela, que quase nunca era severa, embora uma coisa a perturbasse muitíssimo: não permitia que nos aproximássemos da área dos meninos mais novos, dizia que os professores de lá não gostavam de bisbilhoteiros por perto, e que não devíamos nunca nos aproximar de lá. Talvez tenha sido a veemência dessa proibição que fez com que nossa curiosidade natural fosse contida, mas talvez tenha sido um outro fato que garantiu que apenas pouquíssimas vezes tenhamos metido o bedelho em nossa antiga área.

Apesar da proibição, um dia fomos bisbilhotar os meninos mais novos. Senti saudades do lugar onde costumava brincar no ano anterior; as crianças novas pareciam intrusas naquele antigo mundo, mas eram como nós um ano antes. Os professores não estavam no pátio e nós ficamos acompanhando tudo à distância, do nosso lado da cerca. Logo nos primeiros dias tínhamos bastante curiosidade e saudades daquele local, mas a aparição constante de nossos antigos professores, Marcos e Augusto, por lá, nos causava certas sensações desagradáveis. Todos tínhamos temor e aversão a eles, e quando os percebíamos, nos acautelávamos e nos afastávamos. Essas mesmas reações despontavam naturalmente em todos nós.

Mesmo assim fomos todos ver os alunos novos; tínhamos especial interesse em descobrir se havia entre eles alguns que não fossem lentos. Permanecíamos imóveis e em silêncio, percebendo as coisas através da cerca viva, mas ficamos petrificados com a aparição dos professores no outro lado, o que talvez tenha nos impedido de debandar, apesar de termos combinado que ninguém poderia se retirar. Creio que foi assim, e que tenhamos ficado mesmo imobilizados pelo medo que eles nos causavam. Talvez tenha sido uma mera coincidência, não sei, mas exatamente no dia em que mais nos aproximamos da cerca ocorreu tudo aquilo. Percebemos que havia meninos rápidos entre os novos, e isso nos alegrou, alguns deles certamente nos perceberam também, e se aproximaram de nós, do outro lado da cerca. Não sei como ninguém notou isso, mas um dos professores também se aproximou, e irrompeu surpreendentemente no meio do grupo. Todos nos assustamos, vários de nós gritamos pelo susto, os meninos pularam mas um deles foi agarrado pelo professor que o apertou contra o corpo enquanto falava, ou melhor, rosnava com muita raiva, que não era permitido se aproximar dos bruxos.

Nós já conhecíamos aquele grito abafado, e aquele choro forte. Também conhecíamos a ordem para a desinfecção dos olhos. Os meninos do outro lado estavam atônitos, mas éramos nós os mais apavorados. O menino foi trazido para a desinfecção no prédio em que tínhamos nossas aulas. Quando o professor cruzou a porta da cerca, todos nós fugimos apavorados. Escalamos duas árvores vizinhas, e lá ficamos em silêncio e imóveis por um longo tempo. Ficamos todos muito agarrados à árvore, e o único movimento a que nos permitíamos era o de temor.

Foi um dia estranho. Carlos e Suzana nos contaram que tinham visto aquilo acontecer com a nossa turma, eu não lembrava que eles tivessem estado lá, mas Antônio lembrou ter notado alguém do outro lado da cerca durante um dos acidentes, e ficou surpreso de que fossem eles. Depois desse incidente passamos a evitar qualquer aproximação da cerca. Mesmo assim, não foram poucas as vezes em que ouvimos os gritos que vinham do outro lado. Naquelas ocasiões voltava a sensação de agonia, a vontade de nos esconder, de nos encolher, de sumir. Isso aconteceu muitas vezes, não só naquele ano, mas em todos os outros que passamos na escola. De qualquer forma os gritos vinham sempre do outro lado da cerca.

Os meninos mais velhos nos ensinavam muitas coisas. Sempre nos escondíamos para falar dos assuntos de bruxaria, fortemente proibidos. Aprendemos inúmeras palavras mágicas, como “cor”, talvez a mais linda, ou “ver”, que corresponde ao maior de todos os poderes mágicos. Mas não vou me estender sobre esses assuntos secretos e incompreendidos, pois sempre que falo neles surgem desentendimentos; aprendi com os anos que é melhor parar por aqui. Devo enfatizar, no entanto, que não sou um bruxo, embora algumas vezes tenha sido considerado como tal. De qualquer modo, quando éramos crianças realmente conversávamos com certa frequência sobre esses temas místicos, coisa comum na infância, como todos sabem. Além disso, as acusações e boatos sobre bruxos são muito frequentes em nossos dias, e quase sempre trazem imensos aborrecimentos.

Tia Luzia, nossa professora, era tida como bruxa, o que deve ter causado inúmeros problemas para ela, pessoa extremamente bondosa e afável. Também era tida como excelente professora, e o era realmente; foi só por essa razão que conseguia

trabalhar com crianças, fosse ela apenas uma boa professora e certamente teria sido afastada de nós. Outro fato deve ser mencionado. Um de nossos colegas rápidos era filho de tia Luzia. Essa dupla relação de filho e aluno deve ser, em geral, bastante inconveniente, mas nesse caso em especial, parece ter sido benéfica para todos nós.

Tia Luzia não era tão lenta quanto parecia, apesar do andar e dos modos iguais aos de todos os lentos; algumas vezes ela erguia a cabeça à maneira dos rápidos, o que, creio, todos acabamos notando, apesar de termos demorado anos a fazê-lo. Foi só no último ano do colégio que uma das meninas, Diana, teve esta suspeita, confirmada em seguida. Sei que ela ocultava com maestria que era diferente dos outros, mesmo assim parece estranho que tenha conseguido nos encobrir tal fato por tanto tempo, apesar de nossa constante proximidade. Acredito que isso só ocorreu devido à surpresa extrema que advinha da descoberta de que uma professora poderia ser rápida; por muito tempo acreditamos que essa era uma característica exclusiva dos de nosso grupo.

Ela era “a bruxa”, inúmeras vezes ouvimos as pessoas se referindo a ela dessa maneira. A nós nos chamavam “os bruxinhos”. Ela não permitia que fôssemos chamados assim em sua frente, mas longe dela era assim que se referiam a nós.

Existem aqueles que gostam de ser considerados “bruxos”, coisa que inspira temor. No entanto, se somos tidos como bruxos, inevitavelmente, atraímos para perto as pessoas que passam por maus momentos e querem ferir outras pessoas, conforme tia Luzia nos ensinou. Muitas vezes nos sentimos tentados a passar por bruxos para atemorizar as pessoas e lhes causar admiração, mas isso sempre nos trouxe problemas. Tia Luzia nos fazia ver que as coisas eram assim, e que devíamos ocultar nosso poder especial, o de sermos rápidos. Acho que a maior preocupação que ela tinha conosco era essa, a de evitar que nossa rapidez fosse percebida pelos outros.

Em geral, as turmas mudavam de professora a cada ano; por alguma razão, que não deve ter sido a pura sorte, ficamos todo o tempo com tia Luzia, hoje tenho certeza de que foi ela quem resguardou nosso poder, pois éramos demasiadamente jovens para resistir às investidas dos professores.

Carlos e Suzana terminaram o último ano da escola e nos deixaram, depois nunca mais encontrei nenhum dos dois. Isso foi logo no início, no final do nosso primeiro ano com tia Luzia. Sempre quis encontrar Carlos novamente, ele nos ensinou mais que qualquer outra pessoa, foi o grande herói de todos nós. Lembro de que certa vez pensei tê-lo encontrado, e isso ocorreu já um bom tempo depois que ambos havíamos deixado a escola. Passei, na rua, por um menino cujas feições eram muitíssimo parecidas com as de Carlos, embora fosse um menino lento, o que me levou a concluir que não poderia ser ele. Na verdade eu já havia cruzado com esse menino muitas vezes antes, mas nada nele tinha me chamado a atenção, só depois percebi que sua aparência era tão incrível e surpreendentemente parecida com a de Carlos, apesar do modo de andar e de se mover tão completamente diferentes. Nunca mais nenhum de nós teve notícias dele ou de Suzana.

Tenho saudades desses anos, muito bons apesar de umas poucas recordações ruins. Houve, é certo, um caso que nos inspirou muito temor: foi após uma daquelas choradeiras fortes que aconteciam no local dos mais jovens. Quando o choro era muito forte, um dos professores costumava trazer o menino em prantos para o nosso

prédio. Uma única vez acompanhamos todos os acontecimentos que se seguiam; fizemos isso com extrema cautela e com um pavor tão grande que não sei como o conseguimos superar. O professor Marco, seguido pelo professor Augusto, carregou o pequeno menino para um lugar chamado enfermaria, apenas um depósito praticamente vazio. Augusto pegou um vidro de remédio na única prateleira da pequena sala, e embebeu um chumaço grande de algodão no líquido contido no recipiente. Enquanto Marco segurava a face do menino, Augusto esfregava o algodão sobre os olhos da pequena criança que chorava, gritava, se contorcia e esperneava muito. A operação foi repetida mais de uma vez, e saímos de lá enquanto a coisa toda ainda acontecia. Quando relembro tudo isso ainda me volta a mesma sensação desagradabilíssima, uma agonia que me passa pelas costas, uma vontade de retorcer meu próprio corpo. Todos nós sentimos o mesmo, mas, nada pudemos fazer: aquilo era a desinfecção dos olhos, e era assim que devia ser feita.

Tia Luzia nos disse muitas vezes, e em segredo, que nunca deveríamos permitir que desinfectassem nossos olhos, que tentássemos fugir a todo custo se nos pegassem para isso, mas que nunca contássemos para ninguém que ela tinha nos dito aquilo; esse era o nosso maior segredo.

Além desse, lembro apenas de um duplo episódio muito marcante. Marcelo e Fred se juntavam a nós sempre que possível, apesar de não pertencerem à nossa turma. Eram um pouco mais velhos, um pouco mais adiantados. Fred conseguia ser aceito, em parte, pelos lentos, e creio que Marcelo se sentisse muito solitário quando não estava conosco, era um menino franzino, ao contrário de Fred, grande e corpulento. Ocorreu uma briga em plena sala de aula, os dois meninos contra muitos outros. Apesar de forte, Fred foi seguro pelo grupo numeroso e apanhou muito. Acabou machucando o olho na confusão. Marcelo também apanhou muito, mas conseguiu evitar que o jogassem ao chão, o que o resguardou de danos maiores. Não sei se foi no mesmo dia, ou se no seguinte, mas Fred e Marcelo, os dois amigos, brigaram um contra o outro. Parece que Fred queixava-se de que Marcelo o houvesse traído. Os outros meninos se envolveram na confusão e Marcelo acabou também com os dois olhos machucados.

Lembro que os dois meninos, nossos amigos de quem gostávamos tanto, ficaram completamente transtornados e passaram a se meter em confusões quase diárias. Depois desse incidente era raro o dia em que ambos não se envolviam em brigas, pareceu que o mundo deles foi transformado em um imenso ringue de lutas. Por algum tempo tentamos estabelecer contato com ambos, mas foi impossível: após uns poucos minutos de conversa eles invariavelmente partiam para cima de nós com agressões físicas, agiam de forma descontrolada como se houvessem passado a ter um imenso ódio do mundo. Após algum tempo, a saudade que sentíamos por eles foi transformada em um sentimento rancoroso e passamos a evitar os dois com bastante determinação, mas depois, uma coisa curiosa aconteceu conosco. A saudade de nossos velhos amigos Marcelo e Fred voltou, mas era a saudade de dois meninos que já não existiam mais. Para nós aqueles dois brigões irremediáveis eram outros meninos, embora os antigos tivessem voltado a permanecer em nossas conversas, memórias e esperanças.

Aconteceu uma outra coisa diferente nessa época: até então, lentos e rápidos se mantinham relativamente afastados, como se habitassem dois mundos diferentes, mas ao mesmo tempo próximos, no entanto, depois desses episódios, de algum modo estranho, nós os rápidos passamos a ser o centro das atenções. Os lentos passaram a falar muito de nós e nos tornamos o grande alvo da curiosidade de todos eles. Mas não gostávamos do modo como falavam, por algum motivo tinham muita raiva de nós. Tenho certeza que eles iniciaram as agressões e então revidamos; os lentos não tinham nenhuma chance contra nós e talvez isso tenha facilitado a aceitação da ordem de tia Luzia para que nunca revidássemos contra eles, que apenas nos defendêssemos. Depois disso, nós nos mantivemos realmente afastados de todos os lentos da escola. Acho que, para eles, nos transformamos em seres quase que fantasmagóricos: nunca mais deixamos que percebessem com nitidez a nossa presença e passamos a evitá-los ativamente, creio que isso fez com que o temor que já sentiam por nós crescesse enormemente.

E assim o tempo passou, passaram-se os longos anos de infância e o dia do encerramento do último ano acabou chegando.

Nenhum de nós quis participar da festa de encerramento.

Capítulo III

Certos períodos em nossas vidas são mais significativos que outros. Quando somos jovens ou crianças, passamos coletivamente pelos momentos de transição e nessas ocasiões percebemos que estamos ficando maiores, mais maduros e quando olhamos para nós mesmos nos imbuímos, com certa solenidade, das novas responsabilidades. Foi assim o nosso ingresso no ginásio. Não mudamos de escola, quase todos continuamos lá, mas trocamos para o turno da manhã; tínhamos nos tornado meninos grandes, motivo de orgulho, mas de certa apreensão. Percebíamos que estávamos crescendo e isso era bom, pois nos propiciava mais liberdade e segurança.

Todos nós, os rápidos, éramos bons alunos, o que facilitava muito as nossas vidas escolares. Sei que alguns dos lentos labutavam intensamente para tentar acompanhar o nosso ritmo de aprendizado, o que transtornava um pouco a vida deles, mas nós, os rápidos, aprendíamos tudo o que nos ensinavam na velocidade habitual com que fazíamos todas as coisas.

Tia Luzia já não nos acompanhava e sentíamos falta dela, mas estávamos adorando pertencer ao grupo dos grandes. Também lembro que, logo no início, muitos se admiraram conosco. Talvez tenhamos feito exposições de algumas de nossas habilidades para eles, não sei, mas sei que essa admiração logo se transformou em desconfiança e não demorou para que fôssemos conhecidos em toda a escola como “os bruxos”. Às vezes isso parecia ser bom por amedrontá-los, contudo, passaram a nos evitar, e até a nos hostilizar quando se encontravam em superioridade numérica.

No final da semana havia o dia de educação física, destinado inteiramente a atividades físicas e de lazer. Seria o melhor dos dias! Então, aqueles que eram os mais velhos de todos, com os quais nunca tínhamos tido contato, nos reuniram para as boas vindas. Naquele dia, estranhamente, todos eles usavam um pano enrolado à cabeça de uma maneira que apenas os doentes e feridos costumam usar e todos os calouros deveriam acompanhá-los para a cerimônia de recepção.

Eu estava meio inquieto, sem saber o que me incomodava, estávamos todos muito confiantes em nós mesmos como nos sentíamos sempre que estávamos juntos, ocasiões em que nos imbuíamos de uma forte sensação de que nada poderia nos ameaçar.

Então seguimos os mais velhos até o interior do prédio e entramos em uma sala escura. Havia algo estranho naquele ambiente taciturno. Uma coisa incomum chamada “cortina”, utilizada para abafar o som e constituída de um pano pesado caindo desde o teto até o chão, circundava toda a parede. Isso dava ao local uma atmosfera carregada, como se reinasse ali alguma magia estranha, um sentimento de opressão. Entramos apreensivos na ampla sala de aparência soturna. Não havia móveis lá, apenas a cortina e nada mais. Fomos conduzidos até a parede oposta à

única porta, onde nos fizeram esperar. Lembro-me de ter inspecionado a cortina, tateando o pano. As janelas fechadas geravam algo como uma aura mágica sob o tecido.

Poucos instantes depois de nós entraram na sala uns meninos muito grandes, alguns dos quais me pareceram do tamanho dos professores e logo a sala estava bem cheia; pareceu-me povoada por uma multidão e eu notava que o pano que todos eles usavam na cabeça os diferenciava de nós. Logo em seguida começaram a cantar, o que nos aliviou um pouco a tensão. Mesmo assim, como fazíamos sempre que nos sentíamos apreensivos, utilizamos gestos para coordenar nossas posições. Apesar da música que entoavam, os meninos não pareciam amistosos e nos dispersamos entre os calouros lentos com o intuito de protegê-los, eles estavam muito mais amedrontados que nós e já beiravam o pânico. Logo em seguida, aquilo que tinha começado como música se transformou em um canto forte, ritmado e agressivo, acompanhado por batidas violentas com os punhos nas paredes.

A porta se abriu e mais três meninos entraram na sala carregando um balde pesado. Instantaneamente, o cheiro forte e terrível invadiu a sala, e já não lembro o que senti. O recipiente foi deixado em frente à porta, que foi trancada a chave. Um saco foi aberto, continha inúmeras esponjas logo distribuídas entre eles. Demorei um pouco a descobrir o que eram aqueles objetos, mas quando eles começaram a enfiar a mão no balde adivinhei suas intenções; o intenso odor que emanava daquele vaso estava profundamente entranhado em nossas mentes, inequivocamente aquele era o cheiro hediondo do líquido de desinfecção dos olhos.

Os gritos ritmados se tornaram ensurdecedores e as batidas ameaçadoras; o que repetiam agressivamente era “che-ga-de-bru-xo!”. Eu tentava avaliar tudo aquilo e encontrar uma solução para a situação alarmante, pois eles eram muitos, grandes e fortes, e a sala permanecia trancada. Os calouros lentos aderiram aos gritos e talvez tenham sido eles os primeiros a tentar nos segurar.

Contra os de nosso tamanho era tudo muito fácil, fossem quantos fossem, não tinham nenhuma chance contra nós, que nos desvencilhamos deles e nos agrupamos em um dos cantos da sala. Mas vieram os mais velhos. Uns três deles, dos bem grandes, mantiveram-se em frente à porta para nos impedir a fuga, todos os outros vieram de encontro a nós empunhando as esponjas encharcadas do líquido e repetindo em coro o canto raivoso.

Estávamos apavorados e nos defendemos. Eles não conheciam socos, sei que isso os assustou, batíamos para todos os lados, eles eram muitos. Sabíamos que não podíamos deixar que nos agarrassem, eram muito mais fortes que nós. E então batemos e batemos. Quando algum deles conseguia agarrar um de nós, todos mirávamos nesse, muitos foram atirados ao chão. Sei que nesse dia eles também conheceram o medo; a maioria deles debandou apavorada com nossa bruxaria e foi tudo confusão; muitos foram ao chão e pareceu que todos tropeçavam em todos. E nós batíamos, mas não podíamos ir ao chão ou seríamos subjugados pelo peso e força superior dos adversários.

Eles tinham as esponjas.

O alvo das esponjas embebidas no líquido de desinfecção era os nossos olhos.

Houve muitos gritos, muitos gritos de terror sonoros e agudos, mas o coro dos meninos mais velhos continuava intenso.

A última coisa que lembro é de um encontrão muito forte. O que passo a contar a seguir não são mais minhas lembranças, mas relatos feitos posteriormente pelos outros meninos.

A luta prosseguiu numa confusão enorme, os meninos embolados pelo chão, as esponjas esfregadas na face, muita gritaria, muita mesmo. E parece que alguém tocou no meu rosto e sentiu algo estranho.

– Ele morreu, ele morreu!

Então os gritos tornaram-se murmúrios.

Um dos meninos parecia estar morto e esse menino era eu. Suspeito ter caído e batido fortemente com a cabeça no chão, ou talvez eu tenha caído e sido pisoteado com força, provavelmente ambas as coisas aconteceram. Seja como for, parece que meu rosto se encharcou com muito sangue, o líquido viscoso que o menino sentiu quando tateou meu rosto. Ao perceber o sangue em profusão e minha imobilidade concluiu que eu morrera. Outros meninos conferiram o fato chegando à mesma conclusão, o que arrefeceu os ânimos deles.

Os professores acabaram sendo alertados e me socorreram, eles certamente temeram pela morte de um aluno nas dependências da escola. Levaram-me para outra sala e quando acordei estava sobre a mesa com vários professores ao meu redor. Tinha uma estranha sensação de embriaguez.

– O que aconteceu? Perguntei.

– Você nos deu um susto enorme! Disseram-me com ênfase, e essa foi a única resposta. Mas ficaram muito satisfeitos com a minha recuperação.

Precisei de alguns momentos para entender o que se passava. Disseram-me que já era tarde, e eu precisava ir, estávamos todos muito atrasados. Perguntaram se eu me sentia bem e em condições de ir para casa, respondi que sim.

Segui para casa como fazia usualmente. Tinha uma sensação estranha, diferente, mas indecifrável. Só quando estava muitos metros distante da escola notei que meu corpo estava todo dolorido, dos pés à cabeça, mas continuei meu caminho. Assim que cheguei em casa caí na cama e dormi muito. Quando acordei me senti todo quebrado, parecia estar vivendo um terrível pesadelo. Meus pais perguntaram se estava tudo bem, disse-lhes que sim. Certamente notaram algo estranho e insistiram na pergunta, mas desconversei. Não gostavam que eu fosse considerado um bruxo, mas achavam que eu muitas vezes me comportava como tal e deveria parar de fazer isso.

Rememorei os acontecimentos daquele dia e tentei adivinhar o desfecho dos fatos, minha expectativa era grande. Eu temia por todos, mas estava confiante, pensava em cada um deles, na confusão, no temor. A confusão tinha sido enorme, mas todos nós nos virávamos muito bem, éramos os rápidos! Mesmo assim sentia muita apreensão; as lembranças indicavam que em certos momentos alguns dos nossos tinham sido pegos, mas o que persistia sobre tudo era uma enorme confusão; impossível tirar qualquer conclusão daquelas memórias parciais e truncadas, restava apenas esperar o reencontro no dia seguinte para conferir o acontecido.

Veio a noite; noite ruim cheia de pesadelos: sonhei seguidamente que estávamos todos lentos, que arrastávamos nossos pés. Acordei muitas vezes naquela noite repleta de pesadelos sucessivos.

Veio a manhã seguinte carregada de apreensão, me aprontei para a escola apressadamente. Lembro de ter dado três topadas e várias cabeçadas em diversos objetos naquele início de manhã, o que me pareceu um mau augúrio, tornando minha apreensão ainda mais aguda.

Cheguei cedo na escola, e fiquei bem quieto, praticamente invisível. Não quis dar pistas para ninguém, enquanto esperava meus amigos, os rápidos, na mais completa camuflagem, sem me mover, sem emitir nenhum ruído. Eu estava temeroso e não podia correr nenhum risco, mas esperei em vão. Para minha surpresa nenhum dos rápidos apareceu naquele dia.

A longa espera era insuportável. A imobilidade total, a expectativa enorme, o medo, e nenhuma resposta. Naquele dia nem entrei na sala de aula, aguardei meus amigos no pátio durante todo o tempo de aula, mas em vão.

No caminho de volta para casa ainda tropecei várias vezes e tive raiva de mim mesmo, estava parecendo um lento. Decidi fazer um outro caminho, mais longo e que raramente fazia. Passaria pela parede metálica, um lugar interessante e agradável, verdadeira diversão. Cheguei lá e me movimentei em frente à parede; fiz as macaquices que conhecia e sempre me alegravam, mas naquele momento algo me chamou a atenção. Parecia uma mancha escura sobre um dos lados do meu rosto. E as macaquices em frente ao metal tornaram-se bizarras. Cobri o lado manchado do rosto com a mão, depois cobri o outro lado para comparar. Havia algo errado. Havia algo muito errado, mas eu não conseguia entender o que acontecia. Demorou algum tempo que eu não tivesse mais dúvidas: sobre o olho manchado a mão não causava nenhum efeito, enquanto que, posta sobre o outro, ela fazia o mundo desaparecer. Repeti a macaquice muitas vezes. Não podia ser, mas era; não havia dúvida um de meus olhos havia sido desinfetado!

Devo ter cambaleado pelo restante do caminho de volta. Sentia o corpo todo moído, e agora a constatação do olho desinfetado abatia meu ânimo ao extremo. Além disso meus amigos me afligiam: por que nenhum deles tinha ido à escola? Talvez estivessem apenas moídos, deviam estar. Mas, o pior poderia ter acontecido, teriam sucumbido? Teriam permitido a desinfecção?

Eles não voltaram à escola no dia seguinte, nem no outro. Minha dúvida era cada vez mais intensa, como estariam todos eles?

Na semana seguinte quase todos retornaram à escola. Não sei que tipo de surpresa eu senti, pois temia bastante que aquilo ocorresse. Um a um eles voltaram, todos com o mesmo andar cambaleante, os pés se arrastando pelo chão, as mãos sempre à procura de qualquer apoio. Agora, todos eles eram lentos.

Eu estava atônito e não sabia o que fazer, decidi esperar sem me mostrar. À medida que eles chegaram foram se reunindo, e choraram muito naquele dia. Depois então eu também me reuni a eles, isso foi quando eu já não tinha mais nenhuma esperança de que algum deles tivesse escapado. E então choramos muito, choramos muito naquele dia tão triste.

Nós, os que tínhamos sido chamados “os rápidos” continuamos bastante unidos por um bom tempo e creio que todos eles ainda o são. Mas as coisas mudariam, como sempre acontecia, e os dias que se seguiram foram dias de ódio. Brigávamos contra tudo e contra todos e mesmo entre nós as brigas eram diárias.

Antes de me juntar a eles, eu tinha tido muito tempo para pensar no que fazer, tinha considerado todas as possibilidades, inclusive a pior delas, a de que todos tivessem sucumbido. Havia decidido que, nessa eventualidade eu não iria confessar que ainda era rápido e foi o que fiz. Já havia muito tempo que todos nós nos disfarçávamos e imitávamos o andar e os modos dos lentos, mas a partir desse incidente o meu disfarce se tornou perfeito. Eu fechava os olhos para andar e os mantinha assim quase todo o tempo. Deliberadamente transformei-me num lento, embora me bastasse abrir o olho para mudar minha condição, mas raramente o fazia, especialmente na escola. Depois desse dia, por muitos longos anos, quando não estava em casa, só abri o olho em momentos de perigo iminente. Desse modo, eu realmente agia como um lento, não usava um mero disfarce.

Mas havia uma falha nesse estratagema: o plano era quase perfeito, mas, como evitar o uso do poder nos momentos de grande raiva? E como evitar a raiva em meio a tantas brigas? Todos eles conheciam bem o poder que tinham perdido tão recentemente e quando notassem que eu escapava magicamente de seus golpes eu seria denunciado. Então resolvi evitar as brigas. Muito raramente envolvi-me em briga direta, embora, com certa frequência, eu ajudasse os meus amigos durante suas rusgas, mas sempre de modo bem oculto.

Minha camuflagem realista me levou a conhecer ainda melhor o mundo dos lentos: aprendi a marcar os pontos por onde passava, a criar os pontos de apoio, a manter sempre uma defesa na frente; creio ter aprendido todas as coisas necessárias à vida dos lentos. Aprendi com meus amigos, simultaneamente a eles. Todas essas descobertas foram muito velozes, acho que os outros lentos nos ajudaram nisso; já sabíamos contar os passos durante nossos caminhos usuais, tivemos que aprender a marcar os pontos. Após aproximadamente vinte passos, buscávamos um ponto de apoio, alguma coisa que nos indicasse que estávamos no lugar correto e que além disso mostrasse a nova direção a ser tomada, era uma forma de conferir se estávamos no caminho certo e, ao mesmo tempo, de ajustar a nova sequência de passos. Também era preciso constatar que nada havia à nossa frente, o que era feito pelos braços antes que pelo corpo, de modo que algo à nossa frente seria pressentido por um braço, evitando assim as colisões. Aprendíamos e aperfeiçoávamos todas essas atividades em grupo, uns ensinando aos outros todos os avanços conseguidos com as novas técnicas. Mesmo assim foi necessário um longo tempo para que nos adaptássemos à nossa nova condição. As brigas, tão frequentes, adicionavam uma dimensão social ao nosso desajuste, o que ainda contribuía para piorar as coisas. Mesmo assim, em certo sentido, as arruaças eram boas, pois as desejávamos e as necessitávamos muito; eram tempos de raiva.

Então, tendo recebido as boas vindas de nossos colegas, estávamos aptos para prosseguir no ginásio.

E o tempo foi passando, foram anos tediosos.

Havia muita repetência naquela escola. Uns diziam que seus professores eram excessivamente exigentes, não penso que fosse assim. De qualquer forma, a repetência era bastante usual. Meus amigos tinham sido, todos eles, bons alunos, mas não o eram mais, assim sendo, não era surpresa quando alguns deles repetiam o ano. E logo eu estava sozinho, nenhum deles me acompanhou ao longo dos sucessivos anos de ginásio. Na verdade, creio que mesmo antes disso eu já estava sozinho.

Eles sentiam raiva, eu tédio. E todos brigavam. Eu temia muito que o meu poder viesse a ser descoberto, especialmente pelos meus amigos, agora lentos. Eles tinham raiva de tudo, teriam ainda mais raiva de mim. Brigávamos contra os outros e contra nós mesmo. Brigávamos contra tudo. Brigávamos.

Com o passar do tempo fiquei mais seguro de minha camuflagem, e então passei a usar meu poder com mais frequência, embora comedido. Nossos conflitos raramente se resumiam a dois contendores; quase invariavelmente os que estavam próximos se envolviam na disputa, parecendo, de início, defender um dos lados. Mas nunca havia lado nenhum, eram sempre todos contra todos e apenas a raiva era comum; ou talvez só houvesse um lado e estivessem todos do mesmo e único lado. Fosse como fosse, todos queríamos brigar e então todos brigávamos.

Raramente eu iniciava uma dessas brigas, mantive essa precaução por quase todo o tempo. Mas quando isso acontecia, eu fazia muito barulho, atraindo o interesse dos demais, que estimulados pela confusão, não demoravam a aderir à balbúrdia. Eu pressentia a evolução do conflito e a aproximação dos outros, então me posicionava de forma a impedir que os que chegavam me agredissem. Na verdade, eu me especializei em usar o oponente como escudo, assim, os que chegavam agrediam o meu agressor e eu me aproveitava disso para me desvencilhar daquele, e me esquivar dos outros, que sempre vinham em seguida. Assim, eu nunca estava no meio da algazarra, enquanto eles se agrediam uns aos outros. Por ser o mais novo da série, eu fui sempre o menor e mais fraco de todas as turmas pelas quais passei, sem essa artimanha eu teria sofrido uns maus momentos, apesar de ainda ser rápido. Haveria, é claro, a possibilidade de socar o adversário à distância; um lento nunca me alcançaria, mas isso teria evidenciado minha magia, o que eu não poderia permitir. Desse modo, minha tática costumeira de me posicionar corretamente nas bordas do conflito me parece ainda hoje ter sido a escolha mais sensata.

Havia, dependendo da situação, uma certa dificuldade em me desvencilhar do primeiro adversário, pois, por mais de uma vez, as escaramuças foram iniciadas com um mergulho sobre mim. Após a primeira esquivada, no entanto, as que se seguiam costumavam ser bem mais fáceis, dada a minha rapidez, e então eu podia empurrar uns sobre os outros, o que lhes propiciava a satisfação de toda aquela cólera.

Com o tempo acabei aprimorando o método para me desvencilhar do primeiro adversário; consistia somente em não deixar que ele me pegasse com firmeza, o que era conseguido facilmente apenas com o posicionamento adequado: eu me colocava à sua esquerda, se era destro, evitando a posição frontal desde o instante da primeira alteração verbal. Nessa situação, como se fosse o ponteiro de um relógio, o adversário virava seu corpo em minha direção tentando me segurar, enquanto eu me deslocava na mesma direção, mantendo-me sempre na mesma posição relativa a ele, permanecendo assim em local desconfortável para a pegada do adversário,

excessivamente à esquerda. Não era necessário permanecer nesse jogo por muito tempo, era sempre bem rápida a aderência de outros contendores, maior ainda em decorrência da barulheira que eu fazia ao primeiro sinal de violência. Então bastava eu me deslocar de modo a evitar os que vinham e, ao mesmo tempo, interpor o primeiro adversário a eles, e em segundos estavam todos engalfinhados. Eu costumava evitar meu envolvimento nesse último momento por temer por meu olho; duvido que o poupassem se eu fosse engolfado nessas contendidas. Então, eu permanecia contemplando a curta distância toda a algazarra raivosa e só intervinha eventualmente, e com muito cuidado, evitando me expor aos ataques e fazendo o resultado da discórdia pender para o lado em dificuldade, forçando sempre um equilíbrio, embora nunca houvesse lado nenhum e fossem sempre todos contra todos, imersos em uma grande ira.

Não deixo de ficar envergonhado ao me lembrar de como usava o poder nesses tempos, mas o aprendizado que adquiri nessas ocasiões me foi muito precioso em outras, e de mais a mais, aqueles eram tempos de cólera. Também confesso que minha participação em toda aquela balbúrdia me causava prazer, mas foi assim por todo o ginásio: brigas que se sucediam a outras brigas, e então, quando cheguei ao fim desse longo período da vida, estava confiante e bem preparado para cursar o ensino médio.

E isso é tudo o que me lembro daqueles tempos raivosos: a recepção de boas vindas e a vastíssima sucessão de brigas pontuando uma longa temporada de tédio e solidão.

Capítulo IV

Mais uma vez nos deparávamos com uma mudança significativa em nossas vidas. Desde o início, ficou bem claro para todos nós que aquela era uma nova etapa da vida, um período intermediário em que nos preparávamos para ingressar na universidade; era isso o que nos diziam. Não sei como os outros encaravam esse fato, penso que muitos, desde o início, já se sentiam inseguros ante essa possibilidade, para mim, no entanto, aquilo parecia um caminho natural; eu sentia que no momento certo estaria preparado para a entrada na universidade, o que me proporcionaria um futuro promissor. Não pensava muito nesse futuro distante, mas me mantinha consciente de minha meta seguinte: a entrada na universidade. Essa perspectiva me tornava um aluno bem adequado aos objetivos da escola, o que provavelmente facilitou bastante as coisas para mim na ocasião.

Éramos todos muito jovens e quando entramos na nova escola não nos conhecíamos uns aos outros; havia apenas uns dois ou três alunos oriundos do mesmo colégio de onde eu vinha, mesmo assim os conhecia apenas vagamente, poucas vezes tinha trocado umas palavras com eles, se é que alguma vez o havia feito.

Eram tempos de mudança, corpos se modificando, mentes se alterando, novos conhecimentos sendo elaborados, novas amizades, relações. O mundo inteiro era novo, e se ampliava a cada dia.

A ira se tornara coisa do passado, as brigas deixaram de ser cotidianas e acabaram ficando bem raras, eram tempos de amizades, em que os laços entre as pessoas se estreitavam muito rapidamente, às vezes numa única conversa e inúmeros desses laços instantâneos perduraram longamente, imunes ao tempo que quase tudo corrompe.

Muitos grupos se formaram em um tempo em que todas as pessoas tentavam se aglutinar; parecia que existíamos coletivamente, de modo que a guerra de todos contra todos tinha ficado para trás, sobrepujada pela ânsia de agrupamento que nos envolvia a todos. Algo que me fazia lembrar os tempos em que existiam os rápidos: a sensação de que o grupo estava sempre unido. Mas não havia rápidos por lá, ou talvez houvesse, mas ninguém seria louco de demonstrar poderes assim tão publicamente, de modo que todos nos arrastávamos e nos movíamos da mesma maneira usual de sempre. Também execrávamos as diferenças e qualquer um que se mostrasse diferente dos demais seria punido exemplarmente, pela injúria extrema que constituía a diferenciação dos outros. Tínhamos uma extraordinária aversão pelas diferenças e queríamos todos parecer iguais, absolutamente homogêneos. Ou talvez quiséssemos que nós fôssemos iguais e os outros diferentes, mas nesse caso não se sabe a que somos iguais ou diferentes, e então parecia melhor que quiséssemos todos ser iguais a todo mundo e nos esforçávamos para isso, e se não podíamos ser iguais aos outros, ao

menos deveríamos parecer que éramos; não sei por que era assim, mas sei que tinha que ser assim e qualquer um que fosse diferente seria punido.

Eu não era igual aos outros.

Eu tinha aquele poder.

Tinha que ocultar isso de qualquer modo, custasse o que fosse. Talvez outros tivessem o mesmo poder, ou talvez tivessem algum poder diferente, mas isso nunca poderia ser notado pelos demais, tínhamos todos que ser iguais.

Logo na primeira semana foi preparada uma recepção para nós, os calouros, as tradicionais boas vindas, o que me deixou extremamente ansioso; já havia tido surpresas desagradabilíssimas em solenidades análogas. O temor quase me levou a faltar às aulas no dia da festividade, mas isso poderia ser notado e talvez eu viesse a ser caçado nos dias subsequentes, o que me levou a encarar a coisa toda de frente. E então, no dia marcado para a solenidade, lá estava eu esperando a recepção de boas vindas.

Nós, os calouros, fomos reunidos pelos mais antigos da escola e conduzidos à quadra de esportes coberta. Éramos muitos, mas a quadra era bastante ampla. Alguns dos calouros mostravam-se inseguros e temerosos, outros aguerridos e confiantes. Posicionei-me entre estes últimos, embora o temor fosse quase insuperável.

Apesar de ser um dos mais novos, eu já tinha certa altura. Aliado a isso, meu poder, e minha sólida formação ginásiana adquirida às custas de pancadaria desenfreada quase diária, me deixavam relativamente seguro. A constatação de que o espaço à volta era amplo também contribuiu para me tranquilizar: o espaço aberto permitia muita movimentação; nunca me pegariam ali.

Houve um breve discurso constituído por palavras ofensivas e humilhantes entremeadas por outras ainda mais chulas, enquanto os veteranos preparavam os “presentes” elaborados para nos ofertar: ovos, pós variados e mais um conjunto diversificado de lambanças irreconhecíveis acondicionadas em uma enorme variedade de recipientes. Então senti aquele cheiro ativo e agonizante. O odor forte encravado profundamente em minhas lembranças. Aquilo desencavou em mim um amplo espectro de emoções, muita dor e tristeza, muitas lembranças ruins, mas sobretudo muita raiva. Quando os veteranos chegaram bem perto de nós abri os braços e empurrei com força e simultaneamente vários calouros para cima deles. A confusão generalizou-se imediatamente, nada havia que distinguisse um calouro de um veterano, de modo que todos se emaranharam em uma massa amorfa. Os empurrões e as quedas generalizadas se sucediam seguidamente em uma constância quase ritmada que praticamente não permitia a ninguém, no meio da confusão, se manter de pé por mais que uns poucos instantes. Recuei dois passos e empurrei um grupo de calouros que ainda se mantinha de pé, foram todos ao chão e eu rolei entre eles, embora me mantendo na borda da algazarra.

A gritaria era enorme e havia muitas agressões, mas reinava a estupefação; ninguém entendia o que estava acontecendo, nada daquilo fazia parte dos planos. Permaneci no chão em meio aos colegas calouros e todos se perguntavam sobre o que estava acontecendo sem ter ao menos a mínima idéia das causas de tamanha balbúrdia.

Nada de significativo aconteceu a seguir: os pós, ovos e as outras lambanças ainda foram atirados a esmo causando vítimas aleatórias entre os circunstantes, mas não houve nenhum alvo específico em quem mirar; em meio à completa confusão, ninguém se diferenciava dos demais a ponto de poder se transformar em alvo. Após certo tempo decorrido sob o domínio da perplexidade, todos nos levantamos e deixamos o local inundados por uma sensação de incompreensão, embora o meu sentimento fosse de alívio: meu poder permanecia incólume.

* * *

A nova escola era muito tranquila e quase todos nós visávamos a mesma meta: os exames para a admissão na universidade. Não sei se este era realmente o objetivo de todos, de qualquer forma, os alunos foram se reunindo em grupos nos quais as similaridades eram predominantes, de modo que todos os que me eram mais próximos almejavam este mesmo fim.

É claro que havia inúmeras distrações, rapazes e moças se encontravam fortemente atraídos uns pelos outros, e esta era, com certeza, a principal força reinante na classe.

Eu tinha meu grupo, mesmo assim me sentia meio isolado, meio distante de todos os outros.

Desde o início uma moça, Maria, me atraía mais que as outras e eu gostava de estar ao lado dela, costumávamos sentar juntos. Não sei o que nela me atraía, mas eu gostava de seus movimentos, de seu corpo e de suas feições. Havia outras moças aparentemente mais charmosas, algumas disputadas por vários jovens, mas eu não percebia nada de especial em nenhuma delas e preferia estar sempre perto de Maria, que, aliás, não atraía muitos rapazes. Nós dois pertencíamos ao mesmo grupo, mas permanecíamos ligeiramente afastados dos demais.

Maria era muito mística, se interessava vivamente por parapsicologia e conhecia tudo sobre o assunto. Costumava enfatizar, com veemência quase excessiva, que aquilo era uma ciência, e que não tinha nenhuma relação com bruxaria, coisa abominável. De acordo com ela, só os muito ignorantes poderiam confundir uma coisa com outra, sendo a bruxaria uma espécie de maldade, de perversão, enquanto a parapsicologia era uma nobre ciência relativa a um poder real, racional e do bem. Tinha bons motivos para insistir nesse ponto, pois em muitos meios a bruxaria é coisa muito mal vista, inadmissível, enquanto a paranormalidade, ainda que desacreditada, é vista como uma credence anódina, uma superstição tolinha comum entre adolescentes. Em suma, enquanto a bruxaria é condenada por muitos como coisa maléfica, a paranormalidade não suscita nada pior que o descrédito.

Lembro bem quando a conheci. Talvez tenha me sentado ao lado dela por acaso, o que ocorreu logo na primeira semana. Ela conversava sobre paranormalidade com outra moça; explicava para ela que algumas pessoas tinham um dom estranho, um quinto sentido, como se seus braços pudessem se estender indefinidamente. Fazendo uso desse dom, os paranormais poderiam mover objetos muito distantes, também podiam se comunicar à distância, ou descobrir coisas ocultas. Ela podia enumerar uma quantidade imensa de dons paranormais e tinha nomes para todos eles.

Também descrevia o modo como os paranormais conseguiam tais façanhas e dizia estar treinando para conseguir o mesmo. Segundo ela, tudo isso era científico e provado, e com o auxílio de exercícios, ela já havia desenvolvido muitos desses dons, embora ainda não os dominasse completamente, razão pela qual ela eventualmente falhava em algumas demonstrações. Mas assegurava, com convicção, que seus poderes já eram inúmeros e fartamente desenvolvidos.

Maria versava sobre os fenômenos paranormais com enorme desenvoltura e eu resolvi participar da conversa. Quando Cláudia, a moça com quem conversava, alegou que uma daquelas descrições parecia exagerada, eu me imiscuí na conversa e não só frisei acreditar em tudo aquilo, como ainda estendi os relatos de paranormalidade, baseando-me mais em minhas leituras sobre o assunto que em minhas experiências pessoais, pois receava imensamente revelar meus próprios poderes.

As duas se sobressaltaram com minha intromissão, aparentemente se assustaram com minha presença ali tão próxima, com certeza não haviam notado a minha chegada silenciosa. Maria admoestou minha intromissão repentina em sua conversa e só então eu me apresentei constrangido e alegando muito interesse no assunto, o que amenizou suas ressalvas com relação a mim. Também perguntei se Maria poderia me mostrar pessoalmente algum daqueles truques, o que a contrariou novamente, pois eu deveria saber que aquilo não era truque, mas enfatizou que poderia demonstrar tais efeitos em qualquer ocasião. Foi então que a outra moça insistiu para que ela fizesse uma demonstração, pegou um pequeno objeto em sua bolsa e desafiou Maria a movê-lo sem o tocar.

Maria aceitou o desafio e pediu para segurar o objeto; deveria conhecer sua forma antes de tentar puxá-lo, de modo que o desconhecimento de sua forma não interferisse na ação e talvez viesse a prosseguir indefinidamente em tais prolegômenos não fosse a intervenção de Cláudia empurrando-lhe o pequeno objeto para as mãos e recomendando iniciar logo a demonstração.

Então Maria deliberou que a outra moça colocasse o objeto um palmo diante de sua mão para que ela o movesse dessa curta distância. A moça mediu a distância da mão de Maria e depositou o objeto, segurando em seguida, com leveza, a mão da outra, que no mesmo instante iniciava sua demonstração de paranormalidade.

As mãos de Maria permaneceram repousadas sobre a mesa, mas seu corpo passou a se mover de um modo ritmado para a frente e para trás enquanto sua face se retorcia profundamente, parecendo fazer um enorme esforço para mover o objeto colocado em frente a sua mão. Nesse momento resolvi dar-lhe uma ajuda: esticando meu braço, e com o auxílio da caneta perfuradora, empurrei suavemente o objeto para bem perto de suas mãos, de maneira que, em poucos instantes, em decorrência de uma de suas contorções, Maria encostou a mão no pequeno objeto e o agarrou com rapidez, iluminando imediatamente o seu rosto surpreso de um modo muitíssimo gracioso; foi nesse exato momento que eu comecei a sentir aquela vontade constante de ficar perto dela.

– Consegui! Consegui!

Maria tentava conter a euforia ao repetir em voz baixa que havia conseguido seu intento. Cláudia não acreditou ter presenciado a manifestação de

paranormalidade, argumentava que a outra havia movido a mão com rapidez e segurado o pequeno objeto, o que Maria negava, ao mesmo tempo em que continuava a repetir, com euforia sempre contida e ainda em voz baixa, que havia conseguido. Reduzira o volume da voz, mas continuava a repetir enfática e seguidamente que conseguira o seu feito. Era óbvio, naquele momento, que ela gostaria de gritar para que todos conhecessem a força de sua paranormalidade, mas manteve a voz em sussurros. Queria tentar novamente. Dessa vez eu não intervim e ela se contorceu com muito mais intensidade que anteriormente. Após cerca de um minuto ela demonstrou algum cansaço e, tendo parado as contorções, pediu à colega para averiguar se ela havia conseguido seu intento. Cláudia considerou que ela tinha conseguido mover o objeto por uns poucos centímetros.

Após breve descanso, Maria, ainda eufórica, resolveu tentar uma outra vez, e dessa feita pareceu se esforçar ainda mais; percebi quando suas mãos se deslocaram sobre a mesa, o movimento deve ter sido involuntário; em meio a tantas contorções do corpo, as mãos poderiam deslizar sobre a mesa sem que ela própria percebesse. Ao final de alguns segundos ela pareceu extenuada e cessando os movimentos, perguntou novamente à colega se havia conseguido deslocar o objeto.

Durante as contorções, as mãos de Maria tinham se deslocado meio palmo à frente, de modo que o objeto tornou-se muito mais próximo que antes, mesmo assim quando a colega mediu a distância não constatou nenhuma aproximação. Apesar de certa dúvida quanto à aferição da medida, Maria concluiu que seu poder deveria ter sido reduzido pelo cansaço. Em seguida a colega quis também, ela própria, exercitar sua paranormalidade. Maria explicou que ela deveria se concentrar muitíssimo e, com todas as suas forças, tentar fazer com que o objeto se aproximasse. Em poucos instantes a colega estava se contorcendo de forma muito similar à que Maria fizera antes e depois de algumas repetições ambas constataram que Cláudia também tinha algum poder paranormal. Em meio a uma imensa alegria, Maria repetiu as mesmas demonstrações por diversas vezes naquele dia, e eu a ajudei mais umas duas ou três vezes aproximando o objeto para bem perto de sua mão. Nessas ocasiões ela constatou o deslocamento e demonstrou novamente a mesma euforia contida, depois acabou revelando para a colega que embora soubesse ter aquele poder havia muito tempo, nunca antes conseguira exprimi-lo tão fortemente. Maria estava radiante e eu me sentia ótimo estando ao lado dela.

No dia seguinte nós três nos sentamos nos mesmos lugares que na véspera: Cláudia à direita, Maria no centro e eu à esquerda, próximo à parede. Nesses primeiros dias letivos, a turma estava se acomodando e as alterações no local em que cada um sentava eram comuns. Após algum tempo todos se fixaram em algum lugar e as mudanças se tornaram relativamente raras.

Maria e Cláudia exercitaram a paranormalidade diversas vezes durante os dias que se seguiram. Não fosse o cansaço gerado pelos exercícios, talvez tivessem gastado todo o tempo em que permaneciam juntas naquela atividade. Eventualmente eu ajudava Maria a mover os objetos; quando isso acontecia ela ficava radiante, o que eu achava maravilhoso. Cláudia também comemorava o próprio êxito na cinestesia; era assim que Maria chamava aquele dom que se tornou o seu preferido entre todos os poderes paranormais. Também passou a ler ainda mais sobre o assunto, enquanto eu

passei a tentar exercitar meus poderes cinestésicos, mas em vão, não conseguia nenhum resultado. Segundo Maria, eu não me esforçava o suficiente, razão pela qual não obtinha êxito. Eu dizia que me esforçava, mas ela não acreditava.

As apresentações de temas escolhidos pelos próprios alunos faziam parte das atividades escolares. Maria foi uma das primeiras a se prontificar a discorrer sobre um assunto, que não poderia ser outro que não a paranormalidade. Demonstrou grande entusiasmo e erudição sobre o assunto e foi muito elogiada pelo professor e por vários colegas, contagiados por todo aquele entusiasmo.

Incentivada por este sucesso, Maria resolveu demonstrar seus poderes paranormais a todos; logo aqueles “exercícios”, como ela chamava, difundiram-se por toda a turma. O entusiasmo de Maria era contagiante e apesar de já conhecer bastante sobre o assunto, ela ainda se aprofundava cada vez mais. Não demorou para que a paranormalidade se transformasse em uma febre entre quase todos os alunos da turma.

Havia, é claro, alguns céticos; diziam que aquela brincadeira não passava de bobagem, mera superstição. Havia também uns poucos que desgostaram profundamente de tudo aquilo, eram os que repudiavam com veemência qualquer demonstração que sugerisse bruxaria. Estes acreditavam em tudo o que Maria dizia, e era exatamente isso o que os desagradava imensamente; para eles, toda aquela conversa sobre parapsicologia não passava de um disfarce para a abominável bruxaria.

Eu temia que algo errado viesse a ocorrer. Quando a paranormalidade de Maria passou a ser alardeada eu passei a encobrir meus poderes ainda mais do que o fazia usualmente, tratei de me camuflar ficando bem quieto em um canto, tentando me ocultar o máximo que conseguia. Poucas vezes alguém notava minha presença, apesar de estar sempre ao lado de Maria. Naquele tempo eu tentava ficar o mais invisível que pudesse e acho que conseguia atingir meu objetivo em um alto grau, permanecendo quase sempre calado e evitando posicionamentos decididos. Poucos sabiam o meu nome, e se muito eventualmente se referiam a mim, me chamavam de “o amigo de Maria”; eu achava bem seguro que fosse assim.

Não demorou para as acusações de bruxaria pesarem sobre Maria, que alegava que tais denúncias não passavam de superstições e ignorância, insistindo na cientificidade da parapsicologia e evocando o fato de que tudo aquilo estava cientificamente provado; defesa era precária. De acordo com os acusadores, tudo aquilo estava realmente provado, mas, fosse como fosse, era bruxaria, coisa maléfica que não poderia ser tolerada.

Maria foi desafiada a provar seus poderes publicamente para todos, o que muitos a desaconselharam fazer, eu entre eles, embora soubesse de antemão que o fazia em vão; eu sabia que ela estava inebriada por aquela magia e não conhecia os ódios que certas palavras podem causar.

Eu não gostava do professor que desafiou Maria a provar aquelas superstições. Era um sujeito taciturno, com um ar zangado e infeliz, e costumava ser bastante severo; parecia não gostar de nenhuma coisa, acho que era isso o que mais me desagradava nele: uma espécie de desinteresse meio raivoso pelo mundo.

Houve um momento em que Maria pareceu aquiescer, aparentemente tinha sido tomada pelo bom senso e pensei por uns instantes que ela fosse se calar e abdicar da defesa da paranormalidade. Foi levada a isso pela conduta intimidatória do professor. Mas logo em seguida o desafio se transformou em provocação e ofensa, e na acusação de que tudo aquilo não passava de uma tolice extremada, o tipo de coisa que não poderia ser tolerada em uma escola.

Então Maria mordeu a isca. Sua indignação superou o receio a que tinha sido levada e a fez retrucar, em tom de desafio, que obviamente poderia provar a existência de poderes paranormais.

O professor a convocou para a frente da turma para provar o que dizia naquele mesmo instante. Quando ela se encaminhou para a frente da sala eu recomendei que ela fizesse uma demonstração de telepatia, pois eu sabia que, havia já algum tempo, ela desejava fazer com toda a turma um teste que tinha aprendido em uma revista. Tinha lido atentamente as instruções e gostaria de descobrir paranormais entre os colegas. Ela se dirigiu à frente da turma levando sua bolsa e depois de remexer dentro dela, retirou de lá uma pequena caixa, dizendo em seguida para todos:

– Tenho aqui um baralho, vou pegar uma carta, me concentrar e enviar mentalmente para vocês o nome dela. Vocês devem adivinhar qual é a carta que eu tenho na mão, o professor vai conferir.

Em seguida ela pegou uma carta e disse:

– Agora vou me concentrar.

Nesse mesmo instante iniciou-se uma gritaria: todos falavam ao mesmo tempo o nome de alguma carta.

– Seis de paus! – Dama de copas! – Ás de espadas!

O professor interveio. Aquilo era uma balbúrdia. Recomendou que todos ficassem em silêncio e que os que quisessem participar daquela sandice deveriam apenas escrever o nome da carta em um pedaço de papel. E assim foi feito. Maria deu novas instruções, ela pegaria uma carta, se concentraria, e todos anotaríamos o nome que nos fosse transmitido telepaticamente por ela.

Então ela pegou uma das cartas e disse que iria transmitir a mensagem, percebi que ela se esforçava para fazê-lo; executava os mesmos movimentos que usava para a cinestesia, com a diferença de que estava em pé. Depois de alguns instantes relaxou.

– A carta era o nove de espadas. Quem escreveu nove de espadas?

– Eu!

Fui o primeiro a dizer, e vários outros colegas confirmaram:

– Eu também!

– Nove de espadas!

Notei que Maria ficou radiante, tinha ido para frente da turma sob uma tensão evidente, mas antes que ela dissesse qualquer coisa o professor se adiantou:

– Tragam aqui o que vocês escreveram.

Mas se arrependeu de imediato ao perceber a enorme movimentação que já se iniciava:

– Voltem para as próprias carteiras, voltem para as próprias carteiras, repetiu.

Apesar da nova ordem, um início de algazarra tinha recomeçado devido à quantidade

de alunos circulando pela sala, aproveitando para esticar as pernas e quebrar um pouco a ordem usual.

– Vamos fazer isso novamente, mas, dessa vez, vocês escrevem o nome da carta e passam para o colega da frente. Ninguém fala o nome que escreveu.

E assim foi feito: Maria se concentrou novamente balançando o corpo ritmadamente para frente e para trás evidenciando um grande esforço mental, da mesma maneira que na ocasião anterior e passou a carta para o professor, que a havia pedido. Em seguida, os que quisessem deveriam entregar um pedaço de papel com o nome da carta escrito.

Escrevi em uns quinze papéis o nome de diferentes cartas e os passei para o colega da frente, que os passaria ao seguinte. Notei que vários colegas se recusavam a colaborar; pareciam querer não se envolver com aquilo, mesmo assim, muitos papéis chegaram até o professor, creio que vários colegas tiveram a mesma idéia que eu. O professor conferiu as respostas, disse que estavam todas erradas, mas não permitiu que Maria conferisse os resultados. Segundo ele alguns alunos pareciam ter enviado muitas respostas. Toda a atividade foi repetida algumas vezes e invalidada outras tantas, até que o professor exigiu que os alunos colocassem o próprio nome junto com as respostas.

Todo o procedimento foi repetido uma vez mais, mas nessa ocasião, cada aluno teria que colocar o próprio nome junto com o da carta escolhida. Pouquíssimos de nós entregamos a resposta dessa vez e, ao que parece, menos ainda colocaram o nome no papel. O professor só conferiu as respostas assinadas, apenas quatro, todas erradas. Passou as respostas a Maria, que constatou o mesmo. Então, enquanto Maria permanecia na frente da turma, reiniciou o comentário sobre a sandice de toda aquela conversa de paranormalidade.

Não sei exatamente como Maria se sentia, mas não se conteve, disse que, como todos sabiam, seus poderes mais desenvolvidos eram os cinestésicos e desafiou o professor a constatar aquilo. Eu pressentia que aquela era uma péssima idéia.

Maria voltou para seu lugar a meu lado, acompanhada pelo professor, que ficou de pé em frente a ela. Alguns alunos os seguiram e se distribuíram em semicírculo à nossa frente. Maria se posicionou e pediu ao professor que lhe desse algum objeto leve. Ele perguntou se alguém poderia emprestar algo e um dos alunos que nos rodeava tirou do bolso uma pequena cruz de madeira, a levou aos lábios e a entregou ao professor, que a repassou a Maria. Ela, então, devolveu a pequena cruz ao professor e se posicionou daquele modo que eu já conhecia bem, com ambas as mãos sobre a mesa. Em seguida pediu-lhe para colocar o objeto a um palmo de distância de suas mãos, afirmando que o puxaria com a força do pensamento.

Fiquei pensando no que deveria fazer naquele momento. Achava que qualquer que fosse o resultado daquela disputa absurda, seria péssimo: se nada ocorresse, Maria passaria por tola, o que seria bem desagradável, mas, se a mágica acontecesse, seria taxada de bruxa, o que era ainda muito pior.

O professor posicionou a cruz um palmo à frente das mãos de Maria, que começou a fazer um enorme esforço. Sempre que tentava mover objetos com o pensamento, ela se empenhava com afinco, mas com toda aquela pressão à sua volta ela de fato se desdobrou. Eu não estava gostando nada daquilo; os movimentos dela

eram mais fortes do que de costume e além disso ela ainda fazia um ruído incomum e desagradável. Enquanto Maria permanecia concentrada, ouvi alguém resmungar em um tom baixo mas raivoso:

– Queima essa bruxa.

Percebi que o professor segurou o braço de um dos alunos desejando contê-lo e no mesmo instante cutuquei Maria, que se desconcentrou e interrompeu suas contorções, mesmo assim é provável que ela tenha demorado mais que o dobro do tempo que gastava usualmente em tentativas de movimentação de objetos à distância. Devido ao esforço incomum, sua respiração permanecia ofegante, o que me deixou ainda mais apreensivo. Além disso, ela parecia não ter ouvido a ameaça proferida pelo aluno e em um tom calmo e imprudentemente confiante deu continuidade ao experimento.

– Pronto, confere a distância. Acho que eu consegui um pouco.

Percebi que alguns alunos temerosos tentaram se afastar uns passos, mas foram contidos por um outro. O professor conferiu a distância e teve um ligeiro sobressalto: estava menor. Conferiu novamente até não ter dúvidas. Não havia um palmo entre as mãos e a cruz.

– Você mexeu as mãos, assim não pode.

Maria protestou, houve muitos murmúrios ao redor e o clima em torno não me pareceu amigável. Para mim aquilo obviamente não estava transcorrendo bem e eu continuava não percebendo nenhum desfecho possível para o caso que não fosse ruim; todas as possibilidades continuavam a me parecer funestas.

O professor exigiu a repetição do teste, dessa vez ele seguraria as mãos de Maria para evitar a farsa. Naquele instante ela estava quase fora de si, percebi que ainda conseguia conter uma raiva quase descontrolada, mesmo assim concordou que o professor segurasse suas mãos durante o teste que logo recomeçou. Em seguida, Maria passou a se retorcer de um modo raivoso e brutal fazendo com que os alunos em volta comesçassem a se movimentar nervosamente; certamente os estranhos ruídos produzidos por Maria os incomodava. Ouvi novamente o sussurro:

– Queima a bruxa!

E outra voz menos envergonhada:

– Queima!

Não sabia o que fazer, mas decidi que algo devia ser feito imediatamente, então enfiei o braço no pequeno palco improvisado sobre a mesa e empurrei a cruz na direção de Maria tendo o cuidado de esbarrar com suavidade no braço do professor e no de um aluno. No mesmo instante, Maria gritou satisfeita:

– Consegui!

Alguns alunos recuaram temerosos enquanto o professor protestava:

– Alguém empurrou a cruz; eu senti a mão de alguém bem na hora em que você acusou o movimento .

O aluno em cujo braço eu também havia tocado confirmou aquilo:

– Eu também senti, alguém empurrou a cruz naquela hora, eu senti o braço passando.

E então alguém um pouco distante gritou com uma voz monótona, lenta e gutural:

– Fantasma.

E a algazarra se generalizou. Seguiram-se as correrias, risadas, gritos e galhofas, no que, para a maioria se tornou uma brincadeira bastante engraçada. Mas o professor era muito sério e taciturno para se deixar contagiar pela alegria jovial que acabou por sobrepujar a solenidade ameaçadora do desafio e deu o teste por encerrado, considerando que evidentemente só poderia se tratar de uma farsa tola. A cruz foi devolvida ao aluno carrancudo e minha tensão acabou por se desvanecer bastante. Maria continuava indignada com tudo o que havia ocorrido, considerando-se humilhada, mas Cláudia logo a alertou:

– Eu fiquei com medo daquelas pessoas, você não percebeu que alguns queriam te queimar?

– Queimar? Não notei nada disso.

– Foi na hora em que você estava concentrada, repetiram várias vezes: “queima a bruxa”.

Talvez Maria ainda tenha ficado mais indignada por essa demonstração de ignorância, mas Cláudia se revelava visivelmente amedrontada e não permitiu que Maria se manifestasse.

A aula, que já estava no fim, terminou em seguida e vários alunos vieram se solidarizar com Maria, ao mesmo tempo em que muitos deles se confessaram amedrontados com aquelas pessoas.

Logo no início da aula seguinte, Maria foi intimada a comparecer à secretaria da escola. Eu e Cláudia decidimos acompanhá-la e um outro rapaz que eu ainda não conhecia resolveu fazer o mesmo, mas fomos impedidos de segui-la até lá.

Pelo que me contou posteriormente, o que ocorreu, ao contrário do que esperávamos, foi uma bronca racional, desprovida dos receios histéricos usuais entre os supersticiosos que temem a bruxaria. Em um tom calmo, mas incisivo, o diretor disse ter ouvido boatos sobre bruxaria, coisa que não poderia ser tolerada na escola. Maria retrucou que o que tinha feito não era bruxaria, mas paranormalidade, no que foi contraditada pelo diretor. Disse não se interessar com o que era aquilo, mas que, fosse o que fosse, se iria causar boatos de bruxaria na escola, não poderia ser tolerado. Assim sendo, comunicava que todos aqueles tipos de demonstrações estavam proibidas dentro do colégio e que não queria mais ouvir falar de qualquer coisa que pudesse ter qualquer relação com bruxaria nas dependências da escola.

Em uns cinco minutos Maria estava de volta à sala, parecia aliviada com a conversa, mais amena do que esperava. Eu disse a ela que não poderíamos continuar a falar sobre paranormalidade indiscriminadamente com todas as pessoas, já que muitas não estavam preparadas para tais assuntos. Cláudia concordou comigo, enfatizando que alguns alunos haviam se comportado de uma maneira realmente ameaçadora. Maria relutou, indignada com a ignorância das pessoas, mas acabou concordando conosco, passando a evitar comentar sobre seu tema predileto, exceto com os amigos mais próximos, mesmo assim, por um longo tempo, muitos alunos continuaram a se referir a ela como “a bruxa”. Creio que tivemos sorte de que as ofensas tivessem parado por aí.

Para Maria, tudo parecia ter terminado relativamente bem; eu, no entanto, permanecia assombrado por péssimos pressentimentos, considerando as ameaças realmente sérias, o que me deixava extremamente inquieto.

Ao final da aula nos despedimos e Maria, que morava do lado oposto ao meu, seguiria sozinha para casa, quando percebi três rapazes acompanhando-a de perto, entre eles, o que havia emprestado a cruz ao professor. Resolvi segui-los. Caminhavam em passos lentos. Silenciosamente, caminhei em velocidade ligeiramente superior à deles e assim me aproximei lentamente do grupo evitando ser notado e tentando não chamar atenção se o fosse.

Maria caminhava daquela forma que eu já conhecia bem, buscando cada um de seus pontos pré-definidos para conferir e reajustar seus passos. Havia balizas sinalizadoras por todo o terreno. Notei logo no início do caminho que os alunos que a seguiam conferiam com atenção cada uma das balizas, o que evidenciava seu desconhecimento do terreno. Também percebi quando Maria acelerou o passo, no que foi imitada pelos que a seguiam, então me apressei ainda mais e com extremo cuidado para não fazer nenhum barulho cheguei aos calcanhares deles. Tinha ajustado meus passos de modo a coincidir com os do rapaz de andar mais pesado, impedindo que o mais leve som dos meus passos pudesse ser percebido. Ao chegar perto ouvi as vozes veladas e ameaçadoras dos perseguidores sussurrando, chamando-a de bruxa e clamando uns aos outros para queimá-la. Os três caminhavam muito próximos uns aos outros me dando a idéia de aproveitar esse fato para derrubá-los todos com um único golpe. Emparelhei com o aluno mais à esquerda e antes que o seu pé esquerdo se alinhasse com o direito no meio de um passo, dei-lhe um ligeiro toque de modo a conduzi-lo ao calcanhar do outro pé, no mesmo instante em que empurrava seu ombro com violência, de maneira a deslocá-lo para cima dos outros. Os três agitaram os braços, seguraram-se uns nos outros, e ainda receberam de mim mais uma ajuda adicional antes de se lançarem todos ao chão como se embrulhados em um mesmo pacote, resmungando alto umas queixas e acusações recíprocas.

Esperei em silêncio total para ver o que ocorreria em seguida: Maria continuou seu caminho a passos acelerados, enquanto os três desistiram da perseguição e voltaram pelo mesmo caminho pelo qual tinham vindo. Também voltei em passos silenciosos pelo mesmo local, ouvindo o que diziam, e percebi claramente que um deles tinha ficado vivamente impressionado e extremamente assustado com o que ele próprio denominava “manifestação de bruxaria”, enquanto os outros pareciam culpá-lo pela queda.

Depois de um tempo os deixei e segui meu próprio caminho para casa.

No dia seguinte Maria estava bem apreensiva e me contou ter sido seguida e ameaçada durante a volta para casa na véspera, mas que algo estranho havia acontecido aos perseguidores forçando-os a deixarem-na em paz.

Não demorou muito tempo para que Marcelo, o rapaz que havia se solidarizado conosco na questão da paranormalidade, se juntasse a nós. Passou a se sentar entre Cláudia e Maria, e também era muito interessado em fenômenos paranormais. Logo no primeiro dia em que se reuniu a nosso grupo eu percebi que Marcelo não era completamente lento.

Ele gostava de fazer exhibiçõs de seu poder para Maria e Cláudia, embora alertasse para que mantivéssemos suas demonstraçõs em absoluto segredo. Apesar de se locomover da mesma maneira que todos os outros, Marcelo inventou uma espécie de artimanha que me revelou inequivocamente o seu poder; tendo pedido o baralho de adivinhação de Maria emprestado, espalhou cinza pela superfície de todas as cartas, evidenciando o relevo feito para ser sentido pelos dedos diferenciando uma carta de outra. Com isso, passou a receber as “mensagens telepáticas” com muita facilidade, distinguindo todas as cartas à distância. Tanto Cláudia quanto Maria ficaram encantadíssimas com tão extraordinário poder paranormal!

Senti muitos ciúmes devido à excitação provocada em ambas pelas seguidas exhibiçõs de poder de Marcelo e não sei como consegui me conter e evitar que eu mesmo repetisse suas exhibiçõs. Não foram poucas as ocasiões em que tive um fortíssimo desejo de fazer tudo aquilo e me transformar no centro das atenções e da admiração do grupo.

Perguntei a Marcelo se não tinha medo de ser considerado um bruxo. Ele respondeu que sim, embora àquela altura todos nós já fôssemos mesmo tidos como tais, e aquilo faria pouca diferença, mesmo assim, ninguém de fora do grupo deveria ter conhecimento da intensidade de seu poder.

Depois do primeiro incidente com Maria na saída da escola passei a vigiar sua ida para casa. Não demorou a ser seguida novamente por mais três perseguidores, não exatamente os mesmos da ocasião anterior; o que havia levado o golpe não estava no grupo, embora houvesse outro em seu lugar.

Toda a cena se repetiu, mas dessa vez tentei aprimorar o golpe. Esperei que eles passassem por um obstáculo adequado a meus intuitos, e quando notei que se dirigiam para as proximidades de um arbusto de galhos radiais finos e pontiagudos que seria usado como ponto de apoio para a caminhada, repeti a manobra do toque no pé seguido pela concussão de ombro com ombro atirando todos eles de uma só vez na planta incômoda. A princípio ficaram bem mais irritados que da vez anterior, culpando-se uns aos outros em tons ainda mais veementes, mas acabaram atemorizados ao concluir que os acidentes incomuns tinham sido uma manifestação inequívoca do poder da bruxaria. Voltaram amedrontadíssimos, à beira do pânico.

A princípio fiquei muitíssimo satisfeito com o efeito que aqueles golpes precisos haviam causado, mas logo temi que a situação se tornasse ainda mais aguda. A partir desse dia, a palavra “bruxaria” passou a ser evitada por quase todos na turma e só era pronunciada em voz baixa, com reverência e temor. E muitos alunos passaram a nos evitar acintosamente. Tinham medo de nós.

* * *

O truque de Marcelo com as cartas inspirou-me uma idéia que me facilitou muito os estudos; percebi que a leitura de textos podia ser extraordinariamente simplificada com o relevo das letras destacadas pela cinza espargida sobre o papel.

Para mim aquilo era pura magia! Passei cinza em vários livros que me interessavam tornando a leitura, antes tarefa árdua, extremamente fácil, leve e agradável. Eu podia absorver o conhecimento dos textos sem ao menos tocar no

papel, era como se as palavras grafadas fluíssem para mim através de meu olho. Tinha a sensação de ter transformado a matéria bruta e palpável dos livros em algo etéreo e facilmente absorvível que me trazia uma forte sensação mágica de prazer. Com isso, os livros deixaram de ser inimigos a serem conquistados através do tato, para se transformarem em amigos leais, absorvidos de maneira direta pela mente. Nesse tempo passei a ler muito, sobre qualquer assunto que me caísse nas mãos. Esse método maravilhoso gerava apenas um problema: o temor de que descobrissem o meu poder oculto estava profundamente entranhado em mim desde a infância e eu sabia que qualquer pessoa que tivesse algum poder notaria as letras em destaque nos meus livros, por isso eu os mantinha guardados em casa sem nunca mostrá-los a ninguém. Nunca levava para a escola um livro cujas letras estivessem destacadas pelas cinzas.

Esse artifício facilitou imensamente o meu aprendizado, conseqüentemente a vida na escola tornou-se ainda mais tranquila. As coisas podem ficar difíceis quando somos tidos como bruxos; passamos a ser vistos com desconfiança e a ser excluídos de quase todos os círculos, o que nos faz necessitar auxílios adicionais desnecessários, talvez, para todos os outros. Por essa razão, foi ótimo que eu tivesse me tornado um bom aluno, facilitando bastante a minha socialização na escola já que, com certa frequência, vários colegas me pediam ajuda para explicar a matéria escolar que não conseguiam entender, permitindo o meu trânsito entre os alunos, apesar da fama de bruxo e de minha predisposição ao isolamento.

Sempre me destaquei nos esportes, apesar de praticá-los apenas eventualmente. A atividade física preferida na escola era, sem dúvida, o futebol. Os dois times se enfrentavam tendo por objetivo colocar a bola, recheada de guizos, na meta adversária. Obviamente havia regras, sempre descumpridas, é claro. Tínhamos que jogar com os pés, sendo proibido o toque manual na bola, exceto para o goleiro, mas quase todos insistiam em dominar a bola e fazê-la rolar pelo chão com o uso das mãos, entre inúmeras outras tramóias executadas seguidamente por, virtualmente, todos os jogadores. Enquanto a bola rolava, o barulho dos guizos era ouvido e o som nos guiava em sua direção.

Eu achava bem divertido participar dos jogos, mas nunca me empenhava muito durante eles, pois sabia que, caso o fizesse, meus poderes seriam imediatamente evidenciados. A maioria dos jogadores costumava seguir a bola apressadamente por todo o campo. Para eles o jogo consistia em localizar a bola, chegar até ela e chutar em direção ao gol adversário, que poderia ser encontrado graças ao sinalizador do time, um colega que jogava atrás do gol e cuja única função era a de mostrar, através de gritos constantes, a posição do gol adversário. Eu costumava jogar de um modo peculiar, embora não fosse o único a usar essa tática. Costumava ficar quase parado perto do meio do campo, sem tentar perseguir a bola, mas esperando que ela chegasse perto de mim. Quando notava a aproximação iminente da bola me dirigia a ela e dava um toque ligeiro para frente. Como decorrência dessa tática eu tocava pouquíssimo na bola, mas com enorme eficiência.

Esse modo de jogar me tornava um bom jogador e eu me gabava bastante disso para Maria. Na verdade, creio que ninguém percebeu que eu jogava bem, diziam que eu não me esforçava e que nunca pegava na bola e que parecia estar alheio ao jogo,

apenas passeando em campo sem participar efetivamente; mesmo assim, meu time ganhava quase todas as partidas. Não me lembro de ter perdido nenhum jogo naquela época e eu costumava ressaltar isso para Maria, que às vezes ia até à margem do campo torcer por mim. Quero dizer, quando ela ia ao campo eu acreditava que torcia por mim.

Era um hábito bem comum de todos os jogadores fazer muito barulho enquanto estavam com a bola, de fato fazíamos algum barulho o tempo todo para sinalizar nossa posição para os companheiros de time, mas quando dominávamos a bola, realmente gritávamos, por essa razão, todos os circunstantes interessados percebiam que eu dominava a bola pouquíssimas vezes.

Como ouvia o que acontecia em campo, Maria não acreditava que eu jogava bem, dizia que eu tinha muita sorte. Segundo ela eu nunca pegava na bola e, portanto, nada fazia em campo para ajudar o time. Mesmo assim ela começou a se interessar pelos jogos e, talvez por isso, passei a jogar com mais frequência que antes. Um dia ela me disse achar incrível a minha sorte, que não poderia ser mera coincidência; eu deveria ter poderes paranormais que ela não conseguia entender; acreditava que, de algum modo, eu “embaralhava” as mentes dos adversários fazendo com que eles jogassem mal, levando-os assim à derrota; também considerava a hipótese de eu usar algum poder premonitório na escolha do time, acreditava que eu escolhia o time que, estava escrito, iria ganhar; mas se tinha dúvidas quanto ao modo, não as tinha com relação ao fato de que o caso tivesse explicação paranormal.

Baseada nessa crença, passou a apostar que o meu time ganharia, levando alguns a pensar que ganhássemos por alguma influência mágica da bruxa.

Um dia, durante um jogo, ela concluiu que eu tinha poderes especiais e gostaria de estudá-los. Percebeu que, de fato, eu praticamente não participava do jogo, mas quando tocava na bola, mesmo muito rapidamente, as chances de que um gol viesse a acontecer eram enormes. Notou que, ao dominar a bola, enquanto os outros jogadores partiam em direção ao gol adversário ou chutavam de longe, eu sempre fazia algo diferente: dava um chute fraco e, em seguida, de algum modo a bola acabava entrando no gol adversário.

Eu fiquei surpreso com aquela constatação e disse que, de fato, frequentemente eu dava apenas um leve toquinho na bola e adorei continuar explicando longamente para ela a minha própria concepção do jogo. Gastei um bom tempo floreando o que poderia ter sido descrito com as seguintes palavras: a maioria dos jogadores se aglomerava em um “bolo” do qual eu fugia; buscava uma posição isolada e esperava a bola chegar “limpa”, livre de marcação, perto de mim; em seguida eu dava um toque leve na bola fazendo-a “morrer” frente ao gol adversário, mas longe do goleiro, então o grupo de jogadores que gostava de se aglutinar se deslocava rapidamente em direção à bola, mas como os atacantes chegavam de frente para a meta adversária, bem próxima, tinham grandes chances de fazer o gol, por isso vencíamos, não havendo nenhuma mágica, portanto.

Ela ficou radiante com a explicação e nos dias seguintes quis ver meus jogos e comentar os lances comigo. Eu explicava e enfeitava as narrativas de todas as minhas jogadas, levando-a a concluir, que, sem sombra de dúvida, eu tinha poderes paranormais, e resolveu me estudar com mais afinco. Percebi de imediato as duas

faces dessa moeda: por um lado isso voltava a atenção de Maria sobre mim, o que me agradava imensamente, por outro, ampliava seriamente o risco de revelar meus poderes. Pode-se pensar que a essa altura meu segredo já estava exposto devido a minhas atuações esportivas peculiares, mas não era assim, Maria costumava ver paranormalidades em tudo e todos, de modo que suas intuições sobre isso tinham pouca credibilidade, enquanto os outros continuavam a acreditar que minhas atuações esportivas eram meramente apáticas. Apesar de forte dúvida, decidi correr o risco e colaborar com sua pesquisa, talvez porque, de fato, eu não tivesse opção: de qualquer modo ela iria perscrutar meus poderes

Nesse meio tempo algo bizarro aconteceu. Eu não estava presente na hora e nunca consegui saber em detalhes como tudo ocorreu.

Usualmente Marcelo não se interessava por esportes; recentemente havia despertado para o futebol. Começou meio timidamente, mas logo se entusiasmou; aparentemente ele tinha jeito para a coisa. Como a maioria costumava fazer, ele perseguia a bola por todo o campo, permanecendo no meio do bolo. Durante uma das quedas grupais tão comuns em nossos jogos, quando um tropeça no outro e os demais vêm chegando apressadamente por trás e acabavam caindo por cima dos primeiros que já estão ao chão, parece que Marcelo caiu em posição bem ruim, sendo atropelado por vários outros. Nesses momentos em que a agitação de todos é tão natural, Marcelo acabou se machucando; uma contusão no olho que inicialmente não parecia muito grave, mas o obrigou a consultar um médico.

Depois desse episódio Marcelo nunca mais voltou à escola.

Maria ficou muito abalada com este incidente e acabou perdendo o interesse pela escola; por essa ocasião descobriu que não havia cursos de parapsicologia em nenhuma universidade e nem em outra escola, decidiu então abandonar os estudos regulares e concentrar-se unicamente nos fenômenos paranormais; quase em seguida à saída de Marcelo, Maria também nos deixou.

Também perdi quase todo o interesse pela escola. Sei que Cláudia sentiu o mesmo, mas ambos acabamos concluindo o curso que daí em diante pareceu se arrastar monotonamente por um tempo excessivamente longo. Apesar da extrema lentidão, o período das provas para a admissão na universidade acabou chegando e a despeito do desânimo com o curso regular, eu estava bem preparado para os testes; os livros que eu lia em casa haviam me aguçado enormemente a curiosidade e a vontade de ampliar os horizontes ingressando na universidade.

E eu fui aprovado nos exames. Decidi cursar medicina.

Capítulo V

Ingressar na universidade representou uma enorme ampliação de horizontes; além de possibilitar uma autonomia quase completa, também propiciava uma oferta constante de novas idéias, era como se novos mundos borbulhantes se descortinassem de dentro de outros mundos a cada momento, constituindo um universo imensamente mais amplo do que qualquer coisa que eu pudesse ter sonhado antes, era como se todos os espaços tivessem se distendido passando a comportar uma quantidade muito maior, e muitíssimo mais variada, de possibilidades dentro deles. É certo que o mundo continuava o mesmo, mas sob os olhos do universitário que eu havia me tornado, parecia muito mais rico, muito mais cheio e colorido, embora povoado pelos mesmos objetos que me eram familiares anteriormente, mas agora compreendidos de uma nova maneira mais clara e precisa. Os assuntos das conversas passaram a ser muito mais variados e usualmente despidos do conteúdo emocional que antes costumava embotar a mente, impossibilitando a compreensão racional de certos temas.

Entre as inúmeras descobertas da época, a que mais me marcou foi a explicitação de que todo o conhecimento havia sido criado um dia, ou seja, tinha uma origem, e continuava a ser desenvolvido mais e mais a cada dia. Percebo que, colocada desse modo, essa constatação parece enormemente tola e banal; perguntada sobre o tema, qualquer pessoa com um mínimo de reflexão concordará que todo o conhecimento existente foi criado um dia, embora a maioria, sem dúvida, se surpreenda com a informação de que todas as áreas do conhecimento, como a matemática, por exemplo, continuam se ampliando mais e mais a cada dia que passa.

Creio que essa constatação foi tão marcante para mim por me possibilitar deixar de ser apenas um espectador e me transformar conscientemente em uma espécie de ator. Havia, correspondentemente a essa mudança de perspectiva do mundo, uma alteração na concepção de minha própria existência; a criação era possível, e a passividade do mero espectador do mundo não era um destino inexorável. Essa libertação extrema se somava aos arrebatamentos da juventude e me impeliavam em busca de novos conhecimentos com uma sensação inaudita de liberdade e segurança. Aliada a essa postura confiante, a facilidade de aprendizado que o meu poder me propiciava, tornaram a vida tranqüila, aprazível e repleta de novas sensações revigorantes, apenas raramente ofuscadas pelos pequenos percalços cotidianos e inevitáveis.

Entre os diversos assuntos que discutíamos, era recorrente a abordagem da bruxaria, não mais tratada da maneira irracional e temerosa de antes; abominávamos o modo supersticioso com que o cidadão comum encarava certos poderes e até podíamos revelar, com quase nenhum constrangimento, os nossos próprios poderes; quero dizer: conhecíamos o ódio e o desconhecimento que as pessoas em geral tinham pelo que eles chamavam “bruxaria”, apesar de terem apenas uma noção muito

vaga daquilo a que se referiam, sentimentos que maioria de nós acreditava advir da pura ignorância, da credence obtusa que associava o poder à maldade; contrariamente a esse modo de pensar tão estupidamente disseminado, propúnhamos romanticamente a libertação do poder; penso que era esse o grande sonho de todos nós naquele período de idealismo juvenil .

Um fato curioso e marcante sobre a universidade daqueles tempos era a enorme quantidade de pessoas, tanto entre os estudantes quanto entre os professores, que compartilhavam algum grau do poder; creio que todos aqueles que demonstram alguma quantidade, ainda que ínfimo, de poder acabam passando pela universidade; era como se todos estivéssemos lá e me fazia recordar um pouco uma infância remota em que havia “os rápidos”. Além do fato de muitos por lá compartilharem esse poder, alguns não o ocultavam; quase todos costumavam passar cinza nos livros realçando o relevo das letras, de modo a possibilitar a leitura do texto à distância através do exercício do poder; isso era uma espécie de modismo executado inclusive pelos que não possuíam nenhum poder. Devo dizer, no entanto, que embora o nosso grande sonho fosse exhibir e compartilhar o nosso poder, o medo de que ele viesse a ser revelado estava profundamente entranhado em quase todos nós, de modo que embora todos, e até mesmo aqueles que não o possuíam, afetássemos uma certa demonstração de poder, simultaneamente temíamos bastante deixar transparecer o nosso grande tesouro, de modo que, mesmo nos melhores dos dias, vivíamos uma existência paradoxal que simultaneamente exigia e proibia que fizéssemos demonstrações vivas do poder.

Como quase todos os que se deparavam com aquele mundo novo, eu me resguardava e esperava para ver a postura de todos os outros, de modo a avaliar a possibilidade de expor o meu próprio poder, sem obter em resposta alguma ação violentíssima com o intuito de aniquilá-lo. Pouco tempo antes, teria sido impensável fazer qualquer demonstração pública que evidenciasse o poder, mas algumas mudanças talvez estivessem ocorrendo e talvez fosse possível nos apresentar sem máscaras. Talvez fosse apenas um sonho, mas a possibilidade parecia presente, ainda que, de qualquer modo, a prudência recomendasse que eu me resguardasse e não me expusesse publicamente e, como a maioria, eu decidi esperar.

Não tardou que eu considerasse minha decisão acertada. Isso aconteceu quando eu fui parar inadvertidamente em um anfiteatro onde se reunia um grande grupo, que a mim pareceu um pouco estranho, mas cuja razão da estranheza eu não conseguia identificar; antes mesmo do início da palestra. Durante a apresentação, um antigo sentimento muito forte se reavivou em mim, uma sensação de agonia intensa, e um quase terror me obrigou a deixar aquele ambiente às pressas. Não se tratava propriamente de uma palestra, mas de uma espécie de manifestação contra a bruxaria e eu pude perceber a intensidade dos sentimentos obscuros que o tema causava em tantas pessoas. Só naquele momento eu percebi ser impossível que considerações apenas de ordem racional viessem a eliminar cicatrizes emocionais tão intensas e profundas.

Deixei o local às pressas, com uma sensação de agonia e opressão que me fazia lembrar os primeiros dias de escola e evocava alguns dos piores momentos pelos quais tinha passado em toda a vida. Naquele instante me senti compelido a nunca

expor os meus poderes em público. Talvez tal decisão possa ser encarada como um sinal de fraqueza e até mesmo como mostra de covardia; aos que assim me acusassem, eu talvez respondesse que os que não possuíssem nenhuma fraqueza que atirassem a primeira pedra, no entanto, tenho absoluta certeza de que essa acusação de covardia só adviria daqueles que desconhecêssem por completo a natureza bizarra e profunda das forças obscuras que movem tais sentimentos.

Naquele mesmo dia eu havia planejado jogar uma partida de futebol com uns colegas e talvez tenha sido uma sorte eu me apresentar para o jogo ainda sob o choque da manifestação contra a bruxaria, pois sem o alerta causado pelas sensações reavivadas naqueles breves momentos, o meu anseio por me exhibir na atividade esportiva talvez suplantasse a minha deliberação de ocultar o meu poder, mas quando entrei em campo ainda me sentia ameaçado pela manifestação obscurantista e isso talvez me tenha compelido a participar menos do jogo que de costume, evitando mais do que usualmente a proximidade com o grupo numeroso sempre ao redor da bola.

Tenho poucas lembranças sobre esses fatos; acredito que ainda estivesse imerso nas recordações ruins tão intensamente reavivadas, ou que tentasse reavaliar o grau de ameaça existente ao redor, creio ter sido essa a razão pela qual me mantive ainda mais ausente em campo do que usualmente, e foi assim, meio à distância, que presenciei o momento em que o grupo se embolou, levando de uma só vez quase todos ao chão, no mesmo momento em que o cheiro do líquido de desinfecção dos olhos me corroia as narinas com intensidade. Aquele cheiro hediondo me despertou de uma espécie de sonho em que eu me encontrava e me transportara para fora do campo. Tive certa sorte em não estar no meio do grande grupo, uma vez que minha desatenção talvez me permitisse ser pego de surpresa, mas acredito que, mesmo estando ali como em um transporte onírico, como se a mente flutuasse a enorme distância do local onde me encontrava, creio que algo em mim se manteve muito ligado e evitando minha aproximação de qualquer grupo formado em campo.

De qualquer forma, lembro que a confusão começou mesmo dentro do campo, mas com a gritaria concomitante a ela, uma pequena multidão que eu não havia percebido antes invadiu a quadra aumentando imensamente a algazarra e o tumulto, e logo eu não conseguia discernir quem era quem em meio ao bolo de gente engalfinhada no meio do campo, que crescia ainda mais com a invasão da pequena multidão. No meio do tumulto, abrangendo talvez uma centena de pessoas engalfinhadas no chão, havia muita pancadaria e uma profusão do líquido de desinfecção que eu não conseguia descobrir de onde vinha; em meio a um conflito tão imenso eu me senti despreparado e sem ação. Então recuei e me mantive a uma distância ainda maior da confusão, em local isolado e seguro. Dessa distância acompanhei os fatos apenas imprecisamente, tendo ouvido, ao final da pancadaria, um breve discurso pela erradicação da bruxaria. Nos dias que se seguiram, quase nenhum dos colegas que participou do jogo voltou à sala de aula, muito deles estavam gravemente machucados alguns com traumatismos profundos, outros com contusões em braços e pernas. Ao que parece, quase todos tiveram ferimentos seriíssimos na região dos olhos.

Os incidentes no campo de futebol me compeliram, com mais veemência que os anteriores, a continuar ocultando os meus poderes e, mais que isso, a me prevenir

quanto a possíveis agressões; uma das providências imediatas que tomei foi passar a evitar minha presença em meio a multidões, onde a mobilidade ficasse reduzida e eu pudesse me tornar vítima fácil de um ataque. Eu sabia ser difícil esconder o poder de outros que também o possuíam, e que o melhor a ser feito era dificultar a avaliação do grau de desenvolvimento do meu poder, pois eu bem sabia que alguns o possuíam em um grau muito ínfimo, enquanto outros, pouquíssimos, tinham desenvolvido o quinto sentido em um grau talvez inimaginável. Eu supunha e almejava estar entre os que possuíam o poder em mais alto grau, no entanto considerava muito provável a existência de outros capazes de perceber coisas a distâncias imensas, às quais eu não tinha acesso; talvez existissem também os que conseguissem perscrutar o que se passava atrás dos obstáculos que impediam que eu notasse qualquer coisa, e era possível ainda que alguns tivessem poderes que eu nem ao menos conseguia entender como se manifestavam, do mesmo modo que a grande maioria das pessoas, não conseguia entender em que consistia o poder que eu possuía. De qualquer modo, mesmo que talvez não fosse possível ocultar completamente o poder de todos, convinha não exibi-lo abertamente; com certeza foi o temor que me impingiu esta decisão.

Continuei a usar meus livros acinzentados – era assim que chamávamos os livros cujas letras eram destacadas pelas cinzas – do mesmo modo que quase todos na universidade faziam e a caminhar do mesmo modo desvolto cujo som dos passos leves indicava ser um universitário, e me permiti seguir todos os modismos e maneirismos que, fora da universidade, poderiam ser confundidos com exhibições de poder, já que em um universitário todas aquelas manifestações passavam por meras afetações, destituídas do peso da bruxaria, digo, não mais carregadas desse estigma que a própria condição de universitário, pois as universidades eram tidas como o grande foco das atividades de bruxaria. Apesar disso, o status associado a essa condição garantia que acusações dirigidas aos universitários tivessem um peso reduzido.

Apesar da nítida percepção de que nem tudo eram rosas no interior da universidade, a face cultural e amistosa daquele local superava em muito todos os aspectos sombrios, que só se manifestavam muito esporadicamente, embora com consequências nefastas, de modo que aqueles eram tempos idílicos e de descobertas extraordinárias em que a ampliação de horizontes continuava a cada dia. Eu havia optado pela medicina, o que me enchia de orgulho e me imbuía de um sentimento de responsabilidade enorme, embora o início do curso não diferisse fundamentalmente de outros, constituindo-se mais em ensinamentos teóricos complementares aos do ensino médio que na prática de atividades médicas, coisa que só viria a ocorrer nos anos seguintes. Mesmo assim, eu já começava a sentir as responsabilidades futuras de ter a vida das pessoas em minhas mãos, assim como o orgulho associado a essas mesmas situações.

Também passei a perceber o mundo de uma maneira diferente, não apenas como um imenso pomar onde eu deveria me servir com avidez, mas como um local de trocas no qual eu poderia contribuir em muito com a coletividade. Esse espírito, que já estava presente em mim de um modo incipiente ao optar pelo estudo de medicina, foi avivado e realçado pela proximidade dos resultados da ação médica,

cujos frutos se evidenciavam muito diretamente. Foi dentro desse espírito que eu passei a considerar o poder, cujo potencial para melhorar todas as coisas era enorme. Eu notava o quanto aquilo me facilitava os estudos, o quanto me poupava esforços em comparação com os que não podiam usufruir daquele quinto sentido e percebia que haveria um ganho extraordinário se aquilo pudesse ser compartilhado por todos; teria gostado imensamente de expor clara e publicamente tal posicionamento, mas um forte temor estava profundamente arraigado em mim e me impedia que eu o fizesse, mesmo assim, passei a me interessar mais pelo estudo dos olhos que o de qualquer outra parte do corpo.

Talvez esse direcionamento ocorrido tão cedo em minha carreira tenha me levado a uma certa alienação quanto ao restante da atividade médica. Mesmo antes de iniciar os meus estudos de medicina eu já suspeitava que a desinfecção dos olhos, do modo como era feita, não acarretava nenhum benefício, mas, ao contrário, parecia ser uma das causas da perda daquele quinto sentido cuja existência era negada com veemência em todos os compêndios médicos e cuja menção evocava ostensivamente risos e escárnio, além de outras investidas sempre bem sucedidas no sentido de ridicularizar quem tivesse a ousadia de aventar tal hipótese.

Ainda no início do curso tive minha primeira experiência desse tipo ao sugerir durante uma aula, que, ao contrário da crença comum de que o olho era um órgão sem nenhuma função, ele talvez fosse a fonte de um quinto sentido. Tal sugestão, embora apresentada de modo bem pouco incisivo, sacudiu violentamente a modorra usual da aula teórica de anatomia, acarretando não apenas um comentário jocoso e brutal do professor ridicularizando a hipótese, mas uma saraivada de risadas, tão impiedosas quanto sonoras, seguidas por uma sucessão de piadas que me levaram a evitar tal assunto por vários anos, embora este incidente tenha me levado a mergulhar com afinco na pesquisa do tema e desde então sejam os olhos o objeto mais constante de minha paixão intelectual.

Conquanto meu interesse na hipótese do quinto sentido relacionado aos olhos tenha crescido teimosamente após esse incidente, passei a evitar qualquer alusão ao tema em conversas, mesmo quando presenciei uma manifestação análoga à que acabo de referir, quando já estava no final do curso; nessa ocasião, no entanto, não fui eu o protagonista da cena, mas um colega recentemente chegado à universidade através de transferência, e acredito que minha intervenção antipática ressaltando o direito do colega fazer sua colocação amenizou um pouco o escárnio, que mesmo assim se abateu com intensidade sobre a vítima, meramente por ter ousado expressar sua opinião. Vale notar que as manifestações contra o posicionamento dos colegas eram raríssimas e abominadas por quase todos e que as únicas que presenciei com tamanha intensidade foram as duas que acabo de relatar.

Depois disso ainda me lembro de um incidente assemelhado aos anteriores quando um professor de outra universidade foi convidado a nos falar sobre tema do qual não recordo, e em meio à palestra fez uns comentários marginais sobre o olho. Acabou sugerindo, muito de passagem, a possibilidade de que os olhos fossem o veículo de um sentido. Dessa vez não houve risadas, nem comentários jocosos e maldosos, mas vários dos que assistiam à palestra se retiraram acintosamente, com passos sonoros e resmungos ruidosos, de modo que em poucos instantes o ambiente

estava quase completamente vazio. Também lembro ter tentado me comunicar com o palestrante ao final da apresentação, fato impossibilitado por sua saída apressada.

Por volta dessa época, eu me achava mergulhado profundamente em meus estudos, ou talvez estivesse imerso em mim mesmo, ou talvez ainda absorto na natureza humana, e é provável que todas as três hipóteses sejam corretas. De qualquer modo, eu me encontrava voltado para dentro do pequeno mundo que eu mesmo havia construído, entre livros e minhas próprias anotações, e pouco participava das atividades acadêmicas, exceto aquelas das quais eu não conseguia me esquivar, quando o movimento libertador atingiu o que deve ter sido o seu apogeu, que certamente foi também o seu término, pois quando a grande marcha foi organizada para o esclarecimento e libertação do poder, a reação brutal e imediata foi o confronto violento perpetrado pelo movimento contra a bruxaria.

Nessa época eu me encontrava tão alheio a tudo que, se recordo corretamente, só vim a tomar conhecimento do grande confronto na semana seguinte aos fatos, o que me levou a sentir tão intensamente a mesma agonia que acompanhava certos momentos da minha vida que quase não me inteirei dos detalhes do ocorrido, mesmo assim, o que apurei confirma que teria havido um enorme conflito entre o grupo dos que clamavam pela libertação do poder e aqueles, muito mais numerosos, que associavam o poder à bruxaria e, munidos de farta quantidade de líquido desinfetante, foram capazes de desinfetar os olhos de quase toda a multidão durante uma pancadaria generalizada e selvagem. A agonia que eu sentia ao ouvir as descrições dos múltiplos gritos da multidão cujos olhos estavam sendo desinfetados, me impediu captar os detalhes dos relatos do caos, e tudo o que consegui aferir do fato foi que o embate resultou em uma catástrofe quase total para os idealistas que ainda tinham alguma esperança na libertação do poder.

Também lembro que, por essa época, houve uma certa alteração nos maneirismos dos estudantes, que abandonaram o jeito topetudo de caminhar leve e rapidamente, adquirindo uma maneira mais pesada e menos elitista; também notei algumas outras mudanças nos hábitos das pessoas, como uma redução bastante significativa da frequência nas bibliotecas públicas, além disso, também acredito ter notado um certo aumento na agressividade de toda a gente, embora esta seja, possivelmente, uma impressão subjetiva causada por minhas próprias idiossincrasias. Outros me confirmaram, em conversas, ter sentido esse aumento generalizado de agressividade, além do surgimento de uma espécie de revolta caótica, descontrolada e aparentemente sem nenhum motivo

Passado pouco tempo de todos esses fatos, acabou chegando o momento de minha formatura. Rememorando aqueles anos tão felizes da juventude, os melhores anos da vida, nos quais sonhava com uma carreira muitíssimo promissora dadas as minhas capacidades tão amplamente enriquecidas pelo meu quinto sentido, também percebo que me sentia cada vez mais solitário. Notava que à medida que o tempo passava restavam cada vez menos dos que ainda tinham algum poder e, além disso, o poder restante nos poucos que ainda o possuíam parecia ser ínfimo, apenas uma sombra do que poderia ter sido todo aquele esplendor. Mas assim era o mundo, e eu encarava o futuro com toda a confiança da juventude.

Capítulo VI

Quando comecei a clinicar eu me sentia possuidor de poderes medicinais verdadeiramente miraculosos, conseguia diagnosticar de imediato certas afecções que outros médicos, mesmo os mais experientes, levavam anos para descobrir. Com muita frequência, eu podia perceber o que afligia o paciente assim que ele entrava no consultório, e mesmo antes de ouvir sua queixa, perguntar como estava a parte do corpo que o incomodava. Nessas ocasiões, a reação usual do paciente consistia em um movimento de expansão facial, com a conseqüente abertura dos olhos e boca, acompanhada do gestual de persignação, executado com a mão direita, para em seguida esboçar um certo sorriso e uma expressão de satisfação e conforto. Eu adorava perceber essa sensação de alívio naqueles que me procuravam, era como se meus pacientes se sentissem reconfortados por estarem em boas mãos, embora, ao mesmo tempo, a maioria deles sentisse certa desconfiança por estar em presença de um bruxo.

Creio que por essa época os rumores intensos de bruxaria já me acompanhavam, por outro lado, como eles advinham exatamente dessa situação reconfortante, nunca me atemorizei com eles. Acabo de perceber que o “nunca”, expresso na frase anterior, é certamente exagerado, e que já houve vários momentos em que eu temi bastante o fato de ser considerado um bruxo, no entanto, devo relatar que minha sensação no consultório era de que, mesmo os mais ferrenhos caçadores de bruxos, e tive centenas de pacientes entre eles, se sentiam aliviados com as minhas faculdades extraordinárias de cura, e quase sempre eu recebia um sincero agradecimento pelos meus cuidados, de modo que meus pacientes nunca se mostraram ameaçadores para comigo, ao contrário, sei que a imensa maioria deles se colocaria como minha defensora, nunca como acusadora, muito menos algoz.

Mesmo assim, se meus temores não eram dirigidos aos meus próprios pacientes, houve momentos em que quase me aterrorizei com os caçadores de bruxos, em especial durante os dias negros das grandes queimas, quando os enormes bandos amorfos invadiam e depredavam casas à mais simples suspeita de que houvesse ali algum bruxo, desinfectando os olhos de todos os presentes. Foi a época das grandes campanhas de desinfecção, em que os transeuntes eram abordados aleatoriamente nas ruas e obrigados a passar pela desinfecção dos olhos, a maioria delas inócua e feita com delicadeza, outras executadas daquela forma brutal, cujos gritos me evocavam uma antiga agonia de infância e que ainda ecoam em minha mente sempre que penso em tais atrocidades, pois só pode ser uma barbaridade imensa obrigar as pessoas a passar pela hedionda desinfecção contra a própria vontade.

Relembrando essa época e considerando o quanto o meu quinto sentido já era comentado, sou forçado a concluir que foram meus pacientes que evitaram os seriíssimos constrangimentos pelos quais eu teria passado, especialmente nesse período tenebroso. Durante os dias mais agudos e macabros da campanha de

desinfecção obrigatória, eu podia escutar as aglomerações que seguidamente se formavam na porta da clínica e as interpelações de outros tantos, insistindo com veemência fervorosa para deixarem as minhas benditas consultas médicas prosseguirem normalmente. Lembro ter cogitado fugir do local, especialmente durante a primeira aglomeração, e creio ter sido uma grande sorte eu ter conseguido me manter suficientemente calmo para esperar o desenrolar dos acontecimentos. Provável me arrisquei em demasia permanecendo em local que se revelaria extremamente visado, já que situado em região tão movimentada; um lugar mais ermo talvez passasse despercebido, mas a presença de um bruxo tão notório em local tão agitado inexoravelmente atrairia muita atenção, o que de fato ocorreu, mas foi exatamente a intervenção de pacientes agradecidos e dispostos a se arriscar por aquele a quem, eles criam, deviam a vida, que impediu que até as sublevações mais aberrantes da pior época causassem grave alvoroço no interior do consultório, onde as consultas continuaram dentro da normalidade possível.

Também escapei, por esses tempos, de uma estranha situação, do tipo que nos faz lembrar de nunca estarmos livres do inesperado: durante aquele período bizarro, meu quinto sentido me alertava sempre que alguma ameaça iminente se formava nas proximidades, permitindo-me evitar as situações perigosas com muita segurança, a ponto de me fazer crer que eu nunca viria a cair em uma das arapucas montadas pelos caçadores de bruxos, que se aglutinavam em um ponto da rua onde recolhiam os transeuntes e desinfetavam seus olhos. É certo que o reboliço causado por certas desinfecções acabava alertando todos os passantes, mesmo os que se encontravam a uma distância considerável do acontecimento, no entanto, não eram todas as desinfecções que causavam alarde, sendo a maioria delas efetuada com a complacência do passante, que nesses casos não reclamava nem antes nem depois da desinfecção; talvez tenha sido por essa aparência de normalidade que me ocorreu passar exatamente em um local de desinfecção, não tendo sido alertado nem pelo cheiro forte do líquido, nem pelo meu quinto sentido aguçado, simplesmente me percebi ladeado por dois grupos que pareciam querer me encaixotar, mas tive o espírito de perceber suas intenções a tempo e a perícia para me esquivar simultaneamente das garras de dois perseguidores dos grupos laterais, ao mesmo tempo em que, com minhas próprias mãos, conduzia a deles dois, uma sobre a outra, no mesmo instante em que eu gritava intensamente clamando por minha libertação. Acreditando ambos estarem a me segurar, ocorreu que os dois se engalfinharam selvagememente, no que foram seguidos pelos que os acompanhavam, de modo que, em instantes, havia mais do que seis homens fortes embolados uns nos outros, cena que eu pude acompanhar bem de perto e até participar conduzindo as mãos de uns sobre os braços de outros e empurrando os da borda com a precisão indicada para aglutinar ao máximo a quimera insana de múltiplas cabeças que se formava à minha frente.

Não tive muita pressa para deixar o local, passei, talvez, alguns minutos empurrando e puxando o monstro multicéfalo, de modo a confundi-lo ainda mais e evitando que se desgarrasse dele mesmo, mas o cheiro hediondo do líquido foi se intensificando e com ele as lembranças amaríssimas de momentos passados em agonia ouvindo gritos agudos que continuam encravados em minha alma e então eu deixei o local afobadamente e sem olhar para trás, enquanto me perguntava como

teria sido possível que eu tivesse estado prestes a cair em uma daquelas arapucas tão óbvias que podiam ser pressentidas a muitas dezenas de metros.

Passada a apreensão decorrente dos momentos ameaçadores e eu continuava aturdido com aquele evento, chegando até a considerar a possibilidade de que aquele grupo teria sido armado com a finalidade específica de me pegar, razão pela qual eu não teria percebido suas atividades anteriormente, mas optei pela possibilidade menos paranóica, de que em virtude do acaso eu tivesse sido o primeiro alvo daquele grupo durante a tarde, sendo esse o motivo pelo qual eu não poderia ter percebido a presença deles de antemão, mesmo assim tratei de ficar ainda mais atento do que antes, e a evitar as multidões com determinação maior do que eu já fazia então.

Mas, o período verdadeiramente agudo das grandes campanhas de desinfecção durou relativamente pouco tempo, se é que se pode dizer que é pouco, um tempo que nunca deveria ter existido, mas em menos de um mês, os proponentes das campanhas saíram de evidência e seus seguidores perderam o fervor e o ímpeto iniciais, de maneira que, após esse tempo, foram escasseando, até deixarem de existir por completo. Além disso, pareceu-me também que os proponentes da campanha ficaram tão satisfeitos com os seus resultados, que consideraram a bruxaria virtualmente extinta, seja como for, ao término da campanha eu acabei sentindo uma espécie de alívio, como se a temporada de caça tivesse sido encerrada e eu tivesse sido deixado em paz; de fato, os anos imediatamente posteriores às grandes campanhas de desinfecção foram os mais tranquilos que vivenciei, permitindo que eu me dedicasse com bastante desenvoltura aos estudos dos olhos, o que eu fazia paralelamente ao trabalho no consultório e quase por diletantismo.

Como é notório, creio, o estudo dos olhos tem sido relegado, na melhor das hipóteses, a um segundo plano, embora seja mais provável que tal estudo nem ao menos seja considerado uma atividade séria, equiparada talvez à astrologia. Isto decorre, provavelmente, das condições de animalidade e de atavismo sempre associadas a esse órgão vestigial, tido como uma relíquia de eras passadas em que nossos antepassados bestiais lutavam contra os semelhantes e contra os elementos em uma contenda perene e ubíqua, desbravando o mundo ao redor com garras, dentes e olhos. Assim, de acordo com as correntes contemporâneas dominantes de pensamento, os olhos não passam de órgãos que perderam sua função primordial, que só era necessária às bestas, sendo impróprias à nossa condição humana, de modo que o estudo de tal órgão não seria digno de um médico, mas, na melhor das hipóteses, de um veterinário, consideração por si só suficiente para desmerecer todo aquele que se atreva a se dedicar ao estudo do olho humano, no entanto, como, além disso, as superstições das mentes ignorantes passaram a associar tal órgão à prática da bruxaria, aquilo que poderia ser considerado tema para um veterinário, torna-se então objeto de interesse de bruxos, o que significa jogar tal órgão além do limbo do desinteresse, para o da proibição, uma vez que a prática de bruxaria é considerada coisa aviltante e maléfica.

Desde muito cedo tive a intuição de que o olho é na verdade a sede de um quinto sentido, algo longinquamente comparado à audição, uma faculdade cuja descrição é muito difícil, mas que permite que se intua a existência de coisas distantes. Ao contrário das crendices populares, esse sentido não corresponde, de

fato, a uma capacidade de adivinhação do futuro, mas à percepção dos objetos que não se encontram diretamente em contato conosco, o que levou as mentes obtusas à falsa conclusão que lhes parece inevitável, de que esse sentido equivale a alguma espécie de poder premonitório. No entanto, se é imensamente fácil definir a que não corresponde esse sentido oculto, a tarefa de descrever em que ele consiste, se mostra francamente fugidia, a tal ponto que não conheço nada melhor para ilustrá-la que a referida analogia com a audição, o que, no entanto, só é capaz de propiciar uma impressão muito fugaz da faculdade em questão.

Também me parece imensamente difícil provar a existência de tal sentido, embora seja bastante simples arrolar inúmeros fatos que dão apoio a tal hipótese, mesmo que nenhum deles seja, de fato, impositivo a ponto de não deixar alguma margem para a dúvida. Assim, creio que só os que já tiveram a experiência subjetiva do fenômeno crêem nele com absoluta certeza e de modo racional, o que torna a divulgação de meus estudos uma tarefa vã, pois os que conhecem de fato o assunto em pauta não precisam aprender sobre o tema, enquanto os que não o conhecem, continuarão duvidando do fenômeno que eles próprios são incapazes de presenciar. Isso, por si só, já é motivo suficiente para que as conclusões de tais estudos nunca tivessem sido verdadeiramente divulgadas, assim, não é surpreendente que eu tenha prosseguido as minhas investigações sobre o tema sob uma maneira meramente diletante e descompromissada, me dedicado apenas irregularmente ao estudo dos olhos e apenas nas ocasiões em que outros afazeres mais importantes não absorviam todo o meu tempo. Mesmo assim, minha atenção ao fenômeno permanece muito intensa há já muitos anos, fazendo-me sentir uma autoridade em um assunto tão sem interesse para todos.

Uma das conclusões que tirei desse estudo, e que me parece inquestionável, foi a constatação indubitável de que a desinfecção dos olhos não trás nenhum benefício, ao contrário, causa frequentemente fortes irritações que acabam levando a complicações, muitas vezes, sérias, chegando, em certos casos, a causar a morte dos pacientes. As crianças, em especial, são muito suscetíveis às fortes irritações advindas da corrosão da mucosa dos órgãos pelo líquido desinfectante, que nada mais é que um fortíssimo ácido que não apenas limpa, mas corrói as regiões em que atua, sendo os excessos do líquido, usualmente deixados por descuido, os maiores responsáveis pelas complicações tão frequentes decorrentes do tratamento. Por outro lado, as supostas infecções às quais o tratamento tem por objetivo eliminar são tão raras e anódinas que, muito frequentemente passam despercebidas a seus portadores, de modo que os efeitos colaterais do tratamento superam em muito a intensidade dos sintomas a serem curados, além de serem também muito mais comuns que os sintomas usuais da infecção, que podem ser descritos como raros, exceto durante alguns verões esparsos. Esta conclusão, mais que da inutilidade, da natureza danosa desse tratamento, acarreta como consequência a recomendação imperiosa de suspensão dessa terapêutica, tanto a utilizada em nível profilático, pois a desinfecção dos olhos é feita antes mesmo do surgimento de sintomas, como medida radical para extirpá-los; como também no nível medicamentoso que tem por alvo as infecções superficiais que se curam por si, sem que venham a ser assoladas pelos brutais efeitos colaterais decorrentes de tratamento tão drástico. Outra recomendação imediata

decorrente dessas constatações é a necessidade forçosa e urgente de se abolir a prática, tão disseminada em nossos dias, de desinfecção nas escolas, especialmente aquelas de caráter profilático. Todos os estudos, sem nenhuma exceção, revelam que a prática da desinfecção coletiva, acaba sendo a principal causadora de evasão escolar, em especial nas primeiras séries escolares, frequentadas pelas crianças mais novas, nas quais é bastante notório entre os professores, o fato de que, nos dias seguintes aos de realização de desinfecção dos olhos, um grande contingente de crianças costuma ficar impossibilitado de frequentar a escola por determinação médica. Essa redução na assiduidade dos alunos é tão patente, que há uma portaria governamental recomendando que os professores evitem a administração de novos conteúdos didáticos para os alunos durante o durante os dias seguintes ao de uma desinfecção coletiva, com ênfase especial no ensino das primeiras letras, que deve ser iniciado apenas na segunda semana após o dia da desinfecção. Durante os primeiros dias do ano letivo, também ocorre um aumento na frequência dos ambulatórios pediátricos, em virtude de complicações alérgicas e de outras ordens decorrentes das desinfecções. Tudo isso já deveria ter deixado claro que tal prática acarreta muito mais efeitos prejudiciais que benéficos e já deveria, há muito, ter sido abolida das escolas. Apesar de tudo isso, e embora quase todas elas possuam uma farmácia extremamente precária e quase desprovida de remédios, assim como de todos os equipamentos de primeiros socorros, como por estranha ironia, a presença do hediondo líquido desinfectante é quase ubíqua; de fato, todos os estudos que consultei sobre o assunto constatavam que na totalidade das escolas havia alguma quantidade do líquido, embora em mais de sessenta por cento das escolas fosse esse o único remédio constante na farmácia, evidenciando que, ironicamente, a totalidade dos diretores parece considerar o líquido desinfectante dos olhos o medicamento mais necessário em uma escola.

A conclusão mais imediata de meus estudos consiste na recomendação veemente para a eliminação da prática de desinfecção dos olhos nas escolas, o que redundará em uma redução significativa de ausências escolares e até em uma melhora na saúde das crianças. No entanto, aparentemente, os professores e diretores de todas as escolas, parecem cuidar dessa prática com um zelo tão grande quanto injustificado, indica ser necessária uma ampla campanha de esclarecimento para a abolição dessa prática execrável.

Além desse zelo injustificável, existe ainda uma espécie de movimento que se auto-descreve como moralista-religioso, mas que não passa de uma regurgitação obtusa das forças das trevas, e consiste em endemoniar os olhos e associá-los a bruxarias e outras crendices. Tais crenças, ainda que extraordinariamente idiotas, estão profundamente arraigadas e disseminadas em toda a população, não apenas nas camadas mais ignorantes, o que exige, com urgência, sejam feitas campanhas de esclarecimento com o intuito de desmistificar os olhos e os supostos poderes místicos da feitiçaria. Alguns chegam mesmo a afirmar que os próprios diretores de escolas compartilhariam com os ignorantes a crença nesses tolos mitos sobre bruxarias, o que justificaria o referido zelo para com a desinfecção dos olhos.

* * *

O período posterior às campanhas coletivas de desinfecção dos olhos foi tão ameno que permitiu não apenas que eu efetuasse meus estudos sobre os olhos, mas também que eu os divulgasse publicamente, o que, em certo sentido, poderia ser considerado bom, mas só poderia ser encarado como ótimo se tal divulgação tivesse acarretado algum efeito, no entanto, nunca soube de nenhum diretor que, tendo se informado sobre meus estudos, mudasse de atitude e proscrisse a desinfecção dos olhos em sua escola. De fato, continuei acompanhando dados sobre uma grande quantidade de escolas, e neles não constatei nenhuma mudança em relação qualquer procedimento efetuado nos olhos, de modo que meus estudos acabaram sendo tão anódinos quanto os próprios órgãos que eles abordam.

Durante o período em que, diletantemente, efetuava esses estudos, ia me tornando um médico afamado, e mesmo os raros colegas que tentavam denegrir a minha imagem descrevendo os meus tratamentos como mandingas de bruxo, quando se encontravam, eles mesmos, enfermos tratavam de me consultar, muitos deles chegando cabisbaixos e ressabiados e mostrando uma humildade que eu considerava desnecessária, mas que os acusava tanto quanto as denúncias que eles próprios haviam elaborado. Com muita frequência eu era capaz de diagnosticá-los, assim como ocorria com a maioria dos pacientes, antes mesmo de apalpá-los e até mesmo de perguntar sobre seus sintomas, embora, sempre que soubesse tratar-se de um colega, evitasse as demonstrações explícitas daquilo que eu sabia, poderia vir a ser identificado com bruxaria, e fizesse uma anamnese completa, antes de direcionar o exame para o ponto que eu já sabia de antemão ser o fulcro das queixas. Creio que eram meus diagnósticos que me tornavam um médico tão considerado e que, sem falsa modéstia, minha fama era merecida, pois com enorme frequência podia notar, com absoluta certeza, que os médicos anteriores de meus pacientes erravam o alvo por completo, tratando frequentemente o órgão sã e permitindo que a víscera doente permanecesse incólume a qualquer tratamento. Aliás, isso era tão comum que se poderia dizer que era a regra.

Além das consultas como clínico geral que me permitiam fazer uso de minhas faculdades incomuns para diagnosticar com precisão, eu também clinicava como dermatologista, atividade bastante desprestigiada pelos colegas, mas com a qual eu sempre me identifiquei e pela qual demonstrei, desde os tempos de faculdade, ter uma sensibilidade especial que me permitia acertar tanto o diagnóstico, quanto o tratamento, com enorme precisão. Dois erros simples e básicos durante o tratamento fazem com que as doenças de pele sejam tão frequentes em nossos dias: o tratamento parcial da doença, deixando de fora alguma área afetada, e a interrupção do tratamento antes da cura, acarretando a volta da infecção sob uma forma ainda mais resistente ao medicamento. Normalmente esses dois fatores se conjugam, de modo que a terapia tópica à base de pomadas usualmente exclui uma certa área a cada dia, acarretando o prolongamento do período de cura, sem que o tratamento tenha o seu prazo correspondentemente ampliado, de maneira que o único efeito obtido pelo tratamento é a amenização dos sintomas por um certo período. Ainda que a maioria não considere isso crível, meu quinto sentido me ajuda não apenas a diagnosticar tais doenças e acompanhar o tratamento de modo a corrigir as falhas bastante comuns na

aplicação dos unguentos tópicos sobre as superfícies afetadas, como em perceber se o tratamento teve o efeito desejado e, além disso, se a cura já foi alcançada, de modo que meus pacientes tem um índice de cura muitas vezes maior que o usual.

Eventualmente dou consultas em outras especialidades, mais especificamente nos casos em que o paciente já consultou, em vão, dezenas de especialistas em busca de algum alívio para o seu sofrimento. Nesses casos, usualmente percebo que os especialistas estão atirando a esmo, tentando adivinhar a que correspondem os sintomas descritos pelo paciente, embora, apenas, com uma intuição muito vaga da doença da qual tais sintomas poderiam advir, de modo que inventam uma causa qualquer com o único propósito de dar uma satisfação ao doente, que, por isso mesmo, sai dali enganado e encaminhado para um tratamento inadequado ao seu mal, sem que sua doença tenha sido alvo de qualquer terapia. Algumas vezes percebo que isso está ocorrendo ainda durante a consulta clínica. Nesses casos, eu mesmo me encarrego do tratamento do paciente, normalmente já bastante desesperançado.

Muitos desses episódios renitentes, em que o paciente já se encontrava à beira da completa descrença na medicina, ou, ao menos, incrédulo quanto à possibilidade de cura de seu próprio mal, acabaram por se revelar os mais gratificantes, não só por possibilitar a cura de uma doença longamente aborrecida, mas por restituir ao doente a sensação de confiança na vida, usualmente abalada por sentimentos de impotência e abandono pelos quais passa o paciente cuja doença nunca é alvo do tratamento proposto. Além disso, esses casos costumam ser caracterizados por longos períodos em que as indisposições prevalecem, e acabam por governar por completo a vida do cidadão, eliminando quase toda a alegria do cotidiano desses pacientes, de modo que o retorno a um estado saudável corresponde também ao reencontro da felicidade, significando um momento agradabilíssimo vivido pelo paciente, que acaba deixando transbordar um pouco desse sentimento para o médico, que teve certa participação na obtenção desse estado.

Entre esses casos, lembro de um especialmente incomum. Ainda enquanto entrava no consultório tive uma sensação estranha que não conseguia descrever, mas entrei na sala como de costume, embora tivesse notado que a ante-sala se encontrava especialmente cheia naquele dia, pois já havia lá umas quatro pessoas além da secretária, o que não costumava acontecer tão cedo; naquele instante pressenti que teria um dia cheio.

O primeiro paciente do dia entrou caminhando com um andar levíssimo, a ponto de chamar a atenção; deslocava-se de um modo tão lépido que inequivocamente seria apontado como bruxo. Imediatamente a sua presença me evocou um lampejo de tempos remotos, de quando eu era uma criança brincando com outras de maneiras leves e despreocupadas. Logo em seguida me vieram à mente lembranças menos remotas, dos tempos de universidade, anteriores ao das grandes campanhas coletivas de desinfecção dos olhos e aos movimentos anti-bruxaria que varreram os modismos que ganhavam força em locais de atmosfera mais liberal, como as universidades, quando eventualmente podiam-se notar caminhadas quase tão elegantes e desenvoltas quanto aquela que eu acabava de presenciar, ainda que passos tão desembaraçados fossem raríssimos, mesmo naqueles tempos.

Eu ainda remoia tais recordações em minha mente quando me dirigi ao paciente com o intuito de examiná-lo, e foi antes mesmo de iniciar o exame que eu senti aquele terrível incômodo. Parece-me extremamente difícil descrever o que eu sentia naquele momento, mas era como se seus olhos exalasses uma quantidade enorme de vitalidade, como se transbordassem de vida, deixando-a escorrer em larga vazão. Seus olhos pareciam me seguir, como se estivessem de algum modo em contato comigo, e continuamente espargiam uma vida úmida, que podia ser sentida à distância, causando uma sensação tremendamente incômoda, como se eu estivesse sendo invadido pela umidade que transbordava daqueles olhos tão vivos. Eu tentava, em vão, me libertar dos laços imateriais que me grudavam àqueles olhos, mas eles permaneciam a me seguir impudicamente, me vasculhando por completo até às entranhas, me desnudando por inteiro ao mesmo tempo em que permaneciam ali inertes e como que cravados em mim. Não sei quanto tempo durou aquela sensação de incômodo terrível que me invadiu, e que, de fato, continuou por toda a consulta, embora tenha sido abrandada pelas primeiras palavras do paciente sentado à minha frente, e que aparentemente se sentia quase tão incomodado quanto eu. Enquanto eu tentava me libertar da força daqueles olhos perscrutadores, o paciente se adiantou a mim e comentou revelando surpresa, que há muitos anos não sentia um “olhar” como aquele. Aquela estranha palavra parecia descrever o que eu sentia com extrema precisão: ele me olhava! De algum modo conseguia cravar os olhos em mim e me olhar, o que se assemelhava a esfregar seus olhos sobre mim, ainda que se mantendo à distância. Suas palavras me indicavam que ele também sentia que eu o olhava, o que me confundiu. Continuei atento ao fato de que ele me olhava enquanto analisava o modo como conseguia fazer aquilo apesar de permanecer distante; estranhamente ele não friccionava seus olhos em mim, mas de alguma maneira realmente bizarra, ele de fato me olhava, mesmo permanecendo a certa distância, o que continuava a me incomodar intensamente.

Enquanto eu analisava aquela olhada terrivelmente devassa, conversamos e logo iniciei a consulta. Hoje percebo que naquele dia, nitidamente, errei o alvo do diagnóstico, o que agora me parece extremamente natural; já havia estado em contato com outras pessoas que sabiam olhar, havia mais de um professor na universidade que o fazia, mas, que eu me recorde, nunca com tamanha intensidade. Além disso, eu não me lembro de ter permanecido em contato com algum desses professores em distância tão exígua. É certo que o tal olhar me fez lembrar, em especial, de um professor que, agora noto com mais clareza, sabia olhar intensamente, mas com quem só me relacionei à distância. Pressenti erroneamente que a consulta tinha em mira algo relacionado àquele olhar. Imaginei que aquilo deveria causar enormes problemas sociais ao homem à minha frente, dado o incômodo extremo que ele me fazia sentir. O paciente, no entanto, se surpreendeu com meu desconhecimento e comentou que era raro, nesses tempos, encarar algum olhar, e mais uma vez eu me ative às suas estranhas e reveladoras palavras.

Em seguida, como se ele mesmo dirigisse a consulta, queixou-se de uma enorme mancha que lhe cobria quase todo o tronco nu e nenhum médico conseguia eliminar; só nesse momento seus trajés me chamaram a atenção, embora estivesse despido da cintura para cima apesar da baixa temperatura que ainda se mantinha

àquela hora da manhã. A enorme extensão da mancha sobre o corpo conferia certa gravidade àquela lesão, me obrigando a me concentrar em seu corpo e nos sintomas relacionados à mancha que ele descrevia. Receitei-lhe um tratamento à base de uma pomada tópica a que ele se submeteria ali mesmo na clínica, pois era imprescindível que o remédio fosse aplicado sobre toda a região afetada. Ele próprio, no entanto, considerou desnecessária a vinda diária, à clínica, apenas para espalhar um pouco de pomada sobre o corpo, e considerou que poderia fazer aquilo em casa, o que eu não achei recomendável, mas que não teria como impedir. Imaginei que em poucos dias o paciente retornaria com a lesão ampliada, o que não ocorreu, e eu acabei não tendo mais notícias daquele homem incomum que deixou a clínica seguido por outros dois que surpreendentemente demonstravam quase tanta desenvoltura no andar quanto ele.

As lembranças daquele homem peculiar, de suas estranhas e reveladoras palavras, e sobretudo, daquela sua maneira de olhar, permaneceram me instigando por um longo tempo e, no entanto, durante muitos anos eu não mais tive notícias suas.

Assim se passaram os meus primeiros anos de clínica, quando as surpresas médicas ainda eram frequentes e que ocorreram durante o período socialmente mais tranquilo de que me lembro, livre das convulsões sociais que sempre ressurgem. Para mim, foi fundamentalmente uma época de consolidação profissional, embora também tenha sido um período de enorme aprendizado; creio que todas as minhas práticas médicas são basicamente guiadas pelo meu quinto sentido, e por essa razão tiveram que ser desenvolvidas por mim mesmo, já que, desde a infância, não tive nenhum mestre que me ensinasse a usar essa faculdade, e nem tampouco a aplicá-la na medicina, de modo que minha principal tarefa durante os anos iniciais na profissão foi desenvolver, eu mesmo, minhas próprias técnicas, tanto as de diagnóstico, quanto as de cura. Foram bons anos e creio ter sido uma sorte para mim que tenha sido um período de tranquilidade social na qual os bruxos, assim como todas as fantasmagorias, foram deixados em relativa paz. Foram mesmo bons tempos aqueles.

Capítulo VII

Depois de alguns anos de rotina creio que todas as coisas desse mundo acabam ficando iguais: tornam-se igualmente as mesmas que as da véspera. Não foi diferente com o dia a dia no consultório, o que era natural e até desejado. Sei que para muitos a rotina costuma ser cansativa e incômoda, para mim, no entanto, aquela mesmice era aprazível e me incomodaria mais a sua falta que sua repetição diária, se de fato a palavra “incômodo” pudesse ser aplicada nesse caso. De qualquer forma, durante as férias, uma sensação de vazio se apossava de mim com certa frequência, ainda que com baixa intensidade, de maneira que se pode dizer que eu estava completamente adaptado às minhas atividades diárias.

Além disso, o mundo tinha assumido uma nova normalidade na qual as superstições ganharam um papel cada vez maior; naqueles tempos surgiam as credices mais tolas e inexplicavelmente ganhavam corpo e contagiavam amplamente a população, de modo que, em certos círculos, duvidar, mesmo das crenças mais idiotas, era quase tido como uma manifestação anti-social. Aparentemente todas as pessoas tinham, no mínimo, que ser complacentes com as adivinhações de todos os tipos: a astrologia egípcia, a grega, a moderna, o tarot mitológico, o belga, o imaginário, a numerologia livre, a indiana... seria inútil enumerar todas as sandices que ganharam corpo naqueles tempos e que não se restringiam à adivinhação, mas abarcavam também as manipulações do futuro, das mentes, dos objetos distantes, e de toda e qualquer asneira que um dia tenha sido imaginada, e me surpreendia que os movimentos anti-bruxaria permanecessem tão sonolentos. Assim, durante um longo tempo, foi como se a palavra “bruxaria” houvesse sido esquecida, apesar da onipresença de místicos em todos os lugares.

A quantidade de pessoas que se dedicavam profissionalmente às inúmeras modalidades místicas crescia ainda mais do que se proliferavam todas aquelas novas formas de misticismo, como a música insinuante, com poderes para controlar os desejos do ouvinte, ou a tonificação térmica, uma forma de controle à distância dos impulsos violentos e de todas as linhas de indução neo-controladoras que, com o auxílio de alguma energia mística tantos criam, tolamente, ser capaz de influir no comportamento dos indivíduos, além das diversas massagens eliminadoras de tensão e dos transdutores de flexibilidade energética, com supostas poderes terapêuticos. Mas apesar do surgimento de tantas formas disparatadas de magia os caçadores de bruxos permaneciam inertes, como se a magia os houvesse feito desaparecer, ou, talvez, como se esperassem para catalogar todos os bruxos sobre o planeta, o que a certa altura começou a me parecer inútil, já que a coisa toda se espalhou tão drasticamente que eu não conhecia mais nenhuma pessoa que não abraçasse alguma forma de misticismo.

Quando os diversos cultos às manifestações etéreas se encontravam no auge, arrastando multidões de crentes para suas seções de descarrego, incorporação e contato etéreo, o movimento anti-bruxaria irrompeu com um fervor e uma brutalidade inauditos e contagiou multidões daquelas mesmas pessoas que, dias antes, fervilhavam na maior diversidade de cultos que qualquer época já viu. Difícil explicar os motivos que levavam os mesmos indivíduos que haviam cultuado as mais disparatadas formas de magias, adivinhações e de indução e controle de mentes, a se voltarem contra todas aquelas inúmeras manifestações que acabavam sendo agrupadas sob o mesmo rótulo de bruxaria, mas é como se o movimento anti-bruxaria se visse alimentado, exatamente, por aqueles que poucos dias antes haviam enveredado pelos caminhos da duvidosa sabedoria mística e dos poderes que, provavelmente, eram tão ocultos para eles quanto para qualquer um outro. Com alimento tão farto quanto eram as multidões aderentes às inúmeras correntes místicas, o movimento anti-bruxaria agigantou-se de uma forma explosiva, aglutinando o maior contingente já visto em uma mesma corrente de indivíduos atuantes, que talvez necessitassem ser vistos em sua nova atividade, de modo a apagar as más impressões que um passado muito recente poderia ter causado. Assim, talvez fosse a proximidade do tempo a ser esquecido e negado que incendiou tamanho fervor em tantos seguidores do novo movimento, pois, frequentemente, suas próprias vidas dependiam da eficiência com que demonstravam suas novas crenças e foi talvez essa necessidade de fervor que gerou a inconfundível atmosfera catártica avassaladora, que acabou por englobar a quase totalidade dos movimentos místicos tão abundantemente espargidos pela população.

O movimento iracundo se tornava tão mais colérico quanto maior era o número de seus seguidores e a fúria que os conduzia aterrorizava aqueles que presenciavam as aglomerações iradas e impudicas a clamar pelo sangue dos bruxos. Acovardadas pelas ameaças cada vez mais veementes, as multidões atordoadas se viam compelidas a aderir ao movimento, tornando-o tão mais agressivo quanto mais numeroso e, em consequência, ainda mais ameaçador, de modo que seu apelo intimidante crescia de forma explosiva abarcando quase toda a população em um intervalo de tempo que podia ser contado em poucas semanas.

É claro que tamanho fanatismo não iria se impor sem deixar em seu rastro uma enorme profusão de vítimas, sendo elas quase sempre os incautos que não perceberam a fúria avassaladora que crescia desmesuradamente em todas as direções; eram vítimas dos ódios fortuitos sempre distribuídos pela população, ou eram pura e simplesmente vítimas, já que era necessário que vítimas houvesse, pois que havia tanta ira que parece que foi pouco o sangue que correu, enquanto as multidões aderiam ao movimento empurrando as acusações que lhes eram imputadas sobre os ombros mais próximos que encontrassem, uma vez que a ânsia de se livrar das acusações era sem dúvida muito mais eficiente que qualquer consideração racional quanto a uma suposta inocência que de forma nenhuma seria considerada crível por uma multidão ao mesmo tempo aterrorizada e furiosa.

Mas foi quando o número de cadáveres pisoteados pelos manifestantes aglomerados superou o dos que eram flagrados em suas casas e queimados vivos, que o desespero sobrepujou tanto a raiva quanto o medo, e a insanidade que guiava o

movimento transbordou, revelando-se a si mesma em todos os rostos e em todas as mentes desconexas que deliravam a esmo pela cidade, em meio a um surto coletivo incoerente que por minutos isolou, paradoxal e simultaneamente, todas as individualidades que compunham a multidão delirante. E foi a extenuação resultante do delírio que os fez tornarem a ser as pessoas que sempre tinham sido e voltarem para suas casas para esperar, em meio a rezas profundamente pias, que toda aquela insanidade desaparecesse instantaneamente e nunca mais viesse a ser lembrada.

Tendo a normalidade possível, paradoxalmente, se reinstalado após os irreais delírios coletivos, tudo voltou, fundamentalmente, ao que era antes, embora fosse sentida a falta de uma parcela considerável da população, que talvez chegasse a uns dez por cento, embora ninguém tenha tido interesse em saber quantos foram, pois, de todo esse passado, só o que se desejava era esquecer. Além disso, a adesão às inúmeras crenças místicas pareceu reduzida, embora, talvez, todas elas estivessem apenas mais fortalecidas e discretas, com o intuito de passar despercebidas frente a algum eventual surto coletivo futuro, cujo ressurgimento estaria longe de ser um fenômeno inesperado.

Durante os anos que se seguiram aos delírios coletivos, eu me sentia como se estivesse imerso em uma normalidade extremada, excessiva; uma normalidade que chegava a se mostrar estranha, tal era a padronização de tudo e de todos; a normalidade que fazia com que todos gostassem exatamente das mesmas músicas, das mesmas comidas, e tivessem precisamente os mesmos hábitos e as mesmas preferências sobre todas as coisas, descrevendo da mesma maneira tudo aquilo que desejavam, de modo que todos pareciam se assemelhar completamente, como se houvessem sido irmanados pelas catástrofes genocidas. Talvez eu tenha tentado gostar das coisas que todos diziam gostar e acho mesmo que eu tentei agir como todos eles agiam, e mal me lembro que algo assim aconteceu, mas também me recordo que todas as coisas perderam o sabor e muito rapidamente nada mais parecia ter sentido, como se eu vestisse o meu próprio corpo à distância e tentasse controlá-lo remotamente em um mundo longínquo e insosso no qual nenhum atrativo havia, exceto o sono, exceto dormir e sonhar, e foi o que fiz naqueles tempos em que tentava fazer o mesmo que todos faziam, o que, paradoxalmente, me deixou excessivamente cansado, me obrigando a decidir que eu tinha que voltar a ser eu mesmo, que eu só poderia ser eu mesmo, não havendo nenhum sentido em tentar compartilhar a existência coletiva insossa e desconexa que não era e não poderia ser minha. Foi então que simplesmente voltei a ser eu mesmo e a levar a minha vida de médico que, afinal, para mim era bastante aprazível, apesar das minhas convicções sobre a existência de um quinto sentido que poderia vir a ser desenvolvido pelas pessoas, gerando um mundo muito mais humano e saudável, um mundo no qual minha mente utópica não apenas acreditava possível, como desejava ativamente: um mundo de sonhos vívidos e coloridos.

Nesse momento, quando todos se mimetizavam uns aos outros, minha natureza incomum se revelou de maneira gritante, mostrando de modo constantemente evidente as minhas idiossincrasias, os meus modos e crenças peculiares que desde cedo me angariaram a fama de bruxo. Por essa época, muitos dos meus pacientes mais agradecidos se mostraram ao mesmo tempo constrangidos e prestativos ao me

alertar, em seguida a inúmeros prolegômenos, que meus modos poderiam sugerir às mentes malévolas que eu pudesse ter alguma espécie de relacionamento com a bruxaria, especialmente pela minha maneira tão leve de caminhar e pelo modo tão rápido e preciso com que eu descobria os sintomas que acarretavam suas queixas, além de todas as outras adivinhações que, sabiam eles, eu conseguia fazer, argumentavam que, como era de conhecimento geral, o movimento anti-bruxaria estava adormecido, mas logo voltaria e que quando isso acontecesse aqueles meus hábitos me deixariam em perigo e eu lembro que tais advertências me foram repetidas tantas vezes que eu quase até já conseguia adivinhar as palavras e até os gestos que se repetiriam para compor o mesmo aviso, repetido do mesmo modo e nas mesmas ocasiões, e tudo isso me trouxe a certeza de que a erupção de um novo ataque anti-bruxaria teria agora poucos alvos, já que todas as pessoas tinham ficado tão iguais, quase não podendo ser distinguidas umas das outras, de maneira que, disfarçadas assim em unidades da massa, não tinham nenhuma identidade que os pudesse transformar em alvos, resultando que todos os que se distinguissem minimamente dos demais, seriam provavelmente caçados com o mesmo afinco que os animais predadores perseguem as presas que se diferenciam dos outros do mesmo bando, o que me elegeria à condição de alvo número um em algum evento explosivo do tipo que todos, exceto os muito jovens, conheciam e temiam.

Entre tantos pacientes tão iguais, os anos se passam sem que muita coisa verdadeiramente digna de nota ocorra; hoje cedo, no entanto, fui surpreendido ao chegar ao consultório, logo pela manhã. Vinha de casa caminhando, como sempre fazia, embora um vento frio e mais forte que de costume tivesse me induzido a apertar o passo e andar com a rapidez que eu evito desde criança, devido à associação que costumam fazer entre os passos rápidos e a bruxaria. Apesar do barulho do vento arrastando as folhas secas e chacoalhando os galhos farfalhantes das árvores, percebi que minha celeridade chamava a atenção daqueles que se atreviam a enfrentar o tempo adverso da manhã, que ameaçava se transformar em chuva forte. Ainda tentei silenciar meus passos caminhando com extrema delicadeza enquanto me aproximava da clínica com o intuito de despistar aqueles que eventualmente desejassem descobrir meu paradeiro e minha identidade, e é provável que tenha atingido meu intento, o que não me parecia difícil em meio ao alarido forte daquela ventania. Foi imerso nesse afã de proteção que eu entrei na clínica, onde me deparei com uma situação tão estranha quanto incômoda e que me revolveu a memória para levá-la até uns anos antes, naquela mesma clínica. Sentado na ante-sala estava o homem que sabia olhar, e que naquele exato instante exercia a sua estranha e incômoda faculdade me olhando.

Já descrevi a estranheza dessa coisa chamada “olhar”, que é como esfregar os olhos em outra pessoa, ao mesmo tempo em que se mantém distância dela. No instante em que entrei na ante-sala da clínica, ainda preocupado com os acontecimentos do lado de fora, senti aquela olhada que me perscrutava inteiro e que se cravava de forma intimidante em meus próprios olhos, e imediatamente resgatei a imagem do estranho homem que me ensinara a palavra “olhar” e seu significado daquela maneira contundente que ele voltava a repetir. Tentei manter alguma naturalidade enquanto cumprimentava minha secretária e os pacientes sentados à

minha espera no momento em que entrava no consultório. Não me surpreendeu que o primeiro paciente do dia fosse o estranho homem que olhava.

Olhando fixamente para os meus olhos de um modo que me intimidava fortemente, ele relembrou o antigo tratamento relatando que a cura fora rápida e eficiente e que, nem a antiga coceira, nem a lesão nunca mais tornaram a incomodá-lo. Em seguida se queixou de uma dor nas costas, que já o acompanhava havia alguns anos, mas que, ultimamente se tornara muito aguda, ainda que intermitente.

Apesar de intimidado e incomodado pelo olhar do paciente, eu notava desde o início que ele se esparramava pela cadeira até apoiar o ombro direito na parede, deixando o braço cair até o chão, onde eu reparei que a mão frequentemente ajudava a sustentação do corpo. Seu pescoço, curvado, sustentava oblíqua a cabeça incrustada pelos grandes olhos que continuavam cravados em mim de modo incômodo. Suspeitei que aquela postura incomum e drasticamente enviesada talvez tivesse alguma relação com a dor da qual ele se queixava. Então, sempre incomodado pelos estranhos olhos que pareciam ter vida própria e independente, pedi que ele se levantasse e que em seguida se sentasse sobre a maca encostada na outra parede do consultório. Como eu supunha, ele voltou a se sentar do mesmo modo esparramado com que se derramara anteriormente sobre a cadeira, dessa vez apoiando o cotovelo direito na maca. Disse-lhe então que, provavelmente, o seu problema decorria de um vício de postura, enquanto, com as minhas mãos, moldava seu corpo de modo a deixá-lo em posição vertical, coisa que o incomodava visivelmente. Foram necessários alguns minutos e certa quantidade de argumentação para convencê-lo de que ele não se mantinha em posição ereta, mas que tendia a se sentar de forma enviesada, o que sobrecarregava a coluna acarretando a dor da qual se queixava, e que o tratamento consistia fundamentalmente em se manter na posição correta, o que exigiria muita disciplina e atenção, além da execução diária de certos exercícios físicos que eu passei a ensinar, que fortaleceriam a musculatura abdominal facilitando a manutenção da postura adequada. Reparei, com alívio, que enquanto tentava corrigir a própria postura, ele como que desgrudava seus olhos de mim, o que me permitia até respirar com mais tranquilidade.

Finda a consulta, meu estranho paciente pareceu convencido de que eu havia, de fato, encontrado a causa de seus males, e que em breve estaria curado e livre das dores que por vezes o atormentavam intensamente, e já se sentia agradecido de antemão pela cura que, conforme acreditava, não tardaria, quando voltou a cravar os estranhos olhos úmidos em mim, dessa vez com uma veemência ainda maior, se é que essa palavra pode ser aplicada a “olhos”. E então passou a relatar a estranheza que sentia desde a véspera. Disse-me que tinha uma forte intuição, e que desde o dia anterior presentia algo que só havia sentido durante as épocas mais agudas das caçadas aos bruxos, e enquanto falava, suas palavras eram avivadas pelo seu olhar que me perscrutava inteiro e que eu quase podia sentir encostando em mim, o que gerava um incômodo tão grande que chegou a me evocar umas lembranças de agonias extremas que eu havia sentido durante a infância. Além de seus olhos, suas palavras contribuíam enormemente para que aquela sensação indescritível fosse reavivada e me agitasse naqueles instantes em que meu estranho paciente me contava que na tarde anterior havia sido seguido por dois pares de indivíduos que se

revezaram no seu encaço, de modo que ora um par, ora outro, se mantinha quase colado a si, e que, para se certificar de que estava sendo seguido, por várias vezes reduziu sua velocidade, e por outras caminhou em direções improváveis que “quebravam” o caminho, e que nas ocasiões em que alterava dessas maneiras a sua rota, notava que a dupla que o seguia de perto continuava em seu caminho, enquanto a outra dupla que acompanhava tudo de uma distância não tão curta se encarregava de se aproximar, de modo que uma das duplas se mantinha sempre colada a ele enquanto a outra acompanhava um pouco mais afastada, o que, não fosse o seu quinto sentido, provavelmente o confundiria impedindo que percebesse que estava sendo seguido. No entanto, ele me assegurava veementemente que a fortíssima intuição decorrente desse mesmo quinto sentido, lhe assegurava que os quatro homens o seguiam, coisa de que não duvidei, e que não haveria nenhum motivo específico para que o seguissem, especialmente por que pareciam ter um certo treinamento e organização, como demonstrava a alternância sucessiva dos indivíduos no seu encaço, o que o levou a suspeitar que se tratava do ressurgimento de uma nova caça aos bruxos. Notou também que seus perseguidores carregavam cruces nas mãos, além de uma quantidade imensa de amuletos enrolados em torno de seus corpos, de modo que, embora suas suspeitas se fundamentassem em um único acontecimento, várias facetas do ocorrido sugeriam o soerguimento iminente dos movimentos de caça às bruxas, e complementou dizendo que, pela manhã, quando se dirigia ao consultório, tratou de camuflar seus passos com extrema precisão assim que percebeu uns indivíduos carregando cruces semelhantes às que havia percebido na véspera, de maneira que havia chegado ali incógnito, e assim tentaria se manter durante todo o dia, pois, segundo acreditava, o verdadeiro alvo dos caçadores de bruxos não eram os místicos, o que era claríssimo dada a quantidade enorme de seitas que proliferavam, todas elas ocultas agora, cultuando os mais variados objetos, desde as pedras, aos planetas, passando por uma infinidade de esculturas e amuletos. Ainda com aqueles olhos luminosos e úmidos colados em mim, continuou a relatar seus temores de uma agitação que ele suspeitava iminente, e me aconselhou a me precaver fortemente contra os eventos que se sucederiam e que, como eu provavelmente já sabia, teriam como alvos prioritários aqueles poucos que ainda cultivavam o quinto sentido.

Não sei ao certo o que eu sentia enquanto simultaneamente ouvia aquelas palavras e me sentia olhado pelo homem à minha frente descrevendo acontecimentos bizarros que eu não podia negar, mas que ao mesmo tempo nunca havia ousado nem ao menos admitir para mim mesmo. Ao ouvi-lo eu sentia que ele estava certo, e que todas as coisas que descrevia correspondiam, de fato, aos eventos descritos, por mais fantástico que tudo aquilo parecesse. Além disso, eu ouvia todos aqueles relatos confirmando tudo o que eu sempre havia pensado, ainda que de modo confuso, sobre o quinto sentido, ao mesmo tempo em que me via incomodado pela sua insistência em me olhar constantemente e permanecer me olhando e olhando, ao mesmo tempo em que evocava outras lembranças mais que incômodas, certamente agônicas, de gritos e tormentos de outras épocas, vindas sempre acompanhadas pelo odor do líquido de desinfecção e de uma forte apreensão e tristeza. E enquanto ele me falava e me olhava, esses sentimentos, tão fortes quanto confusos, se somavam para me deixar com uma sensação indizível de agitação e de quase desespero que acabou se

revelando uma ânsia para que eu me isolasse e pudesse tentar digerir todas as considerações que jorravam com suas palavras, ao mesmo tempo em que seus olhos transbordavam sobre mim naquela olhada infundável e profundamente perscrutadora. Foi sob esse estado que eu ouvi, ou, melhor seja dito, deixei de ouvir o restante de suas palavras; e foi sob um estado quase hipnótico que o acompanhei não apenas à ante-sala, como sempre fazia, mas até à porta externa da clínica onde eu me deixei permanecer por instantes, como se estivesse a me recuperar de um choque, ao mesmo tempo em que o percebia se distanciar.

Ainda sob o efeito daquelas palavras e daquela sensação de agonia que me invadira, continuei inerte acompanhando aquele estranho indivíduo, sem ter consciência dos acontecimentos soturnos que se desenrolavam a curtíssima distância; no enalço do paciente que deixava a clínica, havia dois indivíduos que eu não sei de onde surgiram, e à medida que ele caminhava, se aproximava de dois outros que andavam lentamente à sua frente e, penso que ainda havia mais outros fechando o cerco, seja como for, enquanto eu permanecia imerso em meus pensamentos na porta da clínica, percebi a confusão que se formava em torno do paciente que acabara de deixar o local e que já se encontrava a certa distância. No primeiro momento minha impressão foi de que alguém passara mal na calçada, mas logo em seguida me vieram à mente, junto com a agonia, as palavras que denunciavam o fato de ter sido seguido na véspera, e o receio do ressurgimento dos movimentos anti-bruxaria, então deixei a clínica perplexo e me dirigi apressadamente para o local onde o ato de violência já estava em andamento, até que percebi com nitidez o que estava acontecendo. Nesse momento passei a correr, como há muitos anos não fazia, e com um ímpeto inaudito que assustou os agressores que neste instante se engalfinhavam com o paciente que recém deixara a clínica, apertando-o com as mãos e braços e impedindo-lhe os movimentos com seus corpos comprimidos sobre ele. Assombrados com minha chegada inesperada e violenta, quase todos se desconectaram de sua vítima posicionando-se de uma maneira aparvalhada, enquanto apenas dois deles permaneceram segurando tenazmente o homem, que a essa altura envolvia a cabeça com os braços em uma tentativa desesperada de se proteger do ataque numeroso, deixei que meu corpo se chocasse com os indivíduos que acabavam de soltar o homem esparramando-os por todas as direções, partindo imediatamente para o ataque aos dois que ainda agarravam a vítima. Segurei-os ambos e os puxei com brutalidade, tomando a precaução de conduzir as mãos que me buscavam para o corpo de seus próprios parceiros, de modo que suas agressões acabassem tendo por alvo eles mesmos, e tive ainda que me precaver utilizando a mesma tática nos indivíduos que já se haviam recuperado do choque e que partiam no meu enalço. Tenho certeza que minha corrida descuidada atraiu a atenção de muitos, de qualquer forma uma multidão se embolou na confusão que eu tratava de manter um pouco afastada de mim ao mesmo tempo em que aplicava as mãos em garra de uns sobre os outros, tornando o conflito cada vez mais fortemente engatado, mas a confusão cresceu tão rapidamente que em poucos instantes eu tive que ampliar minha distância do grupo de agressores que, excessivamente numeroso, representava um perigo muito evidente. Não sei em que momento eu senti o forte odor do líquido de desinfecção dos olhos, de qualquer forma o tumulto já impossibilitava discernir qualquer coisa em meio a

tamanha balbúrdia e estando imerso naquele perigo extremo decidi me afastar, pois não havia mais como tentar salvar meu paciente que eu já não conseguia encontrar no meio da algazarra.

Enquanto tomava distância da confusão inicial percebi que o distúrbio já havia se espalhado pelos arredores, de modo que, embora eu já não conseguisse ter uma noção clara da dimensão que o conflito tomava, tinha uma sensação relativamente vaga de que havia englobado tudo ao redor. Pensei na clínica, em minha secretária e nos pacientes que lá se encontravam e quando me encaminhei de volta para lá senti um forte cheiro de fumaça e pude perceber o surgimento das colunas negras de fumo que começaram a brotar de uma casa, e logo de outra; quando eu ainda estava a meio caminho da clínica notei que de lá já saía muita fumaça, de modo que quando voltei já era impossível entrar lá, havendo por toda a rua uma multidão ensandecida se deslocando a esmo, gritando e às vezes girando em uma dança infernal e eu tentei buscar alguma sensatez com a ânsia de alguém que tentasse em vão respirar um ar escasso que adentrasse os pulmões e então me desloquei a esmo tentando me afastar dos tumultos mais imediatos e assim, caminhando sem direção eu me deparei com o morro.

Em meio à completa balbúrdia, eu percebia que as regiões altas e inacessíveis da elevação se mantinham desertas e em completa paz, e então, fazendo uso do meu quinto sentido, galguei a trilha íngreme que me levou até uma grande pedra plana estendida na base da montanha como um imenso palco vazio, e ali, naquele local inacessível, me deixei ficar contemplando a multidão insana que percorria as ruas em alvoroço desenfreado, semeando a destruição caótica sem qualquer propósito, a loucura ao mesmo tempo bizarra e fútil.

Epílogo

Nesse momento em que a normalidade cotidiana dá lugar a acontecimentos tão absurdos quanto os diários, mas cujo contra-senso se evidencia de imediato em virtude da mera alteração da ordem usual que nos induz a tentar compreender os fatos à luz da razão, percebo em detalhes toda a trama da profunda tragédia que transcorre na vida habitual. Imersos nos mesquinhos jogos de poder que consomem por completo as suas vidas e dos quais não conseguem se libertar, exceto nos raríssimos momentos de lucidez decorrentes de doença gravíssima, ou de perigo muito iminente, os que vagam nas trevas não conseguem perceber na visão mais que um instrumento de poder, que nas mãos do próximo, e sob o ponto de vista daqueles que fazem de tais jogos toda a razão de suas vidas, consiste apenas em uma ameaça à própria segurança, o que impele cada participante a atacar violentamente todos os que demonstrem o mais leve grau dessa faculdade que em suas mentes consiste em uma capacidade tão incompreensível quanto amedrontadora; imaginam que tal poder se assemelha a alguma espécie de adivinhação, razão pela qual mergulham, com enorme frequência, no estudo das mais tolas artes divinatórias, com o intuito de angariar um pouco do poder que lhes adviria da visão; também crêem que o poder que desconhecem, seja suficiente para, de uma maneira mágica e sem esforço, materializar e mover objetos, e, de uma forma geral, moldar as coisas conforme os desejos daquele que o possui.

* * *

Daqui do alto da rocha, contemplo a multidão desnorteada que se locomove sem rumo como formigas que jazessem em uma chapa metálica sobre o fogo, escolhendo a esmo qualquer direção, para em seguida trocá-la por outra igualmente fútil, e tão absurdamente injustificada quanto fora a primeira, mas acolhida sempre do mesmo modo aparentemente decidido, até que a escolha se revele tão vã quanto as precedentes, e seja, ao seu tempo, trocada por qualquer outra direção, que também é, por sua vez, tão absurda quanto foram todas as anteriores. Apesar da inutilidade de seus movimentos, os da multidão caminham como se alguma necessidade imperiosa os impulsionasse, e se é muito provável que tal necessidade de movimento de fato exista, torna-se claro à distância, que nenhum deles tem a mais vaga idéia de qual seja a direção que devem seguir, o que não os impede de persistirem inexorável e absurdamente no deslocamento errático que bem se assentaria em insetos, ou até mesmo em grãos de pólen que bailassem na superfície da água, mas que não convém a pessoas, em virtude de sua suposta racionalidade, e que se revela verdadeiramente absurda quando compartilhada por uma multidão de aflitos que multiplicam a

grandeza do contra-senso de cada ação individual pela quantidade dos que a compõem.

Pode-se considerar que a aflição dos que participam da marcha errática seja, em parte, justificável, dado que os caminhantes desconhecem as razões que os impulsionam ao movimento, mas se tal consideração explica a agonia dos caminhantes, não esclarece as razões do movimento, ao mesmo tempo em que o revela absurdo. Por outro lado, deve ser ressaltado que os choques frequentes entre os participantes da marcha, resultam normalmente em agressões rápidas, que consistem em arranhões recíprocos, e que eventualmente evoluem para agarramentos ainda mais selvagens em que ambos se engalfinham com o propósito recíproco de arranhar o outro, tendo por alvo mais comum os olhos de quem quer que se aproxime.

Por vezes percebo como os dedos do contendor apalpm com ligeireza o oponente, medindo-lhe a altura e adivinhando-lhe a posição, para em seguida desferir-lhe um golpe veloz, ainda que nem sempre potente, na altura dos olhos, que não raro faz brotar sangue do opositor, ao mesmo tempo em que me faz jorrar lágrimas, como se sentisse em mim mesmo esses golpes afiados desferidos sobre os olhos dos que se aproximam, nessa guerra insana de todos contra todos, ao mesmo tempo em que as lembranças de um outro tempo se me assomam, trazendo com elas a tristeza que me impede de acompanhar em detalhes o bizarro desdobramento das múltiplas e inglórias batalhas que se desenrolam logo abaixo de onde permaneço posicionado.

São as lembranças da vida, as lembranças de um tempo distante que, por vezes, parece nunca ter existido, de um tempo feliz em que eu era criança entre crianças, e em que não havia as sombras e a lentidão, um tempo colorido em que brincávamos juntos com alegria e até corríamos; onde ainda não havia os fantasmas tenebrosos e ameaçadores que sempre nos seguem e constantemente nos espreitam, acinzentando o mundo, abafando todo o riso, e impedindo toda a alegria; são os mesmos espectros que agora percorrem as ruas a esmo logo abaixo, em meio ao caos do despropósito, do contra-senso de uma eterna vingança errática.

Os olhos. Os olhos ensanguentados e as lágrimas. Os olhos opacos e sem vida circundando a esmo suas órbitas sem direção, sem um propósito que os reja, exceto alardear a tristeza que lhes emana; uma tristeza torpe, mórbida e desesperançada. E são esses mesmos olhos os que conduzem os movimentos caóticos dos espectros que eu contemplo daqui, que estipulam os seus destinos, que definem seus desígnios. Dispostos dessa maneira, os movimentos insanos e anteriormente caóticos, revelam-se mecânicos e determinados, embora não menos absurdos, ainda que ditados por um passado que permanece ecoando o mesmo mote bizarro. Mas a inexorabilidade desse destino não é real, e decorre apenas da incapacidade de percepção daqueles que o traçam, que se pudessem perceber um pouco além do que fazem, constatariam a desorientação de suas jornadas e o absurdo de sua caminhada. Mas assim eles prosseguem e assim se ferem uns aos outros, sem conseguir vislumbrar qualquer outra possibilidade, e impedindo que tais vislumbres venham a surgir em algum futuro. E assim caminham, desorientados e ao sabor do desespero.

* * *

Enquanto meus olhos se enchem de lágrimas, minha mente mergulha em um sonho mais colorido que o cinzento mundo humano, e por uns momentos todas as desventuras da multidão desesperançada abaixo se distanciam infinitamente. É nesse instante que um sonho maravilhoso se revela, um mundo em que todos distinguem suas metas e caminham decididos de encontro a elas, ainda quando distantes, pois são guiados por um quinto sentido que os orienta constantemente: a visão; é assim que se denomina essa faculdade mágica que permite que miremos um alvo distante e rumemos na direção planejada, desviando de eventuais obstáculos que dificultem o caminho.

O sonho que se delineia claro em minha mente consiste simplesmente em um mundo no qual todas as pessoas conseguem ver e onde vivem suas vidas normalmente, em meio às facilidades que a visão propicia, sem a necessidade de fazer bruxarias nem maldades. Sentem-se felizes no mundo colorido e banhado de luz no qual habitam, onde se deslocam com rapidez e leveza evitando o contato desnecessário com os obstáculos do caminho, sempre pressentidos à distância. Constroem um mundo colorido e limpo por onde circulam livremente e sem medo, e sempre conhecedores de seus próprios destinos, traçados prévia e sabiamente; não andam a esmo em meio à obscuridade da ignorância, mas sabem ao certo o que lhes aguarda em seu próximo passo, e por isso se deslocam confiantes e seguros.

Imersos nesse mundo de luzes, constroem com habilidade os mais lindos objetos e cultuam belíssimas e inimagináveis manifestações artísticas, e é com esses elementos que erigem o magnífico local no qual vivem em harmonia e bonança, em meio ao bem-estar decorrente da capacidade de planejamento que demonstram em cada um dos passos seguros com que caminham. Admiram não apenas as suas próprias construções, mas também os belíssimos artefatos feitos pelos outros, e preferem se rodear de beleza, tentando evitar a feiúra e transformá-la no que é belo, sem nunca almejar a ordem contrária, que seria transformar o belo em feio. Por essa razão vivem imersos em um admirável mundo de belezas cujo gosto todos compartilham, e que oferecem com orgulho aos olhares de todos os outros, que saboreiam com a visão aquilo que lhes é ofertado com satisfação e apreço. Desse modo tão aprazível, expandem o seu mundo cada vez mais belo, aumentando ao mesmo tempo a satisfação e a habilidade desses construtores de beleza, que, paralelamente, usufruem orgulhosos a imensa criação coletiva cuja graça reflete a própria natureza altiva dos seus criadores.

* * *

Mas se as lágrimas secam em meus olhos, já me surge a visão das criaturas desorientadas e imbuídas dos mais vis desejos, empenhadas em destruir o pouco que ainda subsiste de beleza no mundo, e a última capacidade de apreciá-la. Esmagam-se uns aos outros com o intuito de aniquilar aquilo que já não lhes resta e que já nem mais sabem ao certo o que foi, pois já se vai um longo tempo desde que perderam a capacidade que agora odeiam, e cujo ódio corrosivo e pegajoso se estende a tudo o que mantém alguma proximidade com ela. Imersos em trevas, das quais não podem

escapar, tentam arrastar com eles todos os que encontram à volta e por isso se engalfinham e se agarram, enquanto esfregam os espinhos que lhes adornam as roupas, ornamentos bizarros que ostentam com naturalidade.

Daqui do alto, vejo que todos participam do embate insano que só resulta em sofrimento, embora eu perceba com horror a satisfação macabra revelada nos rostos dos que percebem ter atingido os olhos dos outros passantes; vejo seus semblantes quase se iluminar, embora lhes falte sempre o brilho úmido dos olhos que acenderia a chama de seus rostos. Mesmo assim, nesses instantes as feições se contorcem bizarras, emanando um estranho prazer malévolo que me remete à agonia do passado, à estranha sensação que brota na nuca e que me faz contorcer o pescoço enquanto os meus braços se arrepiam e os dentes rangem fazendo a coluna estremecer contraindo os músculos do pescoço e da face que excessivamente retesados me causam a dor que desce pela coluna e que imobiliza o corpo, enquanto meus olhos semicerrados tentam se esconder acima das próprias órbitas.

Minha agonia se renova enquanto eu observo os mesmos rituais repetidos que não só já conheço em todos os detalhes, como também consigo perceber com precisão quando irão ocorrer, pois a mesma trajetória que a multidão descreve e que ela própria ignora, arremete cada um inexoravelmente de encontro aos outros, caminhando a esmo como sonâmbulos desconhecedores do próprio destino, cômicos apenas do embate sádico em que a marcha absurda fatalmente resultará.

Vejo-os caminhando resolutos de encontro ao mesmo destino comum: a anulação de todos pelas mãos dos semelhantes como se buscassem a própria aniquilação no outro, eliminando todo o brilho que se aproximasse de si. Os passos lentos e arrastados com que percorrem a esmo as ruas são como um hino de louvor à mediocridade, são uma oração a esse deus grosseiro e fétido que os domina e os guia contra todos os que encontram à frente. Regidos pela desesperança tem como único objetivo de suas vidas contagiar todos os que encontram com esse flagelo asqueroso que infecta a quase totalidade dos seres que, impotentes para escapar de suas garras, resignam-se a compartilhar suas mazelas.

Vejo abaixo os lacaios da mediocridade, súditos devotos, empenhados em difundir o credo tosco de louvor ao nada, à nulidade, à exaltação da insignificância do indivíduo, sem se importar com a condenação que todos acabam impondo a todos e que tratam de tornar inescapável a todos eles. Como resultado, resta apenas a amaríssima constatação de que a punição irrevogável que eles se impõem impossibilita que os prosélitos da mediocridade possam vislumbrar qualquer outro caminho.

E, além disso, apenas a tristeza.

Pesadelo no bloco Kafka

Agora que revejo todas as pequenas peças do bizarro quebra-cabeça para o qual fui arrastado, parece absurdo que eu não tivesse ouvido os estranhos apelos em minha mente que já ecoavam desde o meu primeiro contato com o lugar. Lembro quando vim aqui pela primeira vez, quando percorri o asfalto rendado pela luz do sol que se filtrava através das folhas dos mognos altos que margeavam a rua, e cuja sombra tornava aprazível aquela manhã quente, e que tudo parecia quase belo, não fosse o estranho e desagradável prédio que, à primeira vista, nada tinha de especial, exceto o fato de me causar aquelas sensações ao mesmo tempo sinistras e confusas que eu não conseguia identificar, provavelmente, pelo fato de corresponderem a sensações novas para mim, as quais eu nunca devia ter sentido, mas que não quis a providência que assim fosse.

O estacionamento em frente ao prédio se estendia ao longo de uma inclinação que possibilitava a contemplação completa e simultânea de todo o edifício de três andares, apesar da proximidade que o carro ali estacionado se mantinha com o prédio de fachada amarelada já desbotada pelas chuvas intensas do verão, e pelo sol que ali batia pelas manhãs. As varandas todas desertas pareciam se oferecer afáveis, dando um aspecto amistoso e convidativo ao edifício que apesar disso, e do horário desfavorável aos medos, emanava uma atmosfera inexplicavelmente tensa e bizarra, como se abrigasse ali algo estranhamente nefasto que me arrancou um calafrio, ao mesmo tempo em que eu descia do carro e me deparava com a estranha criatura que se arrastava na minha direção empunhando um rodo, e que parecia ter surgido do nada, enquanto eu fitava o alto do prédio. Naquele mesmo instante percebi ainda as pequenas criaturinhas que se esgueiravam um pouco mais atrás, no que me pareceu uma fresta escura e lúgubre, logo coberta por uma porta que se fechou quase por completo, mantendo aberto apenas um espaço insuficiente para dar passagem a um rosto. Notei que a estranha criatura que passou por mim me observava, mas infelizmente, naquele dia, não a considerei digna de mais que uma olhada, que, ainda que muito rápida. Fora suficiente para acentuar a repulsividade da criatura a poucos metros de mim, mesmo assim, tola e ingenuamente, mantive a minha atenção voltada para os aspectos da construção propriamente dita, e foi esse enorme equívoco que

gerou todos os males nos quais me enredei, e que agora me envolvem quase palpáveis, e me ameaçam tão fortemente que eu não creio possa ter escapatória, o que faz com que esse escrito seja ao mesmo tempo uma denúncia, e minha única comunicação com o futuro, de modo que me vejo obrigado agora a persistir lúcido, impedindo que a insanidade se aposses de mim nesses momentos de relativa tranquilidade por que passo agora, como se estivesse no olho do furacão à espera das turbulências horrendas que eu tenho certeza virão. Os abomináveis seres que nesse momento me envolvem me pegaram de surpresa por desconhecer completamente toda essa classe de criaturas nefastas e asquerosas que fecharam o cerco sobre mim tão logo eu tivesse desvendado umas poucas das estranhas características que eles ostentam, de modo que, ainda que não me reste mais esperança, fica a satisfação de ter cumprido o dever de alertar os que permanecem nesse mundo, da existência dessa nefasta colônia de seres cuja biologia funesta e repulsiva passo a esboçar pelo curto tempo que ainda me sobra, embora eu tenha desvendado apenas uma parcela muito ínfima das características dos estranhos e repulsivos seres.

O que salta aos olhos ao primeiro olhar sobre os estranhos seres é seu polimorfismo, que dificulta enormemente a sua descrição, dado que escamoteia até mesmo o possível fato de que a colônia seja constituída por uma variedade de seres diferentes e não aparentados, o que, se não pode ser descartado, também não deve ser demasiadamente levado a sério, sendo o mais provável que toda a colônia seja constituída por uma única espécie polimórfica, o que explicaria a enorme diversidade das formas que a constituem, sem suscitar questões relativas ao surgimento simultâneo de tantas espécies tão extravagantes e relacionadas umas com as outras, embora a possibilidade de parasitismo e de outros relacionamentos interespecíficos dessa ordem também não possam ser descartados. De qualquer forma, o mais provável é que se trate de uma colônia análoga à dos insetos sociais como as formigas e as térmitas, e que ostenta uma variedade de formas similar à desses últimos, sugerindo um paralelismo entre seu desenvolvimento e o desses insetos sociais, o que me trás de volta ao momento de minha chegada ao prédio.

Tendo me deparado apenas tangencialmente com a estranha criatura, me dirigi às escadas e subi até o terceiro andar. Enquanto os meus passos ecoavam nas escadas silenciosas; identifiquei pelo número o apartamento que eu buscava, e lá entrei carregando comigo a estranha sensação que eu insistia em negar. Sim, agora que nada mais importa, recordo muito claramente que a estranha sensação que eu sentia era fortíssima e clara e, além disso, muitíssimo repulsiva, e me vejo agora como se tivesse sido, naquele momento, enfeitiçado por algum poder nefasto que permitiu que eu notasse uma enorme quantidade de defeitos na construção que me gerava tão forte repulsa, e mesmo assim me fizesse desconsiderar todos aqueles prenúncios hediondos. Como me indigno agora com fato tão inexplicável: ter vindo morar em tão abjeto apartamento!

Reencontrei aquela repulsiva criatura outras centenas de vezes, até quase me acostumar com ela. Costumava se arrastar pelos pilotis do bloco catando os pequenos pedaços de carne com que continuamente se entretinha, e com os quais parecia brincar de um modo análogo ao dos gatos com suas vítimas, embora os nacos de carne morta estivessem inertes e constituíssem sempre uma quantidade considerável.

Em favor da criatura deve ser dito que as tais carnes que ela não cansava de fiar e de transportar para um e outro lado não chegavam a exalar um fedor tão forte que viesse a ser notado pelos que por ali passavam, e era apenas a natureza bizarra e constante daqueles pedaços de carne que ampliavam a sensação de estranheza que a criatura causava, e que gerava calafrios naqueles que o encontravam; tinha quase a estatura de uma pessoa, e uma natureza robusta que parecia tentar ocultar. Arrastava-se com modos pesados que, só agora noto, camuflavam sua natureza selvagem e ágil, a qual eu nunca haveria suposto. Habitava uma toca térrea lúgubre e escura, juntamente com uma profusão de outras criaturas de movimentos furtivos similares, embora nenhuma das outras criaturas daquele grupo polimórfico ostentasse a mesma robustez que a maior delas. Além disso, todos os outros se comportavam de maneira furtiva, se esgueirando silenciosamente para a toca ao menor sinal de movimento nas redondezas, mantendo de lá uma rígida rotina de observações com talvez uma dúzia de olhos brotando simultaneamente da fresta deixada pela porta entreaberta da gruta.

Também me culpo por nunca ter dado suficiente atenção à natureza, por assim dizer, “artropoidal” daquelas criaturas cuja peculiaridade seria impossível negar, mas cujo grau de estranheza nunca tinha sido suficientemente analisado por mim. Agora que me detenho a considerar a morfologia das criaturas, me surpreendo muitíssimo por não ter percebido serem artrópodes, o que só pode ser objetado em virtude do tamanho avantajado das criaturas que, como já mencionei, ostentam uma envergadura quase humana, o que se não chega a ser impossível para um artrópode, mas é vastamente surpreendente, uma vez que todos os artrópodes terrestres contemporâneos cabem na palma da mão, ou, quando muito, a excedem em alguns centímetros, e mesmo assim são levíssimos, pesando menos do que se esperaria que qualquer objeto das mesmas dimensões viessem a pesar, sendo, portanto, seres relativamente pequenos, exceto por uns poucos artrópodes marinhos que talvez cheguem a um metro, em casos especialíssimos, e que ostentam uma robustez considerável, a ponto de se tornarem tão pesados quanto os seres vivos em geral. Essas considerações, quanto ao tamanho usual dos artrópodes, são as únicas capazes de eximir uma parcela da culpa que sinto por ter deixado passar anteriormente esses fatos tão óbvios acerca das estranhas criaturas que habitavam o mesmo edifício que eu, e mesmo assim, justificam apenas uma parcela muito ínfima desse meu erro tão temerário, que, de qualquer modo, agora me causam os mesmos males, fosse ou não justificada a minha falta na apreciação da natureza das criaturas. Por outro lado, não consigo deixar de imaginar que minha “cegueira” quanto a fato tão óbvio e acentuado, só se justificaria em decorrência de algum poder hipnótico por parte das criaturas, quero dizer, tais criaturas são tão evidentemente bizarras que me parece impossível que a enormidade de tal fato tenha me escapado, na ausência de qualquer força capaz de anuviar os meus sentidos, ou mesmo o meu juízo.

Embora não me seja alento justificar meus equívocos quanto à percepção prévia das criaturas repugnantes, convém que eu tenha tido essa percepção tardia, pois, acredito que o que ainda me salva nesse momento, o que ainda impede que as hediondas criaturas invadam meu apartamento, é o inseticida que aplico incessantemente em resposta às sucessivas tentativas de invasão. Assim, creio que o tempo de vida que me resta seja proporcional à quantidade do líquido que os mantém

a certa distância daqui, pois, tenho certeza de que as portas e ferrolhos são inúteis para conter as hediondas criaturas.

Os já referidos seres que habitam o térreo do edifício infestam todos os cômodos lúgubres que lá existem, especialmente aqueles que abrigam as bicicletas e ferragens, que parecem atrair imensamente as criaturas, que as depenam incessantemente até dar fim por completo às bicicletas que lá tenham sido deixadas por qualquer descuido, de modo que algumas horas naqueles ambientes lúgubres e sem iluminação, infestados pelas criaturas, são suficientes para transformar uma bicicleta nova em uma sucata enferrujada e irreconhecível, demonstrando o poder corrosivo das criaturas, que em um ou dois dias dão fim por completo a todos os restos da bicicleta que eventualmente, e por algum descuido, tenha sido ali deixada.

Ignoro como os tais seres corroam as carcaças das ferragens e como sejam tão eficientes nesse tipo de infestação, mas suspeito que exalem alguma substância corrosiva de seu aparelho bucal e que de algum modo utilizem o seu exoesqueleto segmentado (conferir esse fato) para raspar as superfícies previamente carcomidas pela massa regurgitada, de modo que nenhum resto identificável das carcaças escape da infestação, que as consome por completo, sem que reste delas a mais ínfima parte capaz de ser reconhecida.

Mas as estranhas criaturas não infestam apenas a parte térrea do edifício; talvez as criaturas que habitam as partes superiores do prédio sejam ainda mais estranhas e dignas de nota que as outras. Enquanto as criaturas térreas parecem constituídas por uma carapaça parda que lhes protege o torso, e que torna os seus movimentos arrastados e próprios para o deslocamento nas frestas lúgubres, as formas que habitam as partes superiores do prédio parecem deslocar-se de um modo mais lépido, embora extremamente ruidoso, sua característica mais conspícua, e seu maior contraste com as formas silenciosas que se esgueiram pelas áreas mais baixas do prédio, o que à primeira vista parece sugerir que sejam espécies muito diversas, dado não somente a diferença de hábitos que demonstram, assim como a modificação em suas formas, no entanto talvez isso revele apenas um polimorfismo da espécie. Outra possibilidade é que as colônias de tais organismos sejam elas mesmas infestadas por parasitas ou talvez comensais, assim como as moscas que usualmente infestam os locais dos formigueiros utilizados como depósitos de lixo. Por outro lado, considerar que tais espécies se encontrem associadas em um mesmo prédio apenas por acaso parece uma hipótese inverossímil e muitíssimo improvável, a tal ponto que possa ser descartada, de modo que, caso não constituam todos esses diferentes indivíduos as diversas variedades de uma espécie polimórfica, correspondem a espécies associadas por alguma estranha relação ecológica do tipo que os artrópodes são exímios em desenvolver, para a enorme surpresa de todos aqueles que se permitem alguma atenção sobre tais seres.

As criaturas que habitam o prédio propriamente dito, e que não se restringem exclusivamente ao seu solo, também se apresentam sob morfologias bastante diversificadas, entre as quais se destaca uma fêmea, também de estatura quase humana, cuja principal característica consiste na produção de sons bizarros que provavelmente têm por objetivo atrair os machos. Durante os períodos de cio, que se prolongam por quase todo o ano, essa estranha criatura percorre as escadas

metralhando-as violentamente com os cascos, de modo a produzir um martelar sucessivo e agudo, causando um alarido característico a qualquer hora do dia ou da noite. Durante as madrugadas o alarido incômodo ecoa pelos corredores ermos do edifício, provavelmente, atiçando tremendamente o machos da espécie, razão pela qual a fêmea por vezes percorre as escadas seguida e incessantemente com o propósito exclusivo de produzir o som característico de sua espécie. Com o passar do tempo, parece que o apelo que a fêmea tão incessantemente produziu com os cascos se mostrou frutífero, logrando essa fêmea a obtenção de um jovem macho muito franzino e que não lhe superava em estatura, sendo ainda menos robusto que ela. Apesar da estatura ínfima desse exemplar, sua performance sexual parecia exceder até a mais frutuosa imaginação, e ambos permaneciam copulados durante as longas tardes ruidosas que se seguiram à chegada desse pequeno macho. As criaturas permaneciam em tandem não só durante as tardes barulhentas nas quais, entre ruídos lascivos de respiração descompassada, deslocavam a mobília desordenadamente, provavelmente em decorrência do frenesi concupiscente em que mergulhavam durante as tardes inteiras, em uma orgia que se prolongava pelas noites, embora de uma forma muitíssimo mais comedida, em virtude, talvez, do esgotamento decorrente dos embates sexuais prévios e sempre recuperados durante as manhãs.

Agora que me vejo aprisionado em minha própria casa, cercado pelas estranhas e ameaçadoras criaturas sem que qualquer esperança me reste, e já resignado com o triste e inevitável destino que me aflige entre essas paredes que, mais que proteção são um cárcere, relembro com o sentimento de culpa que ainda me aflige por não ter percebido a tempo a situação execrável em que eu me deixei ficar quando da chegada daquele juvenzinho sorrateiro e de olhar desconfiado cujo peso dificilmente chegaria aos quarenta quilos, mas que mesmo assim se engalfinhava durante tardes inteiras com a criatura barulhenta, de modo que ambos executavam por longas horas aquelas intermináveis e brutais algazarras lascivas revolvendo a mobília de maneira atabalhoada e insana, entre gemidos arfantes indicativos do comportamento libidinoso irrefreável. Como pude deixar de notar então, que aquele estranho comportamento fosse um indicativo veemente da natureza inumana das bizarras criaturas que infestavam a vizinhança? Minha culpa e meu tormento por me ter deixado aqui simplesmente em meio às hediondas criaturas cuja verdadeira e horrenda face só vieram mostrar nos últimos dias.

Talvez seja apenas uma última e tênue tentativa de absolvição de minha culpa, que me faz crer que foi só nos últimos dias, que os seres passaram por sua derradeira metamorfose, revelando suas faces mais horripilantes nessa última fase de seu desenvolvimento, aliado ao comportamento ameaçador que nesse momento atinge seu ápice e me obriga a abandonar todas as esperanças. Relembro uma vez mais a face hedionda da criatura que encontrei em um dos cubículos térreos umas poucas manhãs atrás, e que me encarou sem pudor, revelando a feiúra tétrica que ocultara por tanto tempo, mostrando despididamente os olhos embebidos de ódio que me encaravam enviesada e ameaçadoramente, em um contraste brutal e surpreendente com os modos submissos com que sempre se arrastava pelo chão do prédio, ao mesmo tempo em que retesava as garras e arfava movimentando por inteiro a rígida carapaça que envolve todo o seu corpo. Percebo agora, enquanto escrevo, que os

sinais que a criatura emitia com o corpo e garras já seriam suficientes para alertar qualquer pessoa que possuísse um mínimo de sensatez, e que tais sinais de ódio eram ainda superados em intensidade e clareza pelo olhar vil que a criatura me lançava escancaradamente, o que me faz crer novamente que tais criaturas têm algum estranho poder capaz de interferir nas mentes humanas atordoando-nos parcialmente o juízo, de modo que nos deixam em um estado que só pode ser descrito como uma espécie de loucura seletiva, que permite que ajamos de um modo natural durante quase todo o tempo, mas que sejamos cegados por algum estranho poder quando tratamos com as nefastas criaturas, de maneira que mesmo os mais óbvios sinais, ainda que registrados por nossa mente, não interferem em nosso comportamento, fazendo com que nossa ação seja incompatível com aquilo que percebemos, de modo a criar um comportamento artificialmente normal capaz de iludir os que estejam ao redor ampliando, provavelmente, esse estranho poder hipnótico com que as criaturas enfeitiçam os seres humanos. Percebo agora com nitidez que a característica mais nefasta das hediondas criaturas é exatamente esse poder de enfeitiçar os seres humanos de uma maneira que nos compele a agir como se tudo ao redor continuasse na mais autêntica normalidade, ainda que percebamos a natureza funesta das criaturas que infestam tudo ao redor, impossibilitando-nos de tomar as providências drásticas que tais ocasiões obrigam.

Nesse mesmo instante ouço os estranhos ruídos que as criaturas fazem enquanto sobem pelo poço de ventilação do prédio, e verifico que a pouca quantidade de inseticida que ainda me resta será logo insuficiente para mantê-las à distância, de modo que permito que elas me espreitem de bem perto, e por vezes creio que elas já se tornaram imunes ao veneno que aplico, embora eu suspeite fortemente que ele ainda as incomode, o que me faz concluir que ainda tenho mais alguns minutos de vida, e talvez mais algumas horas, e não sei se é castigo ou prêmio que esse tempo se alargue em meio a esse desespero resignado já posterior à agonia mais profunda em que nos vemos imersos enquanto ainda buscamos a salvação.

Volto a pensar no estranho poço de ventilação e mais uma vez me penitencio por minha ingenuidade temerária e absurda, pois toda a arquitetura do prédio delata a sua origem funesta ao primeiro olhar. Não fosse o absurdo poço de ventilação a conectar todos os apartamentos de modo que o menor ruído feito em um seja ouvido em todos os outros, haveria a reentrância inexplicável no quarto, gerando a enorme fresta que conduz à janela, impossível de ser utilizada de maneira racional, e o banheiro situado quase no centro exato do apartamento, sendo estas apenas as mais óbvias distorções desconsideradas pelas mentes que elaboraram o estranho prédio, e cujo projeto sempre me pareceu enigmático, embora agora se revele em toda a sua estranheza e de uma só vez, pois percebo agora a enorme analogia entre o prédio e uma torre de cupins, com a diferença gritante de tamanho, mas com uma relação de escala bastante fiel. Posso ver agora a camuflagem que constitui a tinta nas paredes, e que torna os cômodos similares aos humanos, mas é a sua estrutura que mantém sua fidedignidade com as torres originais construídas pelas colônias de térmites. E é só sob essa ótica que os poços e as reentrâncias ganham sentido, parecendo enigmáticas e inexplicáveis se imaginadas saídas das pranchetas de projetista humano.

E enquanto escuto impotente o som das criaturas que percorrem o tubo de ventilação, penso com horror e repugnância que essa capacidade que antes eu desconhecia, permite a elas se alastrar pelo estranho corredor vertical, e lhes permitiu anteriormente espreitar minha própria casa nos momentos em que eu dormia, entrando pela janela que ingenuamente permanecia aberta durante as noites quentes; deve-se ressaltar, aliás, que as torres funcionam em perfeita analogia com as que são construídas pelas térmitas, e que cumprem o seu papel com surpreendente precisão, revelando a engenhosidade dos construtores malévolos e repugnantes que erigiram a hedionda construção na qual me vejo encerrado, e cercado pelas mesmas vis criaturas.

Nesse momento, o metralhar lascivo e sonoro da fêmea nas escadas ecoa uma vez mais, e faz cessar todos os estranhos ruídos que me atordoavam um minuto antes. Isso me faz lembrar a chegada do pequenino macho que viera de algures, provavelmente, atraído pelo sonoro ruído de metralha da fêmea, mas que acabou por crescer chegando esse espécime a atingir a estatura humana, sendo, portanto, muito mais alto do que todas as criaturas, e sugerindo, talvez, que as estranhas criaturas estejam sofrendo sucessivas e rápidas mutações que as tornam mais e mais próximas da forma humana, tornando-as simultaneamente tanto mais perigosas quanto seja apropriado o disfarce humano que usam.

Ouçõ agora, em meio ao silêncio que se seguiu ao metralhar da fêmea, um zumbido que se assemelha ao cricrilar de alguma criatura rasteira, e que me traz à mente um outro desses seres que infesta o bloco e que se assemelha àquelas criaturas rastejantes e barulhentas conhecidas como paquinhas; este outro ser repugnante também possui quase a altura humana e costuma se deslocar sempre rente aos cantos do prédio, provavelmente por se sentir mais seguro entre, ou nas proximidades das frestas; possui uma aparência entristecida, muitíssimo enfadada, como se tivesse milhares de motivos para morrer a cada instante, e parece se arrastar pela vida como se carregasse um fardo imenso. Eventualmente, essa lamentável criatura emite os seus sons, possivelmente em resposta aos alaridos lascivos da fêmea, mas suas tentativas de cópula são insistentemente rechaçadas por um estampido ameaçador que o faz calar pelo restante do dia. Dessa maneira, embora a tristonha e repulsiva criatura se insinue para a fêmea com seu cricrilar melancólico e inseguro, um ruído longo e agudo, suas tentativas são repelidas por um estrondo fortíssimo e assustador feito pela fêmea lasciva quando os ruídos trêmulos são ouvidos, de modo que tais ruídos acabam por se restringir aos raros momentos em que a fêmea abandona o prédio em busca de provisões, ou de alguma cópula furtiva.

Minha expectativa não se frustrou, embora, mesmo assim, eu tenha me assustado com o assombroso estrondo causado mais uma vez pela fêmea, calando novamente o incômodo e trêmulo ruído produzido pela outra criatura. Sinto-me como se estivesse no olho do furacão, nesse momento de extremo silêncio e tranquilidade aparente que certamente prenunciam um novo e mais poderoso ataque das criaturas infernais, cuja tenacidade eu não ousou duvidar nem por um instante.

E o silêncio que se segue me permite rememorar a minha própria tolice, minha própria culpa por ter permanecido nessa gigantesca torre de térmitas infestada não só pelas criaturas térreas que provavelmente a construíram, como por toda essa

variedade repugnante de criaturas similares a mariposas lascivas, cuja cópula ruidosa é alardeada com um martelar contínuo, e pelas repugnantes paquinhos rastejantes, cujo cricrilar incômodo serve apenas para delatar a presença das criaturas repulsivas. Contemplo a construção insidiosa que não só abriga a estranha e repugnante colônia, mas, além disso, atrai suas vítimas para não sei que destino tenebroso, e que receio logo vir a descobrir, o que me desagrade muito mais que amedronta, pois as horrendas criaturas causam muito mais nojo e a repulsa que temor. Mesmo assim, não creio que possa haver escapatória da imensa arapuca na qual me encontro metido.

Como eu já receava, a calma reinante por quase uma hora volta a ceder lugar à turbulência exasperadora com que as criaturas endemoniadas agora fecham o cerco sobre mim. Creio terem percebido que meu estoque de inseticida está no fim, o que as faz redobrar as atividades e a petulância e permite que as insidiosas criaturas infestem simultaneamente as imediações da porta do apartamento e a torre de arrefecimento da bizarra construção. Os barulhos que fazem com suas garras é agora acrescido de outros, que executam com seus repugnantes aparelhos bucais, e que nitidamente articulam o meu nome. Oh estranho pesadelo, oh absurdo destino que entrega o meu fado a criaturas tão repulsivas. Mas elas agora infestam a porta em grande número, e de lá me chamam evidenciando claramente que sou eu o seu alvo, que serei eu sua vítima. Lanço-lhes uma última lufada de inseticida que agora se esgota por completo, enquanto eu percebo o assanhamento do enxame que dissimulada ou ameaçadoramente, me pede que abra a porta. Ao mesmo tempo percebo a movimentação das criaturas repugnantes na torre de arrefecimento da construção, que não se encontra vedada por nenhuma porta, mas apenas por uma frágil janela de vidro que as criaturas fatalmente colocarão abaixo tão logo amainem os efeitos do inseticida que ainda os repele.

Mais que uma despedida, esses meus últimos momentos de vida são um alerta, uma denúncia. As criaturas que me rodeiam são tão incredivelmente repulsivas, que só conseguem se ocultar em decorrência de sua própria estranheza. O alerta que deixo todos antes de sucumbir é que a única coisa capaz de ocultar criaturas tão repugnantes é o fato de se considerar impossível a existência de algo tão repulsivo. Foi exatamente essa consideração que me permitiu entrar na arapuca demoníaca em que agora me vejo impossibilitado de qualquer escapatória.

Em meio aos fortes ruídos produzidos à minha porta, e impotente ante as criaturas que infestam tudo à minha volta, aguardo apenas a fatalidade que logo advirá.

Depois da desolação

Olhava o mundo desolado em torno, as vastas extensões nuas até o horizonte, constituídas por poeira, pedra e montanha, e nada mais sob o imenso céu azul quase sempre ornamentado por nuvens brancas, cujo movimento era praticamente o único que podia ser visto, ainda que o vento por vezes levantasse muito pó, motivo mais de preocupação que de entusiasmo, embora os redemoinhos carregados pelo vento pudessem causar certa satisfação quando contemplados à distância. Mas era raro que a ventania se mostrasse apenas ao longe, e quando a poeira se movia à distância, normalmente acabava por engolir tudo ao redor de uma maneira desagradavelmente ameaçadora, restando então apenas o deslocamento das nuvens em meio à imobilidade eterna, e a sensação de que não havia tempo, de que nada, nada em absoluto, poderia acontecer. Por vezes chovia, e a chuva era motivo de alegria, pois alterava a monotonia quase absoluta do lugar: de início o vento anunciava a sua chegada, quase sempre era assim; depois vinham as primeiras gotas que salpicavam o chão com manchas escuras, e em seguida criavam os desenhos rendilhados na terra, e tais eventos eram suficientes para aplacar o tédio gerado pela completa imobilidade. Mas havia também as chuvas fortes, os grandes espetáculos de raios estrondosos, e quando a chuva era realmente intensa criava os longos fluxos de água que permaneciam a jorrar por algum tempo após seu término. Havia, é certo, o por do sol, e também a aurora, os dois acontecimentos diários, os dois grandes espetáculos daquele mundo que eram sempre contemplados, não só porque lembrassem a existência do tempo alternando os dias e as noites, mas, principalmente porque quebravam a monotonia extrema explicitando o movimento do sol. Naqueles breves momentos em que o dia e a noite se transmutam, o deslocamento do sol pode ser sentido, gerando uma sensação de existência, uma certeza de que a mobilidade é possível e que ainda existe algum tempo. Também havia os instantes em que a lua nascia e se punha, e que podiam ser acompanhados em todos os detalhes quando não havia poeira. Fora esses, os raríssimos movimentos observados eram muitíssimo rápidos, como os das eventuais estrelas cadentes riscando o céu noturno, que quase não se deixavam perceber, desaparecendo assim que notadas, se assemelhando-se a

alucinações efêmeras que nunca se deixavam capturar, e que só se insinuavam; que se faziam perceber à distância, nunca permitindo sua contemplação, tendo apenas uma quase existência fugidia e incômoda.

A monotonia completa só podia ser evitada com a movimentação do próprio corpo, e talvez por isso o homem andasse; fazia longas caminhadas por quase todas as direções, excluindo apenas as paisagens excessivamente uniformes da vasta planície, pela qual só tinha caminhado uma única vez, em uma jornada de um dia inteiro quando nada avistou, exceto o terreno árido sempre idêntico mais à frente, sempre igual a si mesmo. Foi quando teve dificuldade em achar o caminho de volta, e chegou a passar maus pedaços durante o segundo dia de jornada de volta, quando acreditou não mais conseguir retornar, chegando a ficar à beira do desespero, de um desespero monótono e contido, até avistar e reconhecer as baixas montanhas pedregosas indicando estar perto de casa. Nunca mais escolheu o caminho da imensa planície a oeste, sabia que nada havia por lá além da monotonia extrema e deprimente. Mas continuava caminhando diariamente por todas as outras direções: a da grande montanha ao sul, a da montanha redonda circundada pela garganta estreita ao leste, ou pelo vale amplo quase ao norte. Explorou com certa precisão a região em torno da grande montanha que funcionava como marco de localização, e chegou a ir muito além dela, onde encontrou outros picos ainda maiores. No princípio das explorações os perfis rochosos e recortados das montanhas causavam uma certa alegria pela diversidade em que se apresentavam, quebrando a monotonia excessiva da planície, mas, com o tempo, os recortes das montanhas também se revelaram monótonos em sua completa imobilidade, mesmo assim constituíam anteparos para as tempestades de poeira e era sempre alentador já ter alcançado as rochas quando os ventos secos começavam, trazendo a poeira suja e a areia que açoitava o corpo e lixava a pele, e que representava um perigo real capaz de esfolar dolorosamente e de abrasar toda a carne e até mesmo os ossos sob ela.

.....

Parece difícil localizar no tempo qualquer evento situado apenas no meio do nada de um dia igual ao outro, mas quando explorava o vale amplo do norte se deparou com o que pareciam ser ruínas; havia visto anteriormente uns amontoados de rochas similares àqueles e muito peculiares, mas nunca antes havia considerado a possibilidade da existência de construções erigidas artificialmente naquele mundo tão absolutamente deserto. Primeiro umas formações afiladas lhe chamaram a atenção, depois um grupo agregado delas dentre as quais algumas mais conservadas e ainda dispostas em posição vertical confirmaram de modo quase inequívoco a existência prévia de uma civilização naquele mundo monótono, embora a completa ausência de outros sinais de vida tornasse desconfortável a hipótese de que algum povo houvesse um dia habitado mundo tão inóspito, devido à natureza profundamente paradoxal e enigmática de evidências tão antagônicas.

Dirigiu-se para as estranhas formações, inadequadas naquele mundo, e penetrando no interior de uma delas bateu as paredes carcomidas e ásperas com as palmas das mãos, ao mesmo tempo em que um sentimento de estupefação o invadia; em meio à completa ausência de sinais de vida, naquele mundo em que nenhum

rastro de animal e nenhum vestígio de planta havia, e que era sempre apenas de areia, pedra e poeira, seguidas invariavelmente de mais areia, pedra e poeira sem que nada sugerisse o mais leve sopro de vida, surgiam agora aquelas ruínas de construções geométricas, de paredes retas e verticais. Haveria algum fenômeno natural capaz de esculpir tais formações?, que seres teriam construído tantas habitações em meio do nada?

Arrastou-se pelo chão arenoso e esgueirou-se por uma fresta que permitia o acesso à parte mais interior da construção de teto muito baixo, mas de altura suficiente que o deixasse sentar sem bater com a cabeça, esperou que seus olhos se acostumassem com a escuridão lá dentro até que conseguiu fixar os olhos com nitidez nas paredes quase lisas que se conectavam umas às outras em ângulos retos, cavou com as mãos a areia ao redor da fresta por onde havia entrado constatando que a porta se prolongava abaixo da areia e então se deitou e pensou sobre o paradoxo da existência de tais ruínas encravadas em deserto tão radical. Olhou para fora e viu à distância um redemoinho de poeira que se formava e acompanhou com os olhos o espetáculo que se desenrolava emoldurado pelo que restava da abertura da porta; viu as nuvens de poeira atiradas sobre a planície, enquanto ouvia o barulho áspero da areia atirada sobre a ruína, contemplou com prazer o surgimento de outros redemoinhos que se formaram seguidamente, e por vezes pareciam brincar uns com os outros como crianças, deslizando como em uma fila e oscilando alternadamente para lados opostos. Acompanhou com satisfação a profusão de movimentos, uma vez que se sentia protegido por um teto firme; admirou-se da grandeza dos ventos e dos rugidos que ouvia em meio ao chiado da areia que se abatia contra as paredes, e foi com uma felicidade plácida que contemplou o gigantesco espetáculo meteorológico que ocorria do lado de fora. Em seguida veio a chuva forte e as trovoadas brutais e seu entusiasmo foi ainda maior devido à sensação de segurança que o abrigo lhe causava; sentiu-se seco em meio à chuva torrencial e isso lhe agradou muitíssimo, deixando-se ficar deitado em frente à abertura da porta interior contemplando animado e satisfeito todos os movimentos que ocorriam lá fora. A chuva torrencial findou repentinamente deixando inúmeros veios de água a escorrer depressa pelo chão desnudo, e que secaram rapidamente restando em seu lugar os sulcos por onde haviam corrido, e não demorou até que a tonalidade do chão voltasse ao marrom avermelhado usual, logo que o sol voltou a brilhar muito forte e a monotonia se aplacou uma vez mais sobre todas as coisas, junto com a imobilidade total que se abatia novamente sobre o mundo, trazendo com ela a melancolia que sempre a acompanhava. Antes mesmo que a normalidade houvesse retornado por completo, o homem deixou o abrigo e voltou a explorar as ruínas, percorrendo o que pareciam ter sido ruas, entrando, quando possível, naquilo que outrora teriam sido casas, enquanto a surpresa da descoberta ainda era estupefação. Caminhou por todos os trechos cujo alinhamento dos escombros sugeria terem sido vias em tempos remotos, pelo interior das construções mais preservadas, que teriam sido casas; descobriu escadas de degraus simétricos que levavam aos andares superiores das edificações e constatou, pelo tamanho das portas e janelas, que teriam sido adequadas para seres de sua própria estatura. Ocupou-se em demasia em explorar as intrigantes descobertas e não percebeu que a noite chegava, ou talvez tenha mesmo planejado dormir naquele lugar

bizarro, mas onde se sentia aconchegado: aquele abrigo seguro e seco evocava lembranças de tempos mais felizes, em que o tédio e a monotonia absoluta não haviam engolfado a totalidade das coisas.

A noite chegou inebriante revelando uma bela vista das ruínas, das janelas por onde o brilho da lua penetrava. Contemplou dali o céu profusamente estrelado que se desnudava na noite clara, o mais belo espetáculo que aquele mundo estático propiciava, e dormiu satisfeito em meio à beleza do céu e ao cansaço, mas foi logo arrebatado do sono pelo frio intenso trazido pelo sereno da madrugada. Vasculhou a mochila em busca de seu agasalho pesado para lembrar que o havia retirado de lá com o intuito de se livrar do peso “desnecessário”, e se lamentou por isso. Tentou encontrar algum canto mais quente, mas as paredes estavam geladas, contentou-se então em se abrigar com sua mochila e com a capa que usava contra as tempestades de areia, mas ainda que a capa fosse suficientemente resistente para impedir o açoitamento da areia jogada pelo vento, era apenas um frágil consolo contra o frio da longa noite; foi encolhido em um canto da ruína e se lastimando por sua própria imprevidência que esperou demoradamente a chegada do sol, quando então conseguiu voltar a dormir.

Acordou com o sol já alto, e bem disposto apesar da noite mal dormida, retomou a exploração das ruínas até a hora em que poderia retornar com tempo de folga para que a escuridão e o frio não o colhessem no caminho.

Nos dias seguintes, regressou muitas vezes para explorar as ruínas até que as conhecesse em detalhes. Retornou também a lugares onde se lembrava ter visto formações similares àquelas, e embora, inexplicavelmente, não conseguisse a princípio localizar tais sítios, ficou absolutamente surpreso ao reencontrar um local bastante semelhante àquele e que tinha despertado sua curiosidade pela excentricidade do cenário. Sentiu-se atônito por não ter notado antes os sinais inequívocos de artificialidade naquela paisagem já explorada anteriormente.

Foi só depois de algum tempo que decidiu voltar a explorar regiões desconhecidas, quando já olhava aquele mundo com outros olhos, e via indícios de artificialidade em quase todos os locais por onde passava. Sabia ser provável que seus olhos exagerassem, criando sinais de ruínas em qualquer pedra que despontasse da areia, do mesmo modo que anteriormente se negavam a ver mesmo as mais evidentes indicações de tudo aquilo, apesar disso, tinha segurança de que muitos dos indícios que encontrava correspondiam, de fato, às formações artificiais. Embora houvesse encontrado grande quantidade de escombros, nenhum outro conhecimento resultou disso, nenhum sinal de objeto, nem vestígio de habitante, nada.

Passados vários meses sem que nada de novo despontasse, as ruínas acabaram perdendo quase todo o interesse exploratório, tornaram-se locais de abrigo seguro contra os imensos tufões, e era sempre reconfortante saber que alguma delas se localizava por perto, mas caíram no mesmo sentimento de monotonia que todo aquele mundo causava; eram sempre as mesmas paredes de um ou de dois andares, nuas e carcomidas, envolvendo os mesmos cômodos cobertos de areia e vazios de qualquer outro objeto. E a imutabilidade voltou a imperar, a imobilidade implacável, a carência

total de movimentos, a imensidão quente congelada na mesma paisagem vazia e imóvel, a inércia completa de tudo ao redor, momento a momento, dia após dia pelos meses a fio em que até o tempo parecia parar; a constância absoluta, a ausência de todo e qualquer acontecimento, a inércia irrestrita de um mundo sempre inalterável, embora, com muita freqüência, o vazio absoluto fosse repentina e violentamente quebrado pela brutalidade dos furacões que sucessivamente abalavam a paisagem com tal ímpeto que os impossibilitava ser mirados, e que se anunciavam com o pó que escurecia terrivelmente os céus e castigava os olhos impudicos que ousassem, mesmo à distância, tentar contemplá-los, com a poeira abrasiva que os lacrava, transformando a petulância em incômodo extremo e ameaçando com rugidos estentóreos a destruição de tudo o que havia por onde passavam, de maneira que quando a imobilidade total se rompia, o extremo oposto de agitação mergulhava o mundo em um caos alucinante e de tamanha ferocidade, que acarretava a quietude temerosa decorrente do pavor que a erupção brutal de tamanha força desencadeava. Desse modo paradoxal, a destruição da imobilidade se devia a cataclismas tão arrasadores que resultava em quietude ainda maior que a da inércia usual.

Mas em meio à total monotonia, aos dias que se sucediam uns aos outros sempre idênticos, sempre imersos na mesma impassibilidade, houve um dia muito quente e sem vento em que algo incomum e digno de nota aconteceu: o sol estava bem alto no céu e um brilho muito tênue pareceu refulgir uns poucos metros à frente. Talvez fosse apenas uma ilusão, ou algum efeito óptico provocado pelos cílios, mas não era, algo voltou a luzir sutilmente no mesmo local, uns dois metros acima do solo. Era um quase nada fugidio, mas era algo: um grão de poeira bailando no ar.

Tomado por uma alegria juvenil pelo inusitado do acontecimento, o homem se dirigiu para baixo do grão e o perscrutou com curiosidade e atenção. Analisou sua forma sinuosa e delgada, seu comprimento milimétrico e sua leveza, e contemplou o seu leve bailado pelo ar. Não deixou que a minúscula poeira caísse abaixo de seu peito, recolocando-a mais alto com um sopro suave sempre que ela descia, e soprou inúmeras vezes para evitar que o grão caísse ao solo. Controlou os movimentos da partícula e a guiou pelo espaço ao redor com sopros leves, e também com o suave abano das mãos; usou até mesmo o movimento de seu corpo para arrastar a poeira levíssima por entre os redemoinhos minúsculos que gerava no ar.

Houve o momento em que soprou o grão com tanta intensidade que ele desapareceu, e se sentiu culpado pela impulsividade tola que o levou a perder o precioso e delicado tesouro. Sentiu-se como se houvesse matado o ser afetuoso e estava quase esmagado pelo sentimento de culpa quando percebeu novamente o brilho tênue da poeira que ainda bailava no ar.

Brincou com o grão por quase toda a tarde, carregando-o sem tocá-lo para cima e para baixo e para todos os lados, e aquilo lhe fazia feliz: era o primeiro acontecimento que presenciava em muito tempo, a primeira coisa que parecia se mover por si, diferente das gotas de chuva que caíam inexoravelmente ao solo, ou dos tufões brutais dos quais tinha que se abrigar. Cuidou daquele pequenino grão aéreo até que suas pernas estivessem cansadas, e então se sentou e apenas contemplou o bailado sem interferir com a beleza dos movimentos, exceto em duas ou três ocasiões em que o grão desceu a uma altura muito pequena ameaçando colidir com o solo.

Nesses instantes a mão em formato de concha erguida sobre o grão lhe infundia vida e alegria e renovava a jovialidade de seu bailado aéreo.

Aquele pequeno grão, de certo modo, parecia vivo; parecia dançar pelo ar como um inseto, e se pode dizer que naquele momento algo aconteceu, pois o grão de poeira não permaneceu parado como todas as coisas ao redor sempre ficavam, mas pairou no ar por um certo tempo e lá se agitou suave, e se contorceu, e pode ser dito que isso foi de fato um acontecimento no meio daquele mundo de imobilidade eterna. Quando uma lufada de vento carregou o grão, já era hora de se recolher para dormir.

No dia seguinte o tempo voltou a parar, ficou só aquele tempo em que nada acontecia, tempo que não era tempo e que era pura imobilidade, a imobilidade total das mesmas pedras e montanhas inertes, da mesma paisagem estática e imutável, da alternância contínua dos dias e noites sempre iguais, pontuados apenas pelos furacões que cobriam o ar de poeira e impediam a visão, impossibilitando assim que fossem olhados, impondo, eles mesmos, ainda mais imobilidade ao cenário estático, como camisas de força

Houve então o período da mais completa inércia física. Talvez o homem estivesse abatido pela monotonia daquele mundo, como que embebido por ela, talvez fosse apenas a solidão, ou talvez ainda, a apatia decorrente da ausência de qualquer esperança; nada ali parecia fazer a menor diferença, nada nunca mudava, nada. Então se deixou ficar deitado, por longos dias. Levantava-se quando era absolutamente necessário, para logo voltar ao completo repouso. Perdeu a conta dos dias que se passaram, e que como eram todos iguais podem ter sido dois, ou mil, e não havia diferença nenhuma diferença entre essas duas possibilidades. Durante esse tempo nada importava, apenas desejava sonhar, o que o levava a tentar dormir mais e mais, mas talvez o desejo de dormir não fosse apenas o de sonhar, e fosse também, ou até mais que esse, o desejo de deixar de existir; seja como for dormiu muito e também sonhou, e quando sonhava parecia haver mudanças e era como se o tempo voltasse a permear o mundo. Buscava os sonhos movimentados evocando imagens de outro mundo que não era só de poeira e pedra e onde havia outras pessoas, e era em tal mundo que seus sonhos sempre se iniciavam, mas, quase invariavelmente se deslocavam para o lugar fátidico em que nada acontecia, o lugar monótono, o mundo da completa imobilidade.

Havia o sonho recorrente da longa caminhada no deserto homogêneo, a planície de areia avermelhada sempre igual a si mesma. Então o sonho que lhe vinha à mente para fugir da monotonia do mundo era sempre o mesmo, um passo sempre seguido por outro igual, na mesma paisagem desolada e estática. Certa vez conseguiu parar o sonho e dar um rumo novo àquilo; interrompeu a caminhada monótona, se deitou nas areias, e dentro do sonho tentou dormir, mas nada aconteceu, ou se dormiu dentro do sonho também sonhou que nada acontecia, e nada aconteceu. Ficou deitado no que era talvez um sonho dentro do sonho contemplando o horizonte imutável por um tempo que não podia ser medido, mas sentiu seu corpo inundado por uma dormência desagradável que o levou a tentar se mover, mas, em vão, não conseguiu. Sentiu que havia sido como que drenado pela imobilidade odiosa, e que agora fazia

parte dela. Tentou com ânsia extrema mover as mãos, os pés, mas isso só o levou ao desespero. Agitou-se, gritou, esforçou-se alucinadamente, mas a inércia parecia tê-lo incorporado, nenhum movimento era possível, e não se pode saber por quanto tempo isso durou, pois que a imobilidade de todas as coisas e até mesmo do tempo não permitia nenhuma medida da intensidade daquela desolação. Só depois que a exaustão o abateu, percebeu que podia se mover novamente, e nesse instante acordou exausto e raciocinou que a única maneira de combater a impassibilidade consistia em movimentar-se a si mesmo.

Levantou-se bruscamente de modo a se afastar daquela inércia torturante, e ainda abalado pelo pesadelo conjecturou sobre o tempo em que havia permanecido parado, e determinou que não mais deixaria incorporar pela monotonia torturante. Pensou em sair para uma longa caminhada, mas se sentia exausto. Enquanto descansou da imobilidade planejou uma série de caminhadas. Comeu algo e fez os preparativos para a jornada, mas se sentia fraco. Considerou que devia ter permanecido estático por um tempo demasiadamente longo e que se encontrava em condições físicas precárias, incapaz de retomar de imediato as longas jornadas. Decidiu elaborar um programa de treinamento e retomar a antiga forma física. Sentiu-se bem enquanto elaborava o projeto e ao terminá-lo estava apto e disposto a iniciar uma caminhada. Conseguiu andar mais do que propusera em seu programa de treinamento, o que o levou a rever as metas aumentando a quantidade diária inicial de exercícios. Por quase dois meses excedeu quase que diariamente os objetivos que havia proposto, e se considerou em boa forma física novamente. Resolveu então tornar a fazer o reconhecimento das ruínas, e nos dias que se seguiram, voltou a passar por todas as aquelas cujo caminho conseguia recordar. A época parecia boa para as longas jornadas, as tormentas já não eram tão freqüentes e as chuvas escasseavam, mas, passado algum tempo a temporada de tornados voltou e as precauções meteorológicas tornaram-se agudas.

Foi durante a temporada de tornados que se sentiu preparado para novas explorações, decidiu não adiá-las; as montanhas do leste pareciam oferecer boas defesas contra tufões, e possivelmente revelariam novas ruínas, coisas que haviam novamente despertado o seu interesse. Empreendeu longas caminhadas até as montanhas, cuja distância o compelia a pernoitar por lá, o que o obrigou a tomar precauções adicionais com o frio noturno, passando a carregar consigo mais apetrechos que em outras jornadas. O exercício contínuo certamente o reanimou e sentia-se disposto a se distanciar muito mais do que antes havia ousado. Passou a considerar natural o dormir nas montanhas, não se preocupando mais tão intensamente em ser colhido ao relento pela escuridão, desde que estivesse preparado para tal, carregando os mantimentos que possibilitavam o sono durante as noites geladas, e que conhecesse a localização de algum bom abrigo nas redondezas.

As montanhas do leste apresentavam o mesmo perfil pedregoso que as outras já exploradas, as mesmas rochas nuas polidas pela areia lançada pelo vento. Mas as ruínas eram mais comuns nessas montanhas que em outras; as mesmas paredes verticais carcomidas conformando salas retangulares, por vezes conectadas por portas

internas, mas sempre vazias, e a completa ausência de qualquer pista que sugerisse suas origens, a inexistência absoluta de objetos que revelassem o menor indício de seus construtores e que nunca lançava nenhuma luz sobre seu próprio enigma. Foi provavelmente a insuficiência de vestígios que lançassem qualquer luz sobre a origem de tais ruínas, aliado à semelhança de todas elas, que atenuou o interesse por tal mistério, embora a busca pelas ruínas se mostrasse agora mais necessária devido à necessidade de um grande número de abrigos, sem os quais as viagens mais longas se tornariam impraticáveis em decorrência dos imensos transtorno e perigo que consistiriam no enfrentamento de tufões em campo aberto. As pedras das montanhas ofereciam, certamente, uma proteção considerável contra os ventos, mas as constantes mudanças de direção daqueles monstros meteorológicos, as chuvas torrenciais e os fluxos de água que se seguiam a elas, faziam das montanhas um abrigo insatisfatório, ainda que utilíssimo, mas que era superado imensamente naquilo que, por comparação, pode ser chamado de conforto, oferecido pelas salas secas e protegidas do vento no interior das ruínas. Por esta razão, ainda que o interesse nas ruínas tenha diminuído em consequência da impossibilidade de ao menos conjecturar uma hipótese plausível sobre suas origens, foi fortemente revigorado por considerações mais pragmáticas: a sobrevivência durante as jornadas longas, que poderia depender do conhecimento da localização de abrigos seguros nas adjacências. Desse modo, a busca e exploração de novas ruínas continuaram enfaticamente durante todo o transcorrer das viagens.

Foram os dias das longas jornadas, das caminhadas exaustivas durante quase todo o tempo em que os ventos permitiam, das descobertas das inúmeras ruínas que despontavam aqui e ali entre as montanhas; umas delas quase completamente destruídas e já inúteis como abrigo, outras, menos numerosas, constituindo refúgios bastante satisfatórios. As sucessivas noites passadas entre os escombros habituaram seu corpo e sua mente, e já era com naturalidade que se aconchegava a um canto de algum aposento escolhido onde dormia a noite inteira, no descanso merecido após a longa jornada de quase todos os dias. Já identificava com precisão os melhores locais, os mais quentes e mais abrigados da poeira, e sempre trazia os apetrechos necessários para enfrentar os rigores das noites frias: as roupas quentes, o saco de dormir, as cobertas, a “cortina” para a janela, e com a experiência adquirida acabou por sentir conforto durante as noites, o suficiente para acordar bem disposto e pronto para seguir viagem.

Percorreu longamente as montanhas vasculhando quase todos os vales, embora raramente escalando as pedras quase polidas que as constituíam. Havia perigo na escalada, as mudanças climáticas muito rápidas poderiam colhê-lo ali no alto, onde a pedra se tornaria escorregadia e os ventos o poderiam varrer com facilidade e com consequências nefastas. Além disso, tinha pouca curiosidade pelo cume das montanhas, todos eles similares e carentes de ruínas, e as poucas vezes em que escalou alguns deles o fez com uma espécie de divertimento infantil, em dias em que se sentia com uma disposição exuberante, mas em uma dessas vezes se apavorou com a iminência de um tufão que sucedeu uma chuva torrencial que se abateu sobre a montanha quase sem aviso e dificultou a descida. Tentou abrigar-se da chuva no alto da montanha, mas quando sentiu que o vento ganhava força foi obrigado a arriscar

descer pelas pedras molhadas e escorregadias, e conseguiu chegar ao vale com apenas alguns arranhões para constatar que sua escolha tinha sido muito sábia e que a espera no topo, provavelmente, teria sido fatal em decorrência dos fortíssimos ventos que, com certeza o desgrudariam da pedra lisa.

Certa vez, enquanto peregrinava pelo cume de uma montanha, avistou alguma coisa nebulosa no horizonte que despertou sua curiosidade. Parecia estar terminando de cruzar a serra, e via que as montanhas em frente eram bem mais baixas, e exatamente ali, alguma coisa indecifrável à distância sugeria a existência de uma paisagem incomum, de algo diferente da monotonia onipresente que englobava a totalidade das coisas. O dia era muito claro, de um sol radiante, mas no horizonte, por trás das montanhas mais baixas, uma espécie de névoa radiante se difundia pelo céu e lhe aguçou a curiosidade, ou seu desejo de fugir da mesmice tediosa que reinava naquela terra de paisagens imutáveis. Dirigiu-se para lá com determinação, quase diretamente, sem vasculhar os vales à procura de abrigos e sem examinar em detalhes as ruínas encontradas, mas apenas estabelecendo a posição dos lugares onde poderia se resguardar durante as tempestades que certamente viriam.

Naquele dia caminhou mais rápido que em outros, pela primeira vez em muito tempo buscava um objetivo real ainda que difuso, e se dirigiu a ele o mais diretamente possível, em meio aos vales sinuosos. Abrigou-se em uma ruína recém encontrada e em excelentes condições quando o céu escureceu fortemente, apesar do sol ainda permanecer muito alto. O temporal que se seguiu foi violentíssimo e acompanhado de mais de um tufão, conforme houvera previsto, mas seu abrigo vasto e bem protegido, e disposto em uma posição extraordinária em que a única porta externa se encontrava semi-oculta por uma pilha alta de escombros que a guarneciam como se fosse um muro, permitiu que percebesse a violenta balbúrdia do lado de fora com uma confiança tranqüila; não tinha nenhum temor de que aquelas ruínas milenares viessem a sucumbir enquanto estava lá, pois acreditava que, tendo resistido por tão longo tempo, teriam que ser muitíssimo seguras. Sentia-se satisfeito com a secura confortável no interior do abrigo em meio à imensa fúria da natureza lá fora. Quando tudo amainou, o fim da tarde já não demoraria, decidiu esperar ali e passar a noite em acampamento seguro.

No dia seguinte acordou muito bem disposto; sentia-se vitorioso quando conseguia enfrentar os furacões estrondosos sem nenhuma dificuldade, sem nenhuma perda. Sabia, pelo estrondo, da violência tremenda dos ventos da véspera, mas o abrigo quase perfeito permitira que tudo se passasse sem nenhum sobressalto. Decidiu que aquela seria uma de suas bases; abrigos mais seguros em que costumava guardar provisões. Arrumou seus mantimentos deixando um recipiente de água e parte da comida em um canto, comeu alguma coisa rapidamente, continuou a caminhada em direção ao leste, e foi com surpresa e enorme admiração que viu o mar à sua frente.

O mar! O movimento do mar! As ondas espumantes que deslizavam em direção à areia em um movimento contínuo. As ondas e o mar, e a profusão inebriante de movimentos; a visão era inacreditável; caminhou apressadamente, quase em êxtase, até sentir a proximidade das águas, e quando ouviu o rumor das ondas arrebatando na praia, correu eufórico na direção do imenso espetáculo que se descortinava à sua frente.

A beleza. Lá estava a beleza, quase esquecida. A beleza e o movimento. Chegando perto das águas sobressaltou-se com uma visão que o deixou em alerta: ao caminhar pela areia branca, percebeu que, a certa distância, algo mais se movia, notou pequenos pontos escuros que se deslocavam nas proximidades da água. Acautelou-se, parou e observou com atenção aquele conjunto de manchas negras que se moviam a uns cinqüenta metros de onde se encontrava e que pareciam coisas vivas; decidiu permanecer imóvel e analisar a situação. Varrendo com o olhar toda a areia na borda da água, constatou que os pontos móveis se distribuíaam por toda extensão da praia. Avaliou sua própria localização, voltou-se para trás e percorreu com os olhos o caminho que seguiria em uma possível retirada, imaginou por onde correria até chegar de volta à montanha, aonde tentaria se defender do modo que pudesse. Movendo-se cautelosamente retirou a mochila do corpo e a deixou no chão; precisava se livrar do peso desnecessário que viesse a atrapalhar uma possível fuga. Mirou novamente os pontos negros que pareciam indiferentes à sua presença, e caminhou lentamente na direção deles, parando brevemente a cada passo, com certo temor e muita apreensão. Já estava bem perto das criaturas quando teve uma sensação de familiaridade e um sorriso lhe veio ao rosto desanuviando seu semblante tenso ao constatar que os pontos negros eram mesmo criaturas vivas, e que se assemelhavam muitíssimo a caranguejos. Avaliou a possibilidade de que as criaturas fossem perigosas, o que pareceu improvável; caminhavam quase pesadamente e pareciam não ter muita velocidade, assim sendo, ainda que eventualmente pudessem ser venenosas, acreditou que dificilmente o pegariam. Mas esses pensamentos só lhe vieram à mente em virtude do inesperado do encontro com criaturas vivas após tanto tempo sem nenhum sinal delas; considerou que, muito provavelmente, os seres eram mesmo meros caranguejos. Adiantou-se cautelosamente até chegar a uns poucos metros dos animais, onde podia observá-los com exatidão; divisou com nitidez o corpo avermelhado flanqueado por patas negras e guarnecido por duas garras amarelas e poderosas. Avaliou o poderio das garras, que não parecia superior ao de caranguejos comuns. Deu mais um passo à frente, e foi só quando se aproximou até cerca de um metro que eles pareceram tê-lo notado. Houve certa expectativa nesse momento, e um receio que pode mesmo ter sido medo o envolveu; as criaturas caminhavam a esmo ou se aglomeravam em pequenos grupos que pareciam comer algo na areia, mas quando chegou bem perto, os caranguejos mais próximos se voltaram para ele e ficaram estáticos, numa postura que não parecia de fato ameaçadora, mas que se espalhou como que em uma onda semi-circular que irradiava de sua própria posição, e que se alastrou por várias dezenas de metros, como uma multidão que se voltasse para um palco central. O contato com o desconhecido inspira temor, e a cautela adequava-se ao momento; manteve-se paralisado e apreensivo durante certo tempo, e só se tranqüilizou quando os caranguejos voltaram

a se comportar de um modo que lhe pareceu natural, movendo-se de um lado para o outro, o que só ocorreu depois de alguns minutos de paralisação mútua. Observou-os, ainda imóvel, por alguns minutos, analisando a distância entre eles, o poderio das garras e a velocidade com se deslocavam, e, concluindo que dificilmente poderiam oferecer algum perigo, deu mais um passo na direção dos seres. Os animais giraram novamente expondo as garras e se mantendo na mesma posição estática que anteriormente e o mesmo gesto se comunicou aos demais como em uma onda contagiante que se espalhou por uma vasta extensão. Foi só depois que todos os caranguejos voltaram a caminhar como se não mais estivessem atentos que arriscou outro passo, seguido de nova onda de imobilidade igual às anteriores. Dessa vez ousou se mover lentamente enquanto a multidão de caranguejos o contemplava, e como todos permanecessem absolutamente estáticos, arriscou mais um passo em frente às criaturas. Receava ver-se cercado por elas, mas seria impossível chegar até a água do mar sem imiscuir-se entre a multidão de criaturas. Notou que sua presença causava sempre a mesma resposta estática nos caranguejos, e arriscou-se a caminhar entre eles, que se distribuíam de um modo bastante uniforme, exceto quando se aglomeravam em pequenos grupos que pareciam compartilhar alguma refeição comum.

Teve receio de um contato mais direto com as criaturas e caminhou entre elas com muita atenção e cuidado, evitando a proximidade exagerada com os seres desconhecidos, o que era fácil devido à imobilidade que sua presença causava. Circulou entre eles e voltou à parte externa da areia onde não havia caranguejos. Avaliou novamente a situação e delineou novo roteiro de caminhada entre os seres, constatou, sem grande surpresa, que havia uma vasta quantidade de covas, que supôs serem as moradas dos animais, o que foi confirmado pela observação de que entravam e saíam das tocas, e pela presença de uns poucos que se mantinham em guarda na boca dos buracos. Suas caminhadas em meio à profusão de bichos que se imobilizavam ante sua presença o convenceram da inofensividade de tais seres, o que o tranqüilizou e permitiu que voltasse sua atenção novamente para as águas.

Andou até a região da areia que era lambida pelas ondas e por onde poucos caranguejos se arriscavam; quase todos se mantinham na região seca um pouco distante da água; deixou seus pés serem banhados pelas ondas espumantes e sentiu enorme prazer nisso. Molhou um dos dedos da mão e provou a água, constatando com satisfação que era salgada, para logo em seguida ser tomado por uma súbita alegria que o compeliu a correr ao longo da praia chutando as águas que lhe banhavam os pés, e após uma correria saltitante na borda rasa decidiu entrar no mar e mergulhar nas águas espumantes. Estava inundado por uma felicidade infantil que o fazia se agitar e pular freneticamente; nadou com braçadas fortes e quase se descuidou das ondas que embora não fossem muito altas mereciam atenção. Banhou-se por um longo tempo fazendo piruetas nas ondas, mergulhando e boiando no mar, nadou para todos os lados e foi depois de um bom tempo que decidiu sair da água.

Caminhou ao longo da praia pela faixa vazia entre a água e os caranguejos, e hora contemplava uma, hora outros; foi quando notou uns movimentos rápidos e fugidios entre as águas transparentes; acompanhou com os olhos aqueles pequenos riscos serpenteantes que supôs serem peixes, tentou segui-los com mais atenção mas

eles se esgueiraram para longe encobertos pela espuma das ondas. Os riscos sob as águas se repetiam aqui e ali, mas, rápidos demais para se deixarem observar em detalhes, mostravam-se apenas como breves sombras intangíveis; mas em seguida localizou um cardume que se deixou contemplar, e mais outro, e notou que aqueles seres infestavam a praia. Atentou bastante para os animais nos cardumes mas só decidiu que eram de fato peixes quando percebeu um dos caranguejos imiscuindo-se na areia molhada, para em seguida arrastar o cadáver de um deles que ali jazia, do tamanho dos que ele estava a observar e que provavelmente teria vivido em meio a um dos cardumes. Notou caranguejos se aglomerando em torno de detritos que pareciam ser restos de peixes, alguns bem maiores que os que constituíam os cardumes mais visíveis.

Decidiu explorar toda a praia, o que o levou a voltar até onde havia deixado sua mochila, para colocar em torno alguns marcos sinalizadores na areia que lhe indicassem o ponto de regresso. Ao cruzar de volta a faixa ocupada pelos caranguejos surpreendeu-se ao ver que eles então passaram a fugir ante sua aproximação, se afastando de um modo que fazia lembrar a onda de imobilidade que havia visto anteriormente, mas, dessa vez era uma erupção de movimento que se espalhava pela areia e se comunicava aos demais. Intrigado com aquela alteração no comportamento dos caranguejos decidiu persegui-los para tentar compreender suas ações, e constatou com uma espécie de surpresa cômica que os caranguejos que se interpunham entre ele e a água, mantinham sempre a postura estática ante sua aproximação, enquanto que os que se encontravam mais distantes da água, fugiam diagonalmente aglomerando-se e misturando-se aos demais. Caminhou por idas e vindas pela faixa repleta de caranguejos, até não restar dúvida de que os mesmos comportamentos sempre se repetiam: a fuga oblíqua ante a vinda da praia, e a imobilidade frente ao deslocamento em sentido contrário; achou aquele comportamento de uma comicidade insuperável e riu às gargalhadas enquanto corria entre os animais, e nesse momento relembrou que havia o riso.

Voltou à mochila e escolheu os objetos mais pesados e chamativos que serviriam como balizas; temia principalmente que o vento encobrisse suas marcas, ponderava também que os caranguejos pudessem carregar alguns dos objetos, ou que algum outro ser desconhecido viesse a fazer isso. Constatou que essa última hipótese teria sido completamente descabida na véspera, ou em qualquer outro dos dias naquele mundo; até então se havia considerado perdido em meio ao mais completo e árido deserto; foi com satisfação que atestou essa imensa mudança em sua situação, agora haveria outros seres com os quais se distrair.

Escolheu com atenção os locais para a colocação dos marcos e lá os depositou, mas posteriormente ainda esquadrinhou toda a paisagem com enorme atenção, de modo a prescindir de suas marcações na eventualidade de que elas viessem a ser perdidas. Em seguida adentrou a faixa habitada pelos caranguejos, divertindo-se com a contemplação da onda que sua aparição gerava entre os animais, e com a semelhança da postura estática que todos ostentavam enquanto ele se deslocava em direção ao mar.

A praia era ladeada por duas montanhas de pedra, escolheu a mais próxima, distando uns dez minutos de onde estava, e caminhou até ela pela beira da água. Enquanto andava contemplava o mar e o céu, e as ondas espumantes que se arremessavam contra o monte para a qual se dirigia. Havia ilhas no horizonte, talvez fossem sete mas o movimento do mar e a névoa não permitiam que se descobrisse se algumas daquelas manchas negras à distância se conectavam ou não.

Sentia-se imensamente leve e feliz, e deixava que as ondas suaves lhe lambessem os pés. Uma ou outra vez voltou-se para trás para conferir se despontava algum sinal de tormenta, embora o tempo permanecesse mais firme que o de qualquer outro dia de que se recordasse, mesmo assim a força do hábito o levava a conferir os céus com mais freqüência do que parecia razoável, de qualquer forma, conjecturava que durante os vendavais o mar revolto deveria fazer um enorme estrago pelas redondezas, e que seria fatal se fosse apanhado por uma das tormentas mais fortes em local tão aberto. Também lhe veio à mente o fato de que o extraordinário abrigo em que pernoitara na véspera não demonstrava sinais de devassa, ainda que se localizasse tão próximo da praia, o que lhe pareceu enigmático; raciocinava que a proximidade do mar acarretaria a lavagem periódica das cercanias, devastando o que estivesse por perto, o que parecia não ocorrer.

Voltando os olhos na direção oposta à das águas podia contemplar a vastidão homogênea de areia branca que se espraiava por todos os lados, e que só era maculada pelas formações rochosas negras que despontavam aqui e ali como se fossem ilhas. Lembrou que seu abrigo noturno se localizava em uma dessas formações, mas, recapitulando suas atividades durante a manhã, não lembrou de nenhuma descida íngreme, o que o fazia supor que o abrigo se situasse em nível muito baixo, contradizendo a hipótese de que maremotos imensos viessem com os furacões. Decidiu deixar o esclarecimento da dúvida para mais tarde, ainda que esse fosse o tipo de questão da qual sua sobrevivência diária sempre dependia.

A imensa pedra que parecia escorar a praia se assemelhava a outras tantas montanhas lisas e negras que já tinha visto, embora fosse ainda mais escorregadia que as outras, e talvez mais escura. De qualquer forma era mais bela por parecer brotar do mar, e por ser lambida pelas imensidões de espumas que eram sempre lentas e lânguidas quando contempladas à distancia e quase ferozes e exaltadas quando vistas de perto. Havia também inúmeras outras pedras menores brotando aqui e ali por entre o mar raso. Talvez tenha sido apenas o hábito, embora a necessidade fosse não só real mas premente, sempre era, mas enquanto se aproximava da montanha vasculhava todas as brechas e todos os pontos em busca de abrigos. Uma mancha muito negra no nível do mar e que parecia uma sombra capturou o seu olhar, e o fez caminhar direto até lá. No caminho percebeu umas lagoas de água morna que deveriam se comunicar com o mar durante a maré alta, mas que sob o sol adquiriam uma temperatura alta e reconfortante, mas não permitiu que seu propósito fosse desviado por elas. Aproximando-se da mancha negra constatou o que provavelmente já havia adivinhado, que se tratava de uma gruta. Viu que ela se situava no limite exato em que a areia e as águas se uniam, de modo que permitia acesso tanto pela areia quanto pela água, para o interior de sua boca enorme. Decidiu explorar aquele abrigo, mas não sem antes vasculhar o céu com atenção em busca de algum sinal de borrasca.

Surpreendeu-se mais uma vez com a completa ausência de sinais de mau tempo, e penetrou nas entranhas da caverna, e enquanto seus olhos se acostumavam com a escuridão já encontrava inúmeras reentrâncias que talvez pudessem funcionar como abrigos. Observava a textura e a umidade das paredes enquanto esquadrihava o chão em busca de sinais que indicassem o grau de segurança daquele local. A gruta adentrava a montanha formando piscinas em remansos quase desconexos com o mar, e prosseguia em mais de uma reentrância estreita e seca. Imaginou que caso aquelas grutas findassem em algum ponto, nunca seriam inundadas, mas que se constituíssem túneis com aberturas de ambos os lados, muito provavelmente seriam eventualmente lavadas por fluxos violentos e fatais oriundos do mar alvoroçado. Perscrutou a entrada de uma das grutas mais altas e até onde a luz lhe permitiu não encontrou sinais de água empossada, o que o satisfazia. Ao sair da gruta vasculhou ainda os outros lados da montanha, encontrando aqui e ali locais que pareceriam abrigos razoáveis, não fosse a proximidade com a água, o que o amedrontava, mas percebeu terra adentro alguns locais suficientemente elevados e distantes do mar, de forma que parecessem indevassáveis à prenunciada fúria das águas, e que não apresentavam sinais evidentes de devassa recente. Nesses casos o melhor a fazer era limpar a areia que cobria o local onde isso fosse possível, fazer marcas onde não fosse, e esperar pelas alterações que a tormenta seguinte acarretaria ao sítio; modificações pequenas na quantidade de areia significariam que provavelmente o abrigo era seguro.

O sol já estava bem alto quando sentiu sede e fome e decidiu voltar pelo mesmo caminho por onde viera, mas dessa vez observou as criaturas com outros olhos, considerando se seriam comestíveis e apetitosas. No caminho recolheu os marcos que havia deixado na areia e que permaneciam onde foram deixados em virtude do bom tempo, guardou todos na mochila que encontrou sob o sol, onde a havia deixado, e retirou dela uma garrafa de água que estava morna, quis bebê-la, mas apenas molhou a boca, repugnado pela temperatura, e em seguida rumou para o abrigo onde havia deixado uma quantidade de água que, guardada na sombra, certamente teria permanecido fresca.

Voltando para o abrigo constatou o que não havia percebido na vinda, que o caminho até lá se constituía, todo ele, em um aclive não muito acentuado, mas constante, o que o situava em uma boa altitude. Somado a isso, a posição da ruína na face da montanha oposta ao mar, e em situação relativamente alta entre as pedras, garantia uma condição extraordinariamente segura, contribuindo fortemente para a sensação de aconchego durante a tempestade noturna. Tudo em volta o deixava satisfeito, até o seu apetite e sede incomuns. Bebeu uns goles da água fresca que havia deixado no abrigo, enquanto misturava um pouco da água morna da mochila com a comida seca que trazia ensacada. A refeição instantânea lhe pareceu muito mais saborosa que as de costume, e teve a sensação de que estava em casa em meio à segurança daquele local. Terminado o almoço deitou-se satisfeito enquanto planejava uma nova expedição para aquela tarde, mas, os sinais evidentes de que o tempo já virava o obrigaram a abandonar os preparativos e esperar.

A tempestade foi muito rápida, mas não tão forte que pudesse ser considerada um furacão, mesmo assim seria suficiente para assinalar lugares inseguros. Quando a borrasca terminou, decidiu voltar à montanha da praia; caminhou diretamente até lá, e dessa vez observou com atenção o que agora lhe pareciam evidências dos gigantescos maremotos que lavavam a região; observou a disposição incomum das pedras arredondadas e esparsas incrustadas na areia, e supôs que teriam sido carregadas por vagas colossais até o ponto em que se encontravam, supunha também que a vastidão de areia nua ao redor da praia testemunhava a fúria arrebatadora das águas que teriam arrastado de lá, e partido, os blocos que agora se depositavam como ovos imensos, e polidos pelas tempestades de areia nas redondezas do abrigo. Constatou que a paisagem desde a praia, podia ser descrita por uma sucessão de faixas; começando pela água, passando pela estreita faixa de areia lambida pelas ondas e bordada pela faixa ocupada pelos caranguejos, seguida pela imensidão de areia branca e nua, que desembocava na região de areia ocupada pelos gigantescos ovos de pedra, até chegar à faixa montanhosa, mais heterogênea.

Havia gastado cerca de quinze minutos para chegar à montanha, vasculhando o céu a todo instante, analisando os sinais de mau tempo que permaneciam manifestos no céu pressagiando um ciclone de enorme potência, e percebeu logo ao chegar na base da montanha o imenso cone escuro descendo das alturas como se estivesse faminto. Calculou que o tornado chegaria em aproximadamente meia hora, tendo, portanto, pouco tempo para a exploração; mesmo assim tratou de averiguar as marcas que havia feito pela manhã, notando que muitas delas permaneciam evidentes, indicando que os abrigos em questão eram bons o suficiente para resistir a uma tempestade de intensidade relativamente fraca, o que já era um bom sinal, pois, em caso de um furacão ofereceriam alguma proteção, o que sempre é melhor que nada. Percorreu novamente os vários locais em que havia estado pela manhã, fazendo novas marcas e novas limpezas, quando percebeu que os ventos já se faziam fortes. Decidiu retornar rapidamente para local seguro; acreditava que o vendaval seria bastante intenso, e enquanto corria de volta, se arrependeu de não ter sido mais precavido e regressado mais rapidamente para o abrigo, quando as areias carregadas pelo vento lhe fustigaram o rosto. Por uns momentos temeu perder o rumo, era bem difícil manter os olhos abertos em meio à tempestade de areia, mas teve sorte de que os ventos soprassem pelas suas costas. Naquela ocasião a fortuna lhe favoreceu duplamente, pois, tendo percorrido uma boa parte do caminho às cegas, foi o acaso que lhe guiou até o único lugar que sabia ser suficientemente seguro para escapar com tranquilidade de uma tormenta daquela magnitude.

Quando entrou no abrigo teve vontade de deitar e descansar, mas seu corpo sujo de sal e de areia o incomodava, sentiu um forte desejo de se lavar, mas sabia que não tinha água suficiente para isso, ficou atento ao tufão do lado de fora, e radiante com a segurança daquele abrigo que oferecia uma proteção total contra a tormenta, cujo único transtorno que permitia do lado de dentro, era o estrondo imenso.

Depois de algumas horas, quando o ruído da tempestade amainou, arriscou uma olhada para o lado de fora e constatou que uma chuva pesada caía em meio à

ventania forte, mas que não chegavam a ser assustadora. Após certa excitação e dúvida despiu-se e arriscou uma caminhada pelos arredores. A chuva fria e os ventos se chocavam contra sua pele, enquanto corria a esmo, e se viu obrigado a se agitar ainda mais para evitar a friagem. Mas logo que o primeiro choque gelado se desfz, a sensação de felicidade o invadiu e ele correu e pulou de alegria. Enquanto corria e brincava na chuva, notou que de alguns lugares da pedra desciam verdadeiras duchas de água fria; entrou na que parecia a maior delas e se agitou e se esfregou enquanto se banhava. Como o vento se reduzisse, averiguou as paredes das montanhas ao redor em busca de pontos de captação de água, que seriam inúmeros se chuvas com aquela intensidade se repetissem freqüentemente, depois entrou no abrigo, se secou, vestiu uma roupa seca e se agasalhou. Logo que a chuva parou, enquanto muito líquido ainda escorria pelas pedras, instalou um captador de água na parede da montanha, colheu um pouco dela, que ainda fluía, e deixou encravado na rocha o pequeno aparelho que voltaria a ser usado nas chuvas seguintes. Lembrou-se que gostaria de ter água suficiente à disposição para tomar banhos sempre que desejasse, voltou ao abrigo e trouxe de lá dois outros captadores que se constituíam simplesmente de uma pequena armação metálica muito leve e de um recipiente plástico dobrável. Instalou ambos em locais que lhe pareceram apropriados, onde a água ainda escorria abundantemente.

O céu voltou a abrir, embora mantivesse aqui e ali sinais ameaçadores de tempestades em formação. Talvez nenhuma delas viesse, mesmo assim, a configuração das nuvens indicava fortes possibilidades de tormenta, o que inviabilizava qualquer projeto de reconhecimento de locais distantes, teria que se manter muito perto do abrigo, ou se arriscaria a ser colhido por algum tufão. Decidiu circular ali em volta sem se afastar demasiadamente; explorou as redondezas apenas para reconhecimento da região em torno de sua nova casa, pois era assim que já se sentia naquele lugar recém descoberto: estava em casa. Encontrou vários abrigos satisfatórios ao redor, o que lhe agradou: isto sugeria que o mesmo deveria ocorrer por boa parte da costa, facilitando imensamente o reconhecimento daquela e de outras praias. Quando já era quase noite, um pouco antes que o sol desaparecesse, voltou para casa, preparou e comeu uma porção da comida desidratada enquanto pensava em provar algum alimento local; considerou haver certo risco nisso, mas valeria a pena, uma vez que suas provisões de comida um dia acabariam. Decidiu experimentar um pequeno pedaço de carne de caranguejo na manhã seguinte.

A noite trouxe um céu muito límpido e estrelado; uma brisa fresca soprava, seu corpo permanecia limpo e ele se sentia feliz. Contemplava o céu enquanto se mantinha recostado a uma pedra perto da porta do abrigo, ao lado de sua varanda. Tinha tido um dia cheio em meio à descoberta dos seres vivos e da felicidade de ter encontrado o mar; o movimento tinha voltado ao mundo, e isso o alegrava imensamente. Divagou sobre a felicidade, sobre o fato de se sentir bem, e também planejou explorações pela praia; se houvesse bom tempo voltaria à caverna da montanha na manhã seguinte para verificar se poderia ser usada com segurança, como abrigo. Sabia que a umidade excessiva daquele local não permitiria que morasse lá, mas não precisava de uma casa, necessitava sim de um local provisório que o protegesse de fenômenos meteorológicos abruptos. Planejou espalhar pela gruta

uns montículos de areia seca para constatar se resistiriam aos furacões, acreditava que algumas frestas recônditas nunca seriam devassadas pelas tormentas.

O céu noturno ainda permanecia límpido quando foi dominado pelo sono. Deitou na cama que já havia preparado, e experimentando um regozijo pelo conforto de sua nova situação, dormiu imediatamente. Teve sonhos agradáveis e coloridos dos quais se lembrou com satisfação assim que acordou, mas que logo esqueceu.

Levantou ainda muito cedo e se sentia muitíssimo disposto. Arrumou seus apetrechos, comeu, e saiu em direção à montanha. Constatou que o céu permanecia muito limpo e sem nenhum sinal de tormenta; considerou estivesse chegando ao término a temporada de tufões, e que por uns meses eles seriam relativamente raros. Caminhou pelas areias e por entre os caranguejos estáticos, pensou que quando retornasse deveria levar uma porção ínfima da carne daqueles animais, uma quantidade tão pequena que a ingestão não viesse a acarretar envenenamento, mesmo assim temia um eventual mal-estar causado pelo alimento e considerou que seria boa precaução só provar daquela carne quando estivesse na segurança do abrigo.

Chegando à beira d'água vislumbrou muitos peixes pequenos faiscando sob a espuma borbulhante trazida pelas ondas e pequenos animais que se enterravam na areia sob as águas; percebeu claramente inúmeros cardumes de peixes pequenos e alguns de peixes grandes. Notou a faixa de tonalidade mais negra e brilhante nas partes das pedras banhadas pelas ondas e revestidas por uma infinidade de conchas de moluscos. Também havia regiões nas pedras cobertas por seres mais claros. A abundância de vida marinha era estarrecedora, mais ainda se contrastada ao completo desolamento do imenso deserto terrestre, que, exceto pelos abrigos que se assemelhavam a ruínas de construções humanas, não apresentava absolutamente nenhum outro sinal de vida, nem mesmo o mais tênue. O contraste desmesurado e paradoxal entre a fartura de vida marinha e a ausência total de outras formas de vida constituía um enigma estonteante e insolúvel.

Contemplou o horizonte por alguns minutos, vasculhou as águas em busca dos múltiplos sinais de vida; a diversidade ali era inequívoca, percebia a composição distinta de cada um dos inúmeros cardumes, a variação era gigantesca. Notou as estranhas formas emergindo velozmente da água e planando, ou talvez voando, às vezes por centenas de metros antes de submergir novamente. Alguns, à distância, pareciam enxames de insetos, outros lembravam bandos de aves, mas a um exame mais atento, todos se revelavam cardumes de peixes. Havia também uns raros voadores solitários, quase sempre predadores caçando em pleno vôo, outros solitários talvez estivessem apenas momentaneamente extraviados do cardume.

Mergulhou os pés na água, deu mais uns passos mar adentro, mas sem chegar a molhar a cintura, caminhou pelas águas até a caverna, quando lembrou de levar para lá um pouco de areia seca. Voltou até a faixa dos caranguejos, recolheu certa quantidade de areia fina e branca em um saco que trouxera consigo, caminhou até a caverna evitando molhar os pés, e enquanto seus olhos ainda se acostumavam com a penumbra, já avaliava os locais onde os pequenos depósitos de areia propiciariam mais informação sobre a segurança do local durante os vendavais. Em seguida erigiu

um montículo num patamar uns dois metros acima da água e penetrando gruta adentro continuou modelando os punhados de areia em locais cada vez mais interiores e também mais altos. Por fim descobriu um grande salão de pedra quase totalmente escuro e constituído por paredes facilmente escaláveis. Conjeturou que aquele ambiente alto, cuja entrada se voltava para o interior da gruta, deveria ser poupado mesmo pelos maremotos mais agitados. Decidiu esperar ali por uns minutos até seus olhos se habituarem àquela escuridão ainda mais profunda, e circulou por um patamar amplo de piso horizontal. Teve certo receio de se perder no labirinto escuro, mas encontrou uma sugestão de luz que logo se mostrou mais clara, revelando a entrada do salão. Ali, numa parede onde uma fraca luminosidade ainda se insinuava, depositou o último punhado de areia reservado para o local mais bem guardado. Dali contemplou a parte clara da caverna, muitos metros abaixo, e concluiu que a enorme gruta certamente propiciaria abrigo seguro, mesmo em caso das maiores agitações de água, mas que deveria se precaver contra a escuridão; nuvens que encobrissem fortemente o céu mergulhariam aquele local no mais completo negrume ocultando o caminho de volta. Explorou ainda outras reentrâncias da gruta, e considerou que decerto haveria ali muitos locais inatingíveis pelas águas, e que o perigo real ali dentro seria o de se perder no labirinto escuro, coisa muito mais provável que ser esmagado em algum eventual desmoronamento, sempre possível no interior de cavernas, ou de ser arrastado por águas que nunca atingiriam as partes altas.

Quando voltou para a praia, o céu ainda claro dissipava qualquer preocupação imediata com tormentas. Percebeu nas pedras uma variedade diferente de caranguejo, escura, quase da cor da montanha. Os pequenos seres permaneciam agarrados às pedras, achatados sobre elas; uns enfrentavam as ondas espumantes que os banhavam, outros permaneciam mais afastados do mar; quando se moviam, o faziam lentamente, mas de modo seguro, sempre presos à pedra. Havia um outro tipo de caranguejo nas pedras, maior e mais lento que o primeiro, mas também achatado e de mesma coloração escura; estes pareciam se arriscar menos entre as ondas, mantendo quase sempre uma distância maior das águas que os outros, e eram mais agressivos, afastando com suas garras os indivíduos menores que eventualmente se aproximavam em demasia. Sentou-se numa pedra livre de caranguejos e continuou a observar as criaturas, dessa vez ficando completamente imóvel para que sua presença não intimidasse os pequenos seres.

Enquanto espreitava os animais percebeu uma espécie de alteração, uma certa sugestão indiscernível de movimento nas pedras que capturou toda a sua atenção. Perscrutava as pedras a certa distância, mas a sensação de animação cessava assim que sua atenção era despertada, até que a impressão de movimento brotou numa das pedras próximas. Cravou os olhos nela e esperou imóvel até que a insinuação que parecia perceber se manifestasse novamente; dessa vez foi inegável, algo ali se movia. Fixou com muita atenção os detalhes da pedra e distinguiu nela a enorme quantidade de pequenos e variados artrópodes envolvendo sua superfície. Alarmado, voltou os olhos para a pedra onde estava sentado, constatando atordoado a presença de uma infinidade de seres a poucos centímetros de seu corpo, e recolheu as pernas

sobressaltado, acarretando a fuga imediata das criaturas rastejantes em torno, umas muito rapidamente, outras de modo mais lento. Observou também que os animais mais distantes se imobilizaram em resposta a seus movimentos. Sentindo uma mistura de medo e repulsa se levantou e caminhou por uns metros, para uma região de areia entre duas pedras, e dali esperou imóvel pela volta dos artrópodes que desapareciam quando se incomodavam com sua presença. A espera talvez não tenha durado um minuto, os primeiros seres começaram a ressurgir das frestas cobrindo a superfície das pedras, inúmeros e variados, e embora exibissem uma coloração predominantemente assemelhada à das pedras, muitos deles mostravam manchas variadas pelo corpo, embora pouquíssimos ostentassem um colorido intenso.

Permaneceu por um tempo mirando a diversidade de seres e analisando seus comportamentos até que lhe veio a fome. Deu um breve mergulho na água, e com o corpo refrescado caminhou pela areia até a faixa dos caranguejos, que se afugentavam em ondas cujo epicentro brotava sempre de seus pés. Atravessou toda a faixa e mais uns poucos metros, voltando para o local onde os animais permaneciam, e, previsivelmente, o receberam paralisados, como ocorria sempre que caminhava na direção do mar. Escolheu um dos maiores entre os que estavam no limite da faixa, abaixou-se, analisou a defesa do crustáceo, e com uma das mãos apertou uma garra do bicho na areia, enquanto com a outra, segurou e torceu a segunda garra até que ela se separasse do animal. Em seguida, com certa apreensão, soltou o caranguejo amputado, ergueu-se e caminhou em direção ao abrigo analisando a garra que colhera. No caminho, catou uma pedra menor que um punho e também a levou consigo. Chegando em casa, hidratou sua comida, voltou ao lado de fora e arrebitou a garra com a pedra que havia trazido. Provou um pedaço ínfimo da carne, com um sabor estranho e forte, mas após a surpresa inicial, considerou o paladar agradável e provou outro bocado, que lhe pareceu apetitoso. Mesmo assim achou que ficaria mais saboroso se acrescido de tempero; pensou em buscar o condimento no abrigo, mas ponderou que aquela porção mínima bastaria como primeira prova, sendo temerário ingerir um pouco mais, já que o risco de envenenamento existia, e a possibilidade ainda maior de acarretar alguma indisposição digestiva devia ser evitada; tinha decidido correr o risco, mas de forma calculada, considerando isso uma boa idéia. Comeu em seguida o alimento que já havia preparado, pois avaliou que as possíveis toxinas do animal teriam o efeito abrandado pela diluição, além disso, tinha fome, e ingeriu com avidez toda a comida já pronta, constatando que seu apetite havia aumentado desde a chegada à praia. Circulou pela região sem se afastar excessivamente, mantendo-se na sombra na medida do possível; o sol excessivamente forte naquele momento era desconfortável, mas o receio de se afastar de casa se devia mais à expectativa de algum mal estar decorrente da ingestão da pequenina porção da carne do caranguejo. Passadas uma hora e meia, ou duas, considerou satisfeito que o alimento era inofensivo, portanto bom.

Como o céu desse mostras de tempo firme, decidiu explorar a montanha da outra extremidade da praia; munido de sua mochila caminhou até lá por cerca de uma hora, um pouco mais. A formação rochosa se assemelhava muito à da outra

montanha, mas, nessa não encontrou nenhuma gruta. Os mesmos animais colonizavam a rocha de mesma cor e aparência geral que a anterior, embora um pouco menor que a outra. Mergulhou na água para refrescar o corpo e acabou permanecendo entre as ondas por uns minutos. Nadou paralelamente à praia, mas a sensação de que algum peixe grande, ou qualquer outro ser, o espreitava, o fez voltar para a linha da arrebentação, onde pegou carona em uma onda que o carregou rapidamente até a areia. Encontrava-se bastante apreensivo em decorrência da forte sensação que o acometera enquanto nadava, pensou que aquilo poderia ter sido um exagero de sua mente, mas, olhando a profusão de seres visíveis pululando no mar, e por toda parte ali na orla, considerou bastante sensato não se arriscar nas águas mais fundas; haveria ali certamente inúmeros seres desconhecidos, muitos deles, provavelmente, bastante perigosos. Ponderou, então, que alguma cautela seria necessária; vinha agindo de modo temerário desde a descoberta do mar, decidiu, por isso, se aproximar dos seres de um modo mais prudente do que vinha fazendo até aquele momento, o que o levou a evitar o contato direto com a rocha íngreme e lisa, com poucos pontos de apoio que permitissem uma escalada segura, resolveu assim circundar a montanha pela areia. Observou que a quantidade e a diversidade de animais sobre as pedras diminuía rapidamente a medida em que se afastava da água do mar, e que a uns vinte metros de distância das águas a pedra já parecia completamente desabitada, embora pudesse haver ali alguns seres ocultos. Continuou a rodear a montanha e teve uns ímpetos ligeiros de escalar partes menos íngremes e de fácil acessibilidade, de onde contemplava a paisagem esplêndida da praia que deixava para trás, sob um céu intensamente claro, para sua tranquilidade. A areia muito branca circulava o morro num aclave leve, e antes mesmo que a praia desaparecesse de sua visão, descortinou-se uma nesga do litoral do lado oposto, um mar muito azul e rendilhado de espumas brancas que o fez exultar. Deixou a mochila na areia e escalou uns poucos metros da pedra até um platô de onde a nova paisagem podia ser avistada em quase todo o seu esplendor. Avistou a pequena baía cujas areias se espiralavam sobre si próprias e uma praia contígua e mais distante cercada por inúmeras ilhas, em um panorama esplendoroso ainda mais acentuado pela vista da praia de onde tinha vindo. Contemplou radiante todo aquele cenário por um longo tempo, mas antes que continuasse a caminhada até as águas recém descobertas percebeu certos sinais preocupantes no céu e não se permitiu arriscar a ser colhido por algum tufão estando distante de um refúgio seguro. Exultou ainda por uns momentos com a contemplação da cena magnífica, e após inspirar o ar profundamente, voltou pelo mesmo caminho por onde viera, recolhendo seus apetrechos que havia deixado a uma centena de metros de onde já se encontrava. Tendo colocado a mochila nas costas, considerou mais prudente voltar por dentro, passando longe das águas, por locais onde provavelmente encontraria algum abrigo distante das vagas impulsionadas pelos ventos fortíssimos prometidos pelo formato e movimento das nuvens. Pelo caminho, ainda apreciava a bela paisagem, enquanto também conferia os sinais da tormenta no horizonte. Notou que um enorme ciclone se formava e se apressou, mas se tranquilizou ao perceber que o núcleo da tormenta se deslocava em uma direção que não o engolfaria. Mesmo assim foi forçado a se abrigar de uma tempestade muito fria que acompanhou o tufão, mas nem a

intensidade dos ventos, nem a força da chuva gelada e importuna chegaram a amedrontar, e se congratulou pela sensatez da escolha do caminho; teria se arriscado desnecessariamente se houvesse retornado pela praia.

Quando a tempestade abrandou, continuou a jornada de volta para casa, percebendo aqui e ali os sulcos que a água escavava na areia molhada e cinzenta, e não se incomodou demasiadamente com a chuva gelada que ainda caía, pois a caminhada aquecia o seu corpo e sabia que logo estaria em abrigo seco e reconfortante. Andando com determinação chegou em casa ainda bem antes da noite, e usou uma parte da água que recolhera na véspera para se banhar, lavando não apenas a sujeira do corpo, mas também o cansaço; depois que se enxugou se sentiu muitíssimo disposto, mas faminto. Preparou sua refeição e a ingeriu com satisfação.

Acordou especialmente disposto depois de uma excelente noite de sono. Planejava rever as belíssimas paisagens descobertas na véspera e explorar as praias recém encontradas, mas o tempo não se mostrava firme o suficiente para garantir a ausência de tormentas nas horas seguintes, então comeu rapidamente e caminhou diretamente para a montanha mais próxima, a da gruta, circundou-a e divisou outra praia belíssima habitada pelos mesmos animais. Mergulhou na água e se deixou levar pelas ondas. Observou uma quantidade enorme de peixes, o que lhe aguçou cautela impedindo-o de se aventurar entre as águas mais profundas; nadou apenas na parte rasa, um pouco antes da arrebentação, em meio às ondas baixas regulares e constantes. Não estava muito distante do outro lado da pedra, poderia chegar lá em menos de meia hora, mesmo assim, e apesar da ausência de sinais claramente indicativos de tormentas, sentiu-se desabrigado e decidiu contornar a montanha de volta. Chegando ao outro lado conferiu o céu novamente, enquanto se sentia amparado pela proximidade e segurança da gruta. Observando com atenção e curiosidade, notou uns sinais estranhos e de difícil interpretação no céu; talvez fossem indicativos de alguma gigantesca tormenta, talvez não significassem nada. Manteve-se atento às fortes e constantes alterações celestes, demonstrando a presença de ventos poderosos nas altitudes, contrastando com a calma reinante no nível do solo. Os desenhos das nuvens eram instáveis e desconhecidos; observou-os com atenção, aquilo era novo para ele e era necessário compreender o significado das configurações mutantes que se mostravam nas alturas.

Repentinamente todas as nuvens pareceram se alongar e despedaçar como se tivessem sido puxadas por uma mão invisível. Convergiaram para um ponto bem alto no céu que escureceu mais e mais, foi então que percebeu com nitidez uma forma negra colossal e quase palpável, descendo do céu como uma tromba, ao mesmo tempo em que ventos repentinos açoitaram seu corpo com areia de todas as direções. Enquanto corria para a caverna bem próxima, sentia o vento forte que hora lhe puxava e impedia sua fuga, hora lhe empurrava e o compelia ao abrigo. Da boca da gruta contemplou o céu que enegrecia até quase virar noite, e o ruído forte da ventania e das ondas. Percebeu também que o mar se agitava ferozmente e que convinha entrar e se abrigar em algum ponto bem seguro. A escuridão no interior da caverna dificultava a localização dos pontos de acesso às áreas mais protegidas, mas

a certeza da necessidade de alcançar as partes mais altas o levou a tatear e escalar às cegas, até um platô onde já estivera anteriormente, e que apresentava certa segurança, embora considerasse que os locais de fato inexpugnáveis situavam-se ainda muito acima, mas, na ausência de luz, tal subida seria ainda mais arriscada que a permanência naquela altura, onde havia a possibilidade de que as grandes vagas viessem eventualmente lambe a caverna, e embora houvesse duvidado realmente disso, quando ouviu os primeiros estrondos brutais das ondas nas paredes da gruta, escorou-se em uma fresta estreita no fundo do platô e apenas torceu para que as águas não chegassem até onde estava, pois sabia que em caso contrário haveria pouco o que fazer, embora soubesse também que dali seria impossível atingir local seguro sem se arriscar a ser colhido pelas águas, e então esperou estático até que o rugido feroz abrandasse, o que finalmente só foi ocorrer quando já era quase noite.

Antes de se dirigir para casa, colheu uma enorme garra de caranguejo que viria a ser o prato principal de seu jantar. Chegou meio aborrecido e sem sono, mas o tempo permanecia ruim e não era aconselhável planejar qualquer saída noturna. Junto com o alimento hidratado comeu a garra de caranguejo, desta vez toda a carne, e não apenas uns poucos fiapos como da vez anterior, acrescida de umas pitadas de tempero e apreciou o sabor resultante. Esta fora a sua única diversão durante todo o dia e a noite já era muito negra, embora o sono não chegasse. Mesmo assim decidiu deitar, nada mais havia para fazer naquela escuridão.

Quando acordou ainda era noite alta, mas o céu completamente estrelado garantia tranqüilidade por certo tempo, apesar de saber que os sinais de tempestade durante a noite talvez só ficassem evidentes na iminência do desastre, mesmo assim decidiu iniciar a jornada antes do sol nascer; alimentou-se e saiu sabendo que o sol ainda demoraria mais que uma hora para despontar. Caminhou mais rapidamente do que de costume, impulsionado pelo frio, que não chegava a ser intenso, mas incomodava um pouco apesar do calor resultante da marcha. Contemplava o céu estrelado, mas sem lua e as silhuetas das montanhas no horizonte, fixava sua direção pelo cume da pedra no outro extremo da praia. No momento em que os primeiros raios de luz iluminaram o firmamento, já havia ultrapassado o ponto em que chegara dias atrás; o sol brotava do mar como uma calota vermelha cujo brilho se espalhava pelas águas, nuvens finas e horizontais o envolviam suavemente, e as montanhas brilhavam prateadas contra o fundo negro do céu no qual as estrelas ainda cintilavam. A espuma das ondas se sobressaía muito branca num mar que ainda era negro na borda, enquanto as duas praias eram vistas sob o mesmo olhar. A areia branca chegava até os seus pés, revelando a descida suave até a pequena praia, que percorreu correndo. Evitou pisar nos caranguejos que o miravam estáticos, e chegou até a água fria em que mergulhou ao final da corrida. Nadou rapidamente por instantes para se aquecer, e ao emergir contemplou a aurora vermelha e o colorido daquele momento, e viu quando o azul do céu empurrava o negro e apagava as estrelas, e quando as montanhas mais distantes contrastaram com o céu; e quando a água a seus pés também se iluminou com o sol, viu os cardumes de inúmeros peixes que o circundavam sob o mar transparente. Nadou por um tempo na placidez da baía

fechada, agitada apenas pelas ondas baixas e constantes, e se deixou levar pelas águas olhando o céu azul; depois nadou de volta para a areia e quando se ergueu, ainda na água, teve curiosidade de chegar até a praia adjacente, apenas uns metros de onde estivera. Percorreu a faixa estreita de areia entre as duas praias, chegando até um bico de pedra do qual podia avistar uma grande parte do litoral. Contemplou dali a montanha da gruta perto de onde se situava a sua casa, e várias ilhas, umas mais, outras menos distantes. Considerou que aquele fosse um ponto ótimo de observação do litoral, com a vista mais ampla que a de todos os outros locais onde estivera; também podia observar dali a atividade dos peixes, em especial dos que saltavam ou planavam sobre as águas. Viu peixes que eram indubitavelmente grandes, e cujo tamanho não conseguia avaliar, mas que certamente era suficiente para torná-los potencialmente perigosos e reiterou com prudência que não deveria se ariscar em águas profundas, evitando cruzar a linha da arrebentação.

Voltou pela faixa de areia entre as praias e pensou em sondar acima em busca de um abrigo, mas o céu estava tão completamente claro, sem absolutamente nenhuma nuvem, que considerou aquela precaução momentaneamente exagerada, voltou para a baía pequena onde nadou longamente, até deixar a água sentindo-se imensamente rejuvenescido, mas com muita fome e sede. Bebeu uns goles da água que tinha trazido consigo e decepou grandes garras de quatro caranguejos, uma de cada, para que tivessem a chance de sobreviver, macerou-as e retirou delas a carne tenra, que temperou e juntou a uma pequena quantidade de comida que reidratara previamente; depois de comer a mistura se sentiu pesado e sonolento; desejou localizar uma sombra onde pudesse dormir, mas avaliou que apesar da completa ausência de sinais de tormenta, seria temerário adormecer em local tão desprotegido, então decidiu entrar na água para afastar a preguiça, e de fato, a baixa temperatura afugentou o torpor, mesmo assim, quando saiu da água sentiu que não tinha a disposição necessária para enfrentar a fúria de um tufão e, assim sendo, seria melhor que estivesse nas proximidades de um refúgio, o que o levou a iniciar o caminho de volta para casa. A caminhada impediu que a sonolência voltasse a se instalar enquanto percorria o caminho de volta paralelamente à praia, e depois de pouco mais de uma hora chegou à pedra da gruta, próxima de casa; sentindo-se amparado pelo asilo da caverna, permitiu-se descansar na areia estreita entre a água e os caranguejos. Não pretendia se deixar levar por um sono pesado, sempre evitava dormir durante o dia para encarar com sono as longas e escuras noites, por isso permaneceu deitado em uma região onde alguma onda logo o despertaria, e talvez não tenha nem mesmo iniciado um cochilo, quando a água gelada o despertou num sobressalto, mesmo assim se sentiu recomposto pelo brevíssimo descanso e tornou a mergulhar para acordar por completo. Quando saiu da água estava desperto e disposto, mas decidiu sentar-se à sombra onde estivera deitado momentos antes, e contemplar as belezas ao redor. Enquanto observava a praia percebeu que, em intervalos de alguns minutos, os caranguejos aqui e ali executavam o conhecido padrão de comportamento de fuga que era sempre disparado por sua aproximação no sentido oposto ao da água. Resolveu analisar com atenção aquela movimentação conjunta e ordenada, mas como tudo acontecia em intervalos relativamente longos acabava por perder a parte importante do evento, o que impossibilitava desvendar a causa da evasão ordenada.

Permaneceu praticamente imóvel sentado na areia paralelamente à água, notando que o comportamento dos caranguejos se repetia com mais frequência em locais mais distantes de onde estava, mas que, mesmo nas proximidades, eles esporadicamente irradiavam de um epicentro formando o conhecido padrão de movimento que se espalhava por muitos metros.

Em dado momento vislumbrou algo muito fugidivo que o deixou sobressaltado; tinha sido mais uma sensação rápida que uma constatação, mas pensou ter percebido algo maior e muito ligeiro se movendo entre a água e os caranguejos e que os teria levado à fuga conjunta. Fixou então os olhos com uma atenção garantida pela apreensão, e que beirava de muito perto o temor, e notou que, de fato, algo muito veloz se alastrava desde o mar até os caranguejos que se aventuravam mais perto da água, e manteve-se em guarda perscrutando não apenas a areia ao lado, mas também a água, em busca de algum ser potencialmente perigoso.

Observando com muita atenção, constatou além de qualquer dúvida que um caranguejo fora capturado por algo que deixara as águas e que para lá havia voltado veloz e imediatamente, mas a forma da coisa que acabara de perceber parecia difusa, tratava-se mais de um movimento pressentido do que propriamente visto. Preocupado e inquieto, caminhou até o local da captura, onde examinou os rastros inequívocos da fuga radial dos caranguejos, e as pegadas que terminavam no vazio daquele que, inquestionavelmente, havia sido levado dali. Viu também as marcas de algo maior que raspou a areia, mas que não deixou pistas quanto ao seu formato, apenas umas marcas serpenteantes na areia, vindas certamente da direção das águas.

A constatação não o atemorizou a ponto de afastá-lo dali, mas o colocou em guarda e atento; vislumbrou outras tantas capturas rápidas, sem conseguir identificar o agente da caçada. O resto da tarde foi consumido na tentativa de identificação do predador oculto, e durante esse período não ousou entrar novamente na água. Quando o sol já se punha, retornou para casa ainda intrigado com os enigmáticos desaparecimentos, mas sem nenhuma pista do que fosse ele.

Voltou à praia bem cedo na manhã seguinte e ficou à espreita para descobrir o que ocorria aos caranguejos; era no mínimo desagradável nadar entre animais desconhecidos e talvez perigosos, e caso tais seres estranhos existissem por ali, era melhor ter ao menos uma idéia da aparência que tivessem. Após a constatação da existência do predador, passou a perceber com muita frequência a marcha evasiva dos caranguejos em vários locais, mas nunca conseguia mais que pressentir a estranha presença que os levava, algo fugidivo e rápido, mas indecifrável e por isso mesmo desconfortável, enigmático e amedrontador. Decidiu se posicionar na proximidade de um local onde vários ataques se sucederam seguidamente e cujos rastros evidenciavam as capturas de caranguejos, mas, sua presença inibiu a criatura, que não mais se mostrou na imediação, o que de certo modo o tranqüilizou por considerar que aparentemente o ser se amedrontava com sua presença, sugerindo que tais criaturas não o atacariam, preocupação que já constrangia seus mergulhos. Decidiu localizar e averiguar outros pontos de ataque, concluindo que sua presença sempre inibia as

caçadas; tranqüilizado com essa constatação, voltou então para perto das pedras, onde mergulhou e nadou, coisa que ainda não havia feito naquela manhã.

O céu estava meio nublado e indicava a forte probabilidade de chuva, embora não evidenciasse os sinais de tormenta violenta. Continuou a espreitar os seres até que os primeiros pingos de água começaram a cair do céu, quando, sem pressa, entrou na caverna e retirou da mochila alguns coletores de água. A chuva já caía forte havia vários minutos quando saiu e fixou os coletores que se encheram rapidamente, utilizou o conteúdo de um deles para terminar um banho que já se havia iniciado com a chuva. Voltou muito molhado para a gruta e se enxugou; a temperatura estava agradável e, de uma localidade seca na boca da caverna, permaneceu contemplando a areia e os caranguejos que continuavam sendo caçados; suspeitou que durante a chuva a frequência da caça até aumentava, mas foi quando o céu se abriu e já havia retornado à areia que percebeu algo estranho na beira da água. Mirava a região onde os ataques mais próximos aconteciam, havia deixado os olhos vagarem ao redor, e, nas águas avistou alguma coisa talvez relacionada com os ataques, algo que boiava levemente, mas que durante as fugas dos caranguejos se sobressaía muito levemente. Fixou o olhar na tal coisa flutuante e constatou que era dali que partia o ataque aos caranguejos; o estranho atacante parecia querer começar a tomar forma, mas permanecia incomodamente amorfo. Aproximou-se da estranha criatura até que ela desapareceu sob as águas e então localizou uma outra, da qual se aproximou o suficiente para observá-la em detalhes, mas sem que ela se intimidasse; sentou-se no local e esperou por um ataque que não tardou; nesse instante conseguiu perceber com nitidez o lento soerguimento de uma massa cujos olhos ficavam sempre mantidos fora da água, e de uma forma comprida lançada da água com rapidez e precisão sobre o caranguejo, como se fosse um arpão ou uma corda, e que voltou veloz e imediatamente para a água. Avançou uns poucos passos em direção à criatura, e se manteve à espreita; repetiu o ato de aproximação por mais algumas vezes, sempre sutil e vagarosamente, mas quando estava a certa distância da criatura os ataques cessaram e ela permaneceu ali inerte como se estivesse também a fitá-lo, e desse momento em diante não voltou mais a mostrar o corpo ou o que quer que fosse que lançava contra os crustáceos.

Quando teve fome hidratou uma pequena porção de comida que retirou da mochila, foi até a areia e na volta recolheu algumas garras dos caranguejos que o recebiam estáticos enquanto vinha para a água, pegou também uma pedra pequena que utilizou para quebrar o casco grosso e retirar a carne saborosa do animal que comeu na entrada da gruta. Permaneceu ali na sombra por um longo tempo, tentando localizar outros daqueles animais caçadores. Antes do por do sol, mergulhou novamente, se lavou com a água abundante que havia recolhido da chuva e voltou para casa. Naquela noite planejou sua mudança completa para o litoral.

Acordou bem cedo na manhã seguinte e após a refeição iniciou viagem; caminhou por dois dias pelos mesmos caminhos por onde viera sem que houvesse percalços, pois o tempo permanecia surpreendentemente tranqüilo. Foi perto do anoitecer do segundo dia que chegou em sua antiga casa, a base, após uma caminhada

quase contínua. Sentia o cansaço no corpo e principalmente nas pernas; tomou um banho com a água recolhida tempos antes e se sentiu renovado, mas ainda precisou de um descanso antes de se levantar e vasculhar em busca de objetos a serem levados para seu novo lar. Com certa surpresa constatou a inutilidade de quase todos os objetos que possuía; separou uma vasta quantidade de alimento desidratado e um bom número de coletores de água, e não houve nada mais que avaliasse digno de ser levado; optou por retomar a viagem de volta pela manhã, pois a imobilidade daquele local o abatia e naquele instante ele percebia com extrema clareza a magnitude das emoções melancólicas que o invadiam em meio à imensidão entediante; era muito mais que melancolia, sentia-se pesado e abúlico naquele lugar; saboreou aqueles sentimentos amargos enquanto pensava em todo o tempo que vivera ali sem perceber a intensidade das sensações que o haviam embebido. Sentiu-se satisfeito por estar imensamente cansaço naquela noite, o que o levou a dormir profundamente, mas quando acordou e foi novamente engolfado pelos sentimentos mórbidos que agora conseguia identificar, pegou a mochila abarrotada e saiu ainda que fosse noite e que não houvesse garantia de que algum tufão o colhesse logo de imediato, mas quando o sol surgiu o céu não dava nenhuma mostra de tormenta iminente. Tentou apressar o passo, mas um certo peso parecia emanar da imobilidade que se abatia sobre tudo ao redor e o compeliu a se mover penosamente, o que fez com que a viagem de volta para o litoral parecesse transcórrer muito mais lentamente que a vinda. Por duas noites dormiu no caminho, e foi só quando o sol já estava bem alto no céu do terceiro dia, que avistou sua nova casa. Lá estava sua nova casa! Teve ânimo para apressar o passo e em poucos minutos deixava em casa a mochila cheia e corria feliz e sem nenhum peso na direção da praia, uma corrida quase ininterrupta suspensa apenas brevemente pelo cansaço, mas atizada fortemente pela visão das águas. Tendo visto o mar, seu corpo se precipitou em disparada até lá, mergulhando ofegante na água gelada, onde nadou e pulou como uma criança. Sentia que estava em casa novamente.

.....

Sentiu-se faminto; foi até a areia e colheu quase uma dúzia de garras de caranguejo ao mesmo tempo em que constatou com satisfação a presença de um deles sem uma das garras, não tinha certeza de que sobreviveriam à amputação, mas acreditava que isso devesse acontecer, por essa razão colhia apenas uma das garras do bicho, tentando assim, poupar a sua vida, o que tinha acontecido ao menos com um deles. Comeu com imensa satisfação toda aquela carne, e sentiu que ainda gostaria de mais um pouco, mas considerou esse desejo uma gula supérflua e se contentou com a quantidade já ingerida. Deitou na areia sentindo certa sonolência e cansaço, mas uma onda gelada logo o despertou; sentou-se e contemplou o mar, e viu que uma das criaturas o observava; manteve-se quieto com os olhos fixos no ser que também o fitava, e assim se passou quase uma hora até que os estranhos olhos imergissem e desaparecessem na água. Voltou para casa no meio da tarde, arrumou a comida e os coletores de água que havia trazido. Percebeu que havia esquecido de trazer um travesseiro, o que teria gostado de ter ali e cuja falta havia sentido por diversas vezes, atribuiu o esquecimento à sensação de abatimento que o tomara na volta à base, analisou o quanto aquilo o embotava. Pensou em várias outras coisas que deveria ter

trazido, mas o ambiente inóspito da base o deixava quase inerte, como que drogado, considerou que aquele local retirava grande parte de sua capacidade de raciocínio e o deixava demasiadamente oprimido; e então constatou a intensidade com que sua mera lembrança o oprimia.

Durante o final da tarde vasculhou um pouco os arredores ainda incompletamente explorados. Nos dias seguintes voltou sempre à praia; as tormentas tinham rareado e havia muito a ser descoberto ali em torno. Provou vários alimentos: ostras, siris e até uns peixes que às vezes conseguia cercar nas poças rasas que a maré deixava na areia. Mantinha-se nas proximidades da gruta, de onde observava os animais; passou a nadar paralelamente à areia por um longo tempo, e quando deixava a água, quase sempre faminto, comia umas garras de caranguejo, seu alimento predileto. Tinha por certo que os animais sobreviviam à extirpação da garra, e nas proximidades da gruta a maioria dos grandes agora possuía apenas uma delas, embora muitos já tivessem um pequeno braço se reconstituindo no lugar em que a pata havia sido amputada.

Em uma dessas ocasiões, quando saboreava a carne de caranguejo, percebeu, muito perto, o par de olhos brotando das águas e o observando: imaginou que o animal tivesse fome e que isso talvez viesse a facilitar o contato com ele; era um daqueles caçadores de caranguejo cuja forma ainda permanecia desconhecida. Esticou o braço com o qual segurava a garra e agitou levemente o alimento na direção do animal que permanecia olhando estático. Aproximou-se vagarosamente enquanto continuava a balançar a garra; tentou por certo tempo estabelecer contato com o ser que continuava indiferente a todas as tentativas, parecendo apenas observar com atenção, sem se afastar nem se aproximar, e sem nenhuma outra forma de interação, exceto o olhar observador e impassível. Deixou a garra na beirada da pedra onde estava, na área mais próxima do animal, e se distanciou um pouco para não o intimidar, mas ele não deu mostras de que tencionasse se aproximar, e assim permaneceram ambos por um longo tempo.

No dia seguinte ambos voltaram ao mesmo lugar, a uns três metros de distância um do outro, e quando os olhares se cruzaram novamente, o animal ergueu o que parecia ser a ponta de um longo tentáculo envolvendo uma garra de caranguejo em sua direção e a balançou lentamente. Apesar de lento, o movimento do ser era quase assustador; apontava o poderoso apêndice em sua direção e o agitava com suavidade de uma maneira intensamente tranqüilizadora, quase hipnótica, levando-o a ficar inerte por uns instantes, sem nenhuma ação, enquanto o comprido tentáculo se aproximava cada vez mais, e um temor instintivo do desconhecido quase o invadia por completo, mas talvez suas emoções tivessem sido pressentidas pelo animal, ou externamente seu sobressalto não tenha sido muito leve, de qualquer modo a criatura pareceu se imobilizar momentaneamente, propiciando um tempo suficiente para a análise da situação, conseguindo assim conter seu ímpeto de fugir, e durante os breves e intensos instantes que se seguiram, controlou o medo a ponto de evitar a fuga e pegar a garra que lhe era oferecida pelo ser, o que fez com certo temor. Após receber o presente, permaneceu desconcertado segurando a garra sem saber o que fazer, então, continuou inerte e com os olhos cravados no animal que também o observava, revelando possuir uma inteligência considerável. Enquanto se mantinha

imóvel e apalermado, conjecturou que o ser à sua frente talvez tivesse uma inteligência superior à sua, e o estivesse adulando com o intuito de estudá-lo, mas logo em seguida descartou tal hipótese considerando-a excessivamente imaginativa e muitíssimo desconfortável, e preferiu acreditar que o animal apenas imitava seu comportamento da véspera, capacidade que já demonstrava uma inteligência extraordinária para um animal. Também se impressionou com o comprimento, a habilidade e a delicadeza do tentáculo, tudo isso evidenciado durante os breves instantes em que lhe oferecia a garra.

Seus olhos e os do animal continuaram a se encontrar fixamente; a tensão mais aguda, o medo inicial, haviam sido ambos quebrados quando recebeu a oferenda gentil, mas continuava desconsertado pela presença tão próxima do estranho ser, cujo corpo permanecia semi-oculto, espreitando apenas com os olhos acima da água. Era difícil calcular seu tamanho e forma, embora o tentáculo, guarnecido de inúmeras ventosas, sugerisse fortemente uma natureza cefalópode, indicando uma forma semelhante à de um polvo, se é que se pode dizer que os polvos possuem verdadeiramente uma forma. Imaginou que aqueles olhos que o perscrutavam com atenção estavam encravados em uma volumosa cabeça bulbosa da qual emergiam inúmeros e imensos tentáculos que se contorciam por entre as águas, poderosos e ágeis, apesar de só lhe ter sido mostrada a calota superior da cabeça e a extremidade de um tentáculo.

Após alguns minutos de contemplação mútua, a tensão acabou por se dissipar completamente, restando a enorme curiosidade, munida de uma intensa imaginação que esculpia o ser sob as mais diversas naturezas e as mais variadas formas fictícias, desde monstro infernal, até um inusitado ser marinho de natureza angelical, embora no mais das vezes permanecesse criando variações em torno de um polvo prototípico, um animal dotado de certa inteligência e que apenas o imitava, e em outras, se deixasse levar pela idéia improvável, mas cada vez mais desejável, de que fosse um ser dotado de inteligência, e assim sendo, idêntico à sua natureza racional exceto pela forma. Era notável que a idéia de um ser inteligente o tivesse amedrontado bastante a princípio e que este sentimento tivesse sido deslocado por um outro, de desejo; com o passar das horas em que permaneciam em observação mútua, se deixou levar por devaneios nos quais poderia dialogar com o animal que se revelava culto e cortês, e talvez esses sonhos os tenham carregado até muito longe, de modo que quando voltou a perceber o mundo ao redor, notou que quase todo o céu já tomava a coloração escura da noite, menos a borda do horizonte que tocava o mar à sua frente, onde o sol havia se posto, e se viu novamente imerso no medo, ao constatar que o ser aparentemente imóvel, estava agora a menos de um metro de distância. Ergueu-se sobressaltado e caminhando de costas pela pedra, afastou-se da criatura. A lua cheia no céu limpo o ajudou a colher umas garras de caranguejo e iluminou seu caminho de volta para casa, enquanto divagava sobre a natureza daquele estranho ser que contemplara durante quase todo o dia.

Na manhã seguinte voltou à mesma pedra onde não tardou a constatar a presença silenciosa do animal e novamente aceitou uma garra de caranguejo

gentilmente oferecida por ele, fazendo isso quase sem temor. Dessa vez analisara com mais atenção e calma o longo e hábil tentáculo ornado de ventosas ondulando elegantemente à sua frente, e seu receio ante a presença do animal só se manifestou quando pegou oferenda, se aproximando excessiva e temerariamente do ser desconhecido, embora os gestos da criatura revelassem uma delicadeza tranqüilizadora, apesar da força que o imenso tentáculo parecia ostentar. Nitidamente o animal havia se posicionado ligeiramente mais perto que na manhã anterior se aproximando com ainda mais lentidão, aparentemente deixando que o balanço leve das ondas o arrastasse vagarosa e controladamente. Permaneceram ambos na mesma imobilidade por mais de uma hora, embora a proximidade fosse então bem maior que na véspera, e se mantivessem como se posicionados para uma conversa. Após esse longo tempo, suavemente e com gestos medidos, ergueu a mão enquanto seus olhos permaneciam fixos no ser, no que foi correspondido pela emergência de um tentáculo, que se levantou até a altura aproximada de um braço, ao lado da posição dos olhos; em resposta a essa contrapartida demonstrada pelo ser, pronunciou umas palavras de saudação, mas a isso não houve resposta. Em seguida abaixou o braço com cautela e se ergueu, ainda contemplando o animal, e dessa posição pode ver o corpo imenso da criatura sob a água, que se estendia raiado abaixo da cabeça enorme que sustinha aqueles olhos fixos. Tinha de fato a forma de um polvo, como suspeitara antes, e foi sem surpresa que viu o cefalópode erguer dois tentáculos em resposta ao soerguimento de seus dois braços. Pronunciou mais algumas palavras, que não causaram nenhuma reação, sugerindo uma provável surdez do ser, nada espantosa em um animal sub-aquático. Nesse momento percebeu-se quase cercado por um número elevado de outros olhos que também o observavam de uma distância relativamente curta, mas o pânico que quase se instalou em sua mente foi imediatamente abortado pela reação do ser que, movendo os olhos segura e calmamente, pareceu comandar o afastamento dos outros, em especial dos posicionados nas águas mais rasas na proximidade da areia, causando com isso a sensação de um cerco. Quase todos, ao mesmo tempo, se afastaram com certa lentidão e se agruparam um pouco atrás do que se comportava como líder e permanecia a cerca de um metro a sua frente. Foi quando teve a convicção de que aqueles seres tinham certo grau de inteligência, e que não só se comunicavam, mas podiam perceber e antever suas emoções, e sentiu uma felicidade intensa pelo contato especialíssimo que aguçava sua curiosidade a extremos. Tentou uma vez mais, em vão, dirigir palavras ao ser, e na ausência de resposta tentou imaginar um modo de estabelecer, ao menos, um contato superficial com aqueles seres inteligentes. Conjeturou que eles próprios devessem estar não menos intrigados com a sua presença, e que certamente também indagavam sobre sua própria inteligência, mas antes que imaginasse alguma maneira eficiente de se comunicar com os seres, viu um dos tentáculos se elevar novamente sobre as águas, e dessa vez foi ele quem imitou o movimento do outro. Em seguida o tentáculo se agitou no ar elegante e delicadamente, ato que tentou repetir com precisão; em resposta a seu movimento obteve uma profusão de gestos dos vários polvos que se mantinham à distância, que, com enorme satisfação, interpretou como uma algaravia de vozes silenciosas. Tendo refletido por um breve instante, repetiu o mesmo gesto que havia feito antes, mas dessa vez sem causar a mesma agitação anterior; daí em

diante apenas alguns tentáculos se ergueram alternadamente, gesticulando de um modo complexo que ele tentava reproduzir com exatidão, embora se descobrisse incapaz de revirar o braço com a maleabilidade impressionante que os seres demonstravam, mesmo assim, contorceu e ondulou seu braço por certo tempo em resposta aos movimentos propostos pelos seres. Após algumas horas, todos eles haviam se retirado, restando apenas o primeiro ser que ainda permanecia imóvel e bem perto. Como sentisse fome, inclinou o corpo numa espécie de reverência ao ser e se encaminhou para a areia, de onde voltou tão rápido quanto pôde, trazendo várias garras de caranguejo e uma pedra do tamanho apropriado para um triturador, ofereceu uma das garras ao ser, que após recebê-la, e com gestos delicados, ergueu outro tentáculo e o ondulou no ar, no que foi interpretado como uma forma de agradecimento. Tentou então repetir as complicadas circunvoluções com seu braço; no futuro arriscaria repetir tal gesto em agradecimento a uma garra que porventura lhe viesse a ser oferecida. Em seguida se sentou, e comeu a carne que, com o auxílio da pedra que trouxera, retirava da garra e enquanto tinha a sensação de que, simultaneamente, o ser também comia a carne que lhe fora ofertada, o que o levou a lhe oferecer mais duas garras; a dupla oferta pareceu confundir momentaneamente o ser, cujo tentáculo demonstrou certa hesitação, como se titubeasse em receber a oferenda, mas após aparente e breve vacilação, agarrou as duas garras ao mesmo tempo em que meneou elegantemente um outro tentáculo no ar, de maneira aparentemente análoga àquela que já anteriormente havia sido interpretada como um agradecimento. Após alguns minutos, ofereceu novamente duas garras para o ser, mas dessa vez ele apenas ondulou um tentáculo sobre a água sem esboçar o desejo de receber o que lhe era apresentado. Quando terminou sua refeição, sentiu uma lufada mais forte de vento e ao girar a cabeça constatou sinais evidentes da iminência de uma tormenta; levantou-se preocupado e perscrutou com atenção a região do céu escurecida e manchada pela forte tempestade vindoura que não evidenciava semelhanças com os tornados violentíssimos que freqüentemente varriam aquela paisagem, mesmo assim achou melhor se precaver e voltar para casa; então, se levantou e curvou o corpo numa reverência ao ser imóvel entre as águas. Encaminhou-se para casa com uma pressa que não chegava a ser exagerada, recebendo com alegria o vento, cuja intensidade normalmente já seria incômoda; antes de chegar, ainda foi colhido pelas fortes gotas de água gelada que caíam do céu, mas após entrar em casa e se secar, sentia um entusiasmo juvenil e uma felicidade imensa. A tormenta do lado de fora se tornou ainda mais pesada escurecendo o céu tremendamente e fustigando os arredores pelo resto da tarde, obrigando-o a permanecer em casa enquanto treinava com alegria juvenil os movimentos sinuosos dos braços e das mãos recém aprendidos.

Na manhã seguinte acordou com muitas dúvidas e a curiosidade desperta: havia constatado inequivocamente a inteligência dos seres que encontrara, talvez até maior que a dele próprio, considerou, por conseguinte, que não poderiam ser perigosos da mesma maneira que as feras; não tinha dúvida de que seres inteligentes poderiam ser perigosíssimos, mas achava extremamente improvável que algum deles

o quisesse, pura e simplesmente, devorar; concluiu que, por essa razão, não haveria perigo em voltar a nadar na praia, embora talvez viesse a sentir algum incômodo pelo fato de se sentir observado; com isso em mente, foi até a praia e entrou na água, relativamente quente naquela manhã; se divertiu entre as ondas sob o céu muito limpo e ensolarado, enquanto observava as estratégias dos seres que caçavam a certa distância de onde se encontrava. Já havia nadado por um tempo considerável e já se preparava para sair da água, quando sentiu algo como uma comichão muito ligeira na perna, de fato, não sabia definir exatamente aquela sensação sutil e que seria até agradável não fosse a apreensão que sempre acompanha todas as coisas que desconhecemos. Ficou atento à repetição daquela impressão, que voltou a se manifestar em diversas partes do corpo, desde o pé até quase o peito, pela frente e pelas costas, e quando a incompreensão do fenômeno já começava a incomodar, a cabeça do cefalópode emergiu um metro à sua frente, com os dois grandes olhos protuberantes cravados nos seus, causando um susto enorme que o fez agitar ambos os braços sobre as águas, e todo o corpo numa contração simultânea de todos os músculos, mas ao mesmo tempo o ser pareceu perceber seu medo e se afastou um pouco, para em seguida agitar o tentáculo sobre a água acima da própria cabeça da mesma forma hábil e elegante que já havia demonstrado anteriormente ajudando-o a controlar-se e a tentar repetir, com a mão e o braço, o gesto complexo que observava, mas se sentia inábil para executar os movimentos enquanto se mantinha flutuando na água, então decidiu tentar chamar o ser para águas mais rasas, onde conseguia permanecer de pé, olhou para a terra e fez uns gestos indicando aquela direção, e embora não acreditasse que o ser conseguisse compreendê-lo, não ficou surpreso quando ele o seguiu para lá. Com a água no nível da cintura, o que supôs ser uma profundidade confortável para a criatura, manteve-se estático o quanto as ondas amenas permitiram, e tentou aprofundar o contato com o enigmático ser à sua frente. Com o corpo fora da água, conseguiu notar os tentáculos que se agitavam muito perto de seu corpo, causando aquela sensação peculiar que o havia intrigado minutos antes; percebeu que movimentos similares aos que havia visto fora da água, eram agora repetidos nas proximidades de seu corpo e tentou responder com seus próprios gestos submersos, após imergir quase todo o corpo, embora notasse que seus movimentos sob a água, ocultos de seus olhos, eram provavelmente muito mais imperfeitos que quando acompanhados por sua vista. Mesmo assim, tentou executar sob as águas os gestos que havia treinado em casa. Já havia suspeitado que a tentativa de comunicação sobre a água seria necessária em decorrência de sua própria natureza; havia considerado que seres submarinos, caso se comunicassem uns com os outros, obviamente deveriam fazê-lo de um modo sub-aquático, assim sendo, imaginou que os sinais constituíam de fato a forma de comunicação natural de tais seres, e continuou seu aprendizado tentando encontrar uma posição adequada que permitisse o deslocamento do braço sob a água, e ao mesmo tempo a visão dos gestos de seu interlocutor, uma vez que, pelo tato, se sentisse completamente incapaz de discernir entre as inúmeras variações articuladas pelo ser, apesar de supor que a forma primária de percepção dos sinais fosse tátil, e não visual. Se isso era de fato verdade, seguramente o ser já teria notado que ele apresentava uma espécie de “surdez tátil”, que dificultava tanto a sua compreensão quanto o desconhecimento da linguagem e a

quase completa ausência de uma experiência passada comum. Apesar disso, e de não ter certeza de que quem estava ali era sempre o mesmo ser, ou se a cada dia era uma criatura diferente que vinha com o intuito de satisfazer a própria curiosidade, dedicou-se com afinco ao estudo daquela forma de comunicação.

Naqueles primeiros dias de contato tudo era enigma e o aprendizado parecia inútil. Costumava atribuir um significado aos gestos que fazia, assim, quando executava o aceno que supunha ser de saudação, pronunciava um olá, ao se despedir, ao mesmo tempo em que movia o braço, dizia: até, e assim por diante, no entanto, a maioria de suas hipóteses para a interpretação dos gestos acabava por se revelar errônea, e para a maioria dos sinais que tentava repetir, não conseguia fazer absolutamente nenhuma hipótese plausível, deixando-se vagar por repetições vazias de significado, meras momices. Ocorria também, vez por outra, que durante as tentativas subaquáticas de diálogo, os dois seres se tocassem suavemente. Os primeiros contatos desse tipo foram quase tensos, mas acabaram por se tornar eventualidades anódinas, embora tenham sido esses toques que acabaram alterando decisivamente o rumo do aprendizado: durante uma das tentativas de conversa, o estranho ser segurou suavemente a mão do outro e com leves movimentos alternados, pressionou-lhe a palma, o que ele repetiu, na medida do possível, pressionando o tentáculo do ser, no mesmo ritmo e tensão, e tentando deslocar os toques para frente e para trás, na mesma seqüência em que os recebia. A primeira resposta desse tipo teria sido apenas uma graça; como passava grande parte de seu tempo tentando reproduzir gestos, repetiu de modo brincalhão a seqüência de apalpadelas que recebeu, e no mesmo instante o ser retirou da água os olhos que agora mantinha quase sempre sob a água e iniciou nova seqüência de toques, muito pausados, enquanto o olhava. A duplicação dessas seqüências parecia muito mais fácil que a dos gestos sinuosos e sutis executados com um braço ósseo pretendendo imitar o contorcionismo flexível do longo tentáculo carnudo, além disso, supôs que cada um dos toques apresentados seguidamente, correspondia a uma unidade; compreendeu-os como símbolos individuais, e tendo contado vinte e um toques diversos associou cada um deles a uma letra, que enunciava com a voz enquanto o executava as apalpadelas, divertindo-se com a idéia de que estava treinando uma espécie de datilografia direta: deveria interpretar os toques “datilografados” em seu corpo, e respondê-los por sua vez com sua própria digitação; tendo decorado a seqüência completa de toques, e as correspondentes letras do alfabeto que havia associado a cada um deles, passou a enunciar as várias seqüências, notando que as palavras que pronunciava se repetiam com certa freqüência, o que assegurava que havia compreendido corretamente aquilo que lhe fora datilografado. A partir desse dia, as conversas com o ser passaram a ser acompanhadas por uma espécie de tradução oral, que correspondia meramente a uma sonorização dos toques, mas, foi assim, ouvindo o que ele próprio pronunciava, tanto ao senti-los quanto ao executá-los, que constatou satisfeito e com certo espanto, que parecia estar fazendo progressos; após meses de conversa gestual submarina inútil em que não adquiriu nenhum conhecimento da estranha língua, passou a ter a sensação inequívoca de que, muitas vezes, conseguia comunicar a idéia que pensava, e que

também entendia, quase com clareza, algumas das informações que lhe eram ditas. Quando começaram os toques, o interesse pela comunicação voltou ao ímpeto inicial e a cada nova sensação de aquisição de domínio da estranha língua, ganhava ainda mais ânimo para a tarefa proposta; nunca houve uma tentativa de produzir sons por parte do ser, coisa que lhe seria impossível e impensável.

Muito tempo se passou durante o longo aprendizado da estranha gramática e do vocabulário ambíguo e de difícil compreensão, tudo isso imerso em regras de conduta muito estritas que também funcionavam como regras gramaticais, tudo articulado com toques cujo ritmo e pressão definiam a pontuação e a ênfase de conversas que, no mais das vezes, versavam sobre um mundo submarino desconhecido e talvez fantástico; de fato, a fantasia parecia sempre se mesclar com o conjunto do discurso formando um amontoado metafórico talvez mais diretamente sentido pela alma que compreendido pela razão, mas após algum tempo passou a pensar utilizando aquela estranha língua mesmo quando estava em casa, completamente apartado do mundo aquático, e depois, até em sonhos passou a se comunicar daquele modo táctil, ainda que sempre acompanhado pelas respectivas vocalizações e houve mesmo um tempo em que parecia ter esquecido qualquer outra língua que um dia houvesse aprendido, sentindo como se estivesse a falar o que havia sempre ouvido desde o berço. Desse modo sua única língua passou a ser aquela, suave e poética, embora sinuosa e sutil. Durante o longo tempo de aprendizado se esquivou de inúmeras tormentas que continuavam assolando o mundo, e que sempre vinham quando deviam ocorrer, mas que por vezes surgiam fora de época; e foram muitas as estações de tormentas que vieram e se foram, e de igual número as estações tranquilas em que os tufões eram raros e não tão violentos. Alguns dos vendavais foram recebidos dentro da gruta, coisa que aconteceu com quase todos os piores, ou talvez fossem piores exatamente por terem sido passados na escuridão úmida da gruta, enquanto a maioria deles foi recebida quando já estava em casa, sempre se comprazendo com a segurança inusitada daquele abrigo milenar e perfeito, ainda que enigmático, pois durante todo o tempo não obteve nem a mais ínfima pista da origem do bendito refúgio. Houve apenas duas ocasiões em que o vendaval o colheu a meio caminho entre a praia e sua casa, uma delas por total descuido, embora tivesse sido uma tormenta não muito pesada, e teve sorte por se abrigar em uma gruta rasa e bem conhecida situada nas proximidades de casa; tinha passado a véspera abrigado na gruta da praia, e maldissera a necessidade de permanecer por lá durante mais um dia, se lançando para casa descuidadamente, arriscando ser varrido pelo furacão que já se impunha: teve sorte de que os ventos tivessem sido complacentes. Mas foi em outra ocasião que o destino o levou a escapar por capricho: percebeu os sinais de uma tormenta fortíssima que se formava, e se dirigiu imediatamente para casa de modo a esperar o monstro em seu abrigo mais seguro, mas os sinais se alteraram imediatamente e os ventos fortes o colheram de frente, dificultando muitíssimo sua progressão na direção de casa enquanto a poeira espalhada no ar mais que irritava os olhos, e o fazia apenas vislumbrar os arredores escurecidos e quase opacos. Praticamente impedido de ver e tendo que adivinhar sua posição no meio daquele turbilhão sonoro e implacável, sentiu-se levado por uma força irresistível, e pareceu um estranho milagre que reconhecesse a entrada de sua casa exatamente onde foi arremessado pela intempérie,

com o corpo moído e lanhado. Arrastou-se pelo chão até um canto bem protegido, onde dormiu no mesmo estado lamentável em que havia chegado. Nunca entendeu que estranhas forças o haviam carregado, para em seguida o poupar, e nem de que modo tudo aquilo tinha acontecido, pois só se recordava a imensa confusão turbilhonante de puxões e empurrões em meio a estrondos, do corpo doído, dos olhos ardentes, e da surpreendente calma que se seguiu. Refletiu muitas vezes sobre esses mesmos fatos, mas nunca conseguiu entender o que lhe ocorrera.

E enquanto se sucediam as estações, os anos, e as tormentas, os dias transcorriam, sempre que possível, na mesma ordem: as conversas na beira da água, intercaladas por intervalos de desjejum e por fugas de tufões, enquanto as noites solitárias eram passadas no aconchego de casa, nunca mais fez nenhuma viagem e nenhuma outra exploração, não voltando nem mesmo nas belas paisagens litorâneas que havia descoberto um dia. Ainda comia um pouco de sua comida seca, mas em porções mínimas a cada dia, alimentando-se basicamente dos animais que conseguia na praia: ostras, peixes e garras de caranguejo, que ainda eram seu alimento principal. Algumas vezes conseguia caçar um peixe nas poças naturais entre as pedras sutilmente transformadas em arapucas, mas normalmente quem oferecia o peixe ainda vivo era o ser, que conseguia pescar com muita facilidade mesmo enquanto dialogava. Poucas vezes conversou com outros daqueles seres; dia após dia quem surgia no mesmo ponto era sempre o mesmo e os diálogos prosseguiram de onde haviam parado na véspera, e assim continuava o aprendizado ininterruptamente.

No início, quase toda a atenção se concentrava na aquisição da linguagem: os toques na palma da mão retribuídos por ligeiras e seguras compressões nos tentáculos. A habilidade com os dedos veio naturalmente devido ao treino, e em pouco tempo conseguia se expressar com a mão, com a mesma rapidez com que falaria normalmente, pronunciando as palavras; mas os significados intrincados dos vocábulos demoraram muito mais a ser compreendidos, e por um longo tempo cometeu tantos equívocos que a comunicação verdadeira chegou a parecer impossível, mas um dia, como se o sol claro se descobrisse repentinamente de nuvens pesadas, o conjunto quase inteiro de significados se revelou em bloco, e ao mesmo tempo, as variadas construções gramaticais. Na noite que se seguiu a essa revelação teve um estranho sonho, em que seu corpo endurecia e ficava completamente rígido e imóvel, tentou em vão mover os pés e as mãos, ou um dedo que fosse, mas apesar do desespero, mantinha-se na mais completa imobilidade até sentir sua pele secar e endurecer e depois se rachar nas costas, desde o pescoço até as nádegas, e com um esforço desesperado e aflito conseguiu se agitar convulsivamente, até perceber que libertava seu novo corpo de dentro da casca anterior que o prendia; pela fenda surgida nas costas emergiu com a forma de um polvo enorme, que se libertou do invólucro aprisionador e mergulhou e nadou nas águas com enorme alegria, e tateou e se arrastou por pedras e gruta e perscrutou fendas excessivamente estreitas embora, naquele momento, acessíveis, e abraçou outro ser que também tinha a sua forma e se emaranhou entre seus tentáculos, tornando indiscerníveis as partes que eram de cada um dos corpos transformando-os em um único, e bailou entre as águas que o

sustinham e o embalavam envolvendo-o por completo. Quando emergiu desse sonho sentindo-se imensamente feliz e renovado, sem ao menos perceber, passou a pensar utilizando exclusivamente a nova língua, abolindo os sons que costumava fazer enquanto conversava; então seus pensamentos passaram a lhe acorrer não mais em vozes, mas em ondas sucessivas de sensações tácteis, sob a forma de sutis verbalizações tangíveis, suaves e seguras. Sentia uma grande elegância naquela forma de linguagem extraordinariamente poética e metafórica, e ao mesmo tempo imensamente precisa.

Dessa noite em diante passou a rever todo o seu aprendizado prévio, e todas as informações nebulosas adquiridas anteriormente ganharam nova luz e significado mais preciso, e se sentiu como se estivesse dando adeus à infância; sob o novo enfoque reaprendeu tudo o que anteriormente pensava saber, mas de uma nova forma ao mesmo tempo mais luminosa e palpável; a partir desse momento as conversas ganharam mais consistência e profundidade.

Também ocorreu nesse tempo uma sensação estranha, talvez relacionada a tudo isso: via a si mesmo como se houvesse renascido, e considerava sua vida tendo começado com a iluminação, como chamava a aquisição completa daquela linguagem, embora lembrasse de um passado longínquo vivido em local distante das águas, um passado vazio e vivenciado a esmo, sem nenhuma finalidade possível, embebido em lembranças nebulosas e caóticas, um período de fatos confusos e desconexos que se sucediam desordenadamente ao sabor do acaso. Muito mais remotamente, tinha uma lembrança extremamente vaga de um tempo ainda anterior, vivido em um mundo completamente diverso, mas tais lembranças, se assim se pode chamar, eram muitíssimo afastadas e ainda mais enevoadas, de modo que nenhum significado se perpetuara desse tempo anterior e opaco, cujas recordações se assemelhavam a sonhos incompreensíveis vividos em um ambiente onírico fantasioso, ou talvez, às lembranças improváveis e confusas de uma época vivida no interior da própria mãe.

Conquanto nos primeiros tempos os diálogos se ativessem quase que exclusivamente ao aprendizado da língua, agora versavam sobre todas as coisas, e não só os arredores, mas também os hábitos, crenças e desejos do povo que constituía aquela civilização aquática foram transmitidos e debatidos.

Suas casas consistiam em pequenos abrigos solitários para onde voltavam exclusivamente para dormir, o que costumavam fazer apenas durante os últimos minutos que antecediam o por do sol, e despertar com os primeiros raios luminosos da manhã, para então caçar algum peixe comido sempre muito fresco. Tinham uma habilidade extrema para a pesca, e normalmente capturavam em pleno ar algum dos peixes que, em enormes cardumes, costumavam planar sobre as águas; estendiam um longo tentáculo no ar e com enorme rapidez acompanhavam um dos peixes e o agarravam com extrema precisão, eram quase infalíveis nessa modalidade de caça e muito raramente erravam o bote quando o cardume se movimentava em uma distância ao seu alcance. Capturavam também, quando lhes apetecia, os peixes que nadavam sob as águas, embora usualmente preferissem saborear as variedades

planadoras, que constituíam a base de seu cardápio. Também lhes agradavam ao paladar os caranguejos, siris, camarões, lagostas, moluscos e até mesmo as estrelas e os ouriços do mar, embora estas últimas iguarias constituíssem apenas uma parte muito pequena de sua alimentação, uma espécie de variação nutritiva enriquecedora, um mero complemento requintado da dieta básica de peixes e crustáceos.

Alimentavam-se em intervalos regulares, guardando o final da manhã para a ingestão de crustáceos, e a última refeição noturna para a degustação de ostras; tinham grande rigidez com certos horários e normas para a alimentação adequada, baseadas em preceitos religiosos transmitidos oralmente, digo, através de mímicas, bastante rigorosos e seguidos à risca por quase todos. Tanto a captura dos alimentos quanto sua ingestão, eram sempre acompanhadas por gestos rituais consagrados à vida dos seres sacrificados na ocasião, e posteriormente ratificados por outros sinais em agradecimento à dádiva que o alimento constituía.

Em virtude de seu modo radical de acasalamento que exigia que a esposa devorasse o marido durante as núpcias, e do mais absoluto cuidado devotado pelas mães a seus ovos, que as levava a sucumbir desnutridas devido ao longo período em jejum, durante o qual velavam seus ovos e esperavam o nascimento dos bebês, estes, que já nasciam órfãos, passavam a infância com uma ama que encontravam na região costeira não muito profunda, desenvolviam com ela uma relação maternal profundamente afetiva que envolvia carinho e alimentação, e que era complementada pelo aprendizado dos fundamentos espirituais, religiosos e culturais do povo, e de quase tudo o que fosse necessário aprender durante a vida, dessa forma, a ama correspondia a um só tempo à mãe, ao pai e ao conjunto dos professores, sendo raros os contatos das crianças com outros indivíduos adultos. Cada ama possuía em média dois enteados, embora muitas só possuíssem um, e outras três, quatro, ou eventualmente e até mais que isso, sendo esse número deliberado pelo acaso, que levava as crianças até os tentáculos da ama. Passados uns três anos, embora com ligeiras variações nesse tempo, as crianças se tornavam jovens e deixavam a companhia da mãe adotiva, nessa ocasião as moças se agrupavam em locais nas proximidades da costa, enquanto os jovens rapazes se dirigiam para as águas profundas, e pouco se sabia de suas vidas durante o longo tempo em que passavam afastados. Quanto às moças, compartilhavam o conhecimento adquirido durante a infância enquanto se preparavam para a vida adulta, transcorrida em sítio um pouco mais afastado da praia, mas não tão longe que chegassem ao local distante onde habitavam os machos, ali, acabavam por encontrar seus próprios enteados e constituir sua família, que era logo trazida para a proximidade da praia, onde permaneciam praticamente isoladas de todas as demais. Nesse período, as amas ficavam estreitamente ligadas às crianças, permanecendo juntas durante a totalidade do tempo em que passavam despertas, e sempre no mesmo local, dia após dia, informando para os seus, tudo aquilo que um dia lhes fora transmitido, e perpetuando o vasto conhecimento e a riqueza enorme de princípios que constituíam toda a cultura daquela civilização. Nesse período mantinham-se dia a dia no mesmo exato local, permitindo-se apenas deslocamentos muito eventuais e sempre acompanhados pelos seus, que nunca se afastavam da mãe adotiva, exceto para dormir, o que faziam todos simultânea, mas isoladamente. Tendo transmitido todo o conhecimento que um dia

lhes fora oferecido, chegava a hora dos jovens partirem, constituindo o ritual de despedida o último ensinamento que lhes era ofertado, e só muito ocasionalmente, talvez, voltassem a se rever uns aos outros, evento que poderia ser considerado raro; de fato, após uma infância estreitamente ligada à ama e aos eventuais irmãos de criação, e posteriormente à vivência juvenil em grupos que, durante o período adulto, o mais longo de suas vidas, aferia e ajustava os mesmos princípios adquiridos na infância, aquelas criaturas mantinham-se em um isolamento quase completo, embora tal afastamento dificilmente pudesse ser confundido com solidão, uma vez que, apesar da distância que constantemente mantinham uns dos outros, permanecessem numa espécie de comunhão quase total entre si, de modo que quando se deparavam uns com os outros, acabavam por vivenciar uma espécie de encontro consigo mesmos, tal a eficiência e completude dos ensinamentos recebidos, que faziam com que os encontros ocasionais, ainda que imensamente afáveis, se revelassem completamente vãos, dado que teriam para dizer um para o outro apenas o mesmo que ouviriam, de modo que o distanciamento entre todos, correspondia mais a uma aproximação excepcional entre cada indivíduo, que fazia com que todos fossem quase o mesmo, que a algum tipo de individualismo que exigisse o afastamento dos outros; assim, era uma espécie de identidade quase absoluta entre todos, que tornava os contatos entre eles desnecessários. Quando as crianças, tornadas jovens, deixavam a ama em busca de seus próprios caminhos, esta mudava novamente o local onde passava seus dias, passando a habitar a região situada além daquela onde as jovens amas acabavam por encontrar seus enteados, embora não tão distante quanto a vasta área longínqua onde habitavam os machos. Nesse lugar viveria por vários anos, enquanto ainda crescia e ganhava corpo, até que numa certa noite, durante o período da lua magna, sentiria a chegada da hora da grande jornada, e seguiria a luz brilhante sobre o céu que a guiaria ao Local, onde provavelmente encontraria um dos machos vindo de algures das regiões profundas e os dois se envolveriam em um abraço apaixonado.

Os fatos anteriormente descritos aconteceram com alguém que, de certo modo, devo chamar de “eu”. Mas um eu que só consigo perceber na terceira pessoa, tamanha é a distância, que sinto entre mim e aquele eu cujas recordações ainda consigo evocar, mas que parecia agir de um modo vazio, como uma dança solo executada sem música e sem propósito, e sem nenhum ritmo que marcasse os passos desconexos que mais se assemelhavam ao movimento desvairado de um louco. Mesmo sem conseguir perceber qualquer intento em todas as ações cujas lembranças me vêm à mente, e que compõem esse outro eu que foi um dia e que já não é, tenho que admitir que houve esse outro eu de que me recordo, mas ao qual, por tudo isso, só posso me referir como outro.

Os relatos etnográficos que acabo de descrever, me foram revelados na linguagem digital que eu ouvia com as mãos e que com elas respondia, e que, creio, pode ser, quase toda ela traduzida para esta com certa facilidade, e que é excelente

para a descrição de objetos e fatos concretos, devido à sua precisão extrema, aliada à concisão com que é normalmente utilizada. Apesar de todo esse mérito, tal forma de comunicação é usada apenas durante o aprendizado infantil mais inicial do povo das águas, e se constitui mais em uma ponte para a aquisição da linguagem adulta, que em um modo autônomo de comunicação, pois sua exatidão, perfeita para inúmeras finalidades práticas, a desfavorece para a elaboração do linguajar poético multidimensional necessário para o compartilhamento, que é a forma de compreensão mais profunda, e inerente à linguagem mímica utilizada pelos adultos. No entanto, aquilo a que me referi acima como “linguagem mímica”, e que talvez fosse mais propriamente descrita como uma linguagem musical muda, embora pudesse também ser apresentada como uma linguagem corporal análoga a uma dança, e que de fato se assemelha a tudo isso somado, e ainda algo mais, que eu sei que é poético, mas que sou incapaz de descrever em qualquer outra língua que não ela própria, constitui-se usualmente de múltiplos sinais simultâneos análogos a uma rica harmonia musical, elaborados com a destreza e a elegância de bailarinas, e que, exatamente por transcorrerem em vários planos simultâneos, tornam-se intraduzíveis, exceto nos raríssimos casos em que os mesmos múltiplos significados ocorrem em uma palavra de outra língua.

Esta mistura de música, dança e poesia, acrescida ainda de uma forma de expressão artística tátil, que em outros mundos só é mostrada de modo incipiente nas carícias românticas, não só permite, mas, quase impõe, o enriquecimento do vocabulário, que expresso simultaneamente, se assemelha a acordes musicais, compostos por várias notas tocadas em uníssono, de modo que ao conhecedor daquela linguagem, que embora muda é polifônica, outras linguagens se assemelham aos solos executados de forma nua, sem nenhuma harmonia que lhe acompanhe, além disso, dada sua fluidez, as palavras não se restringem à espécie de “cromatismo” – se mantemos a analogia musical – que impede a elaboração de palavras intermediárias entre duas distintas, do mesmo modo que apenas alguns instrumentos permitem que se executem os sons existentes entre o si e o dó, dessa forma, a expressão da língua é muitíssimo menos restrita que outras, permitindo a construção de uma infinidade de “palavras” e de “construções gramaticais” impensáveis nas formas de linguagem lineares e cromáticas cujas gramáticas impõem a sucessão dos significados, impossibilitando com isso tanto a construção simultânea de significados diversos, quanto a fluidez entre os vários significados modelados na linguagem, o que a torna incomensuravelmente mais rica que outras, no entanto, é exatamente essa imensa exuberância que faz com que seja intraduzível, e que impossibilita que sejam aqui transcritos os riquíssimos e variados ensinamentos daquele povo singular, embora suspeite que uma tentativa de tradução de textos daquela linguagem corporal para uma sonora, viesse a se assemelhar a uma sinfonia, ou a qualquer outra forma musical profundamente harmônica e elaborada.

Dentre as poucas peculiaridades de nossa cultura que podem ser verdadeiramente transcritas para linguagens lineares, dos tipos que podem ser dispostas em linhas que se seguem umas às outras sem que nunca sejam simultaneamente sobrepostas, e que constituem apenas uma parcela muito ínfima de todos os significados simultâneos embebidos em toda e qualquer ação do povo e que

perpassam toda a existência de cada um, rememoro o ato da concepção, embora tal palavra esboce apenas uma parte muito ínfima daquele ato de totalidade e comunhão, que ultrapassa enormemente a conjunção de dois seres, e que consiste muito mais em uma fusão totalizadora que transforma o ser em tudo e em nada, e que o faz ser todas as coisas a um só tempo, sendo também cada uma das coisas, e, além disso, sendo nada.

Depois da terceira tentativa frustrada de me lançar ao mar e lá permanecer, devido à minha incapacidade de viver plenamente longe da terra, desisti de tal intento, e continuo aqui à beira d'água, impossibilitado de cumprir meu destino e, ainda pior, impedindo que minha ama cumpra o seu: inexoravelmente ligada a meu fado e vedada a me deixar antes do término de meu aprendizado que só seria completado após minha jornada para as águas profundas. Contemplamos juntos, uma vez mais, a lua magna, guia da jornada derradeira, luz da revelação final e só contendo o forte impulso de me lançar ao mar devido às fortes lembranças dos agonizantes fracassos anteriores a que sobrevivi apenas por uma soma de acasos, e de um esforço tenaz de me manter vivo, mas cujas marcas profundamente atemorizantes ainda avivam tremendamente minhas recordações. Sinto minha ama, uma vez mais, enormemente agitada por forças emanadas pela lua, mas ainda assim aferrada a seu dever, e me sinto a um só tempo impotente e inútil, e enquanto a lua e as ondas nos agitam à beira d'água, acalento minha ama atada a mim por minha própria incapacidade, e sinto sua canção tátil que me acaricia enquanto ela se agita; em contato com seu corpo experimento a música-dança mais sensual e envolvente que jamais ouvi e me sinto embalado pela canção acalentadora que me afaga, e que eu não escuto com os ouvidos, mas por inteiro, ouço a melodia sinfônica com todo o corpo, música que se entranha em mim por completo e que me embala e me compele a dançar no mesmo ritmo, criando eu mesmo minha própria cantiga mímica dançante, que também envolve tudo ao redor, e sinto o corpo de minha ama se aproximar mais e mais do meu, e me envolver em seus tentáculos dançantes, enquanto a lua brilha imensamente e nos chama para regiões distantes a que estou impossibilitado de ir, e acaricio minha ama, um pobre consolo pelo mal que involuntariamente lhe imponho, e ela me retribui o carinho com a mais envolvente canção, que, absolutamente plena de significados, toma meu corpo por inteiro e me agita no seu ritmo e me faz dançar, enquanto componho com todo o meu corpo uma canção que complementa e se agrega à sinfonia tátil emanada da figura envolvente de minha ama, que agora me abarca por completo se enroscando em mim sinuosamente e me acariciando delirantemente, enquanto a lua se faz chama e fulgor e parece reger nossa dança apertada que nos transforma em um único corpo sob as águas e nos enleva e nos transporta desse mundo para algum lugar que é apenas tátil e que é pura carícia, embora paixão e volúpia, e nos puxamos um para o outro ardorosamente na tentativa de aniquilar a existência individual transformando-nos ambos em um único ser, enquanto o brilho da lua incendeia e o abraço totalmente envolvente nos contorce em um impulso espasmódico quase brutal, mas que é carícia e delírio, enquanto a sensação semelhante ao calor, mas também diferente dessa, começa a me invadir, e nesse

instante sinto que ela me devora e me suga, enquanto eu a puxo para mim com total volúpia empurrando ao mesmo tempo o meu corpo prestes a desaparecer sobre o dela e me deixo invadir pela sinfonia total que ouço com todo o meu corpo enquanto o abraço envolvente desaparece e se transmuta em som, que é tudo o que resta, o som táctil da sinfonia divina e a lua brilhando no céu como um sol que explode em infinitos pedacinhos de luz, fagulhas rapidíssimas que eu acompanho até me perceber eu mesmo fagulha, me deslocando no vazio imenso povoado apenas por fagulhas; é quando faz-se a luz e o mundo se ilumina, e eu vejo nascerem as estrelas em um tempo infinito paradoxalmente transcorrido em um átimo, e logo surgem os mundos sobre os quais vôo em alegria exuberante e entre acrobacias aéreas encontro a presença de minha ama voando ao meu lado ao executarmos piruetas rapidíssimas pelos ares, e então sinto que sou planta, e ela está ao meu lado, e então somos grama e logo somos árvore, e somos peixe e pássaro, enquanto também somos montanha, e somos a água do mar e as nuvens, e as tormentas mais brutais e a brisa calma, e somos também o céu e as estrelas, enquanto flutuamos pelas totalidades de espaço e de tempo, nos movendo ambos como um só que realmente somos; até que, por fim, somos tudo o que existe.

Este livro não está à venda, você pode contribuir com qualquer valor que julgar adequado. A conta do autor é: banco do Brasil, agência 12300, conta 33 461-8. (Se não souber que valor depositar sugiro algo entre R\$ 5,00, ou R\$ 10,00, mas a contribuição fica a seu critério)